



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO - PPGDE/UFPR
CURSO DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO**

ANTONIO CARNEIRO DE ALMEIDA JÚNIOR

**OS FATORES DETERMINANTES DA DESACELERAÇÃO
ECONÔMICA DA UNIÃO SOVIÉTICA**

**CURITIBA
2011**

ANTONIO CARNEIRO DE ALMEIDA JÚNIOR

**OS FATORES DETERMINANTES DA DESACELERAÇÃO
ECONÔMICA DA UNIÃO SOVIÉTICA**

*Dissertação apresentada como
requisito parcial para obtenção do
título de mestre através do
Programa de Pós-Graduação da
Universidade Federal do Paraná -
PPGDE/UFPR*

*Professor Orientador: Claus Magno
Germer*

**CURITIBA
2011**

- A447 Almeida Júnior, Antonio Carneiro de
Os fatores determinantes da desaceleração econômica
da União Soviética / Antonio Carneiro de Almeida Júnior.— Curitiba, 2011.
f.
Orientador : Claus Magno Germer
Dissertação(mestrado)- Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico.
- 1.União soviética – Economia. 2. União Soviética – Aspectos econômicos. I. Germer, Claus Magno. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico. III. Título.

CDD 22.ed. 354.00947

Samira do Rego Elias CRB-9/755

TERMO DE APROVAÇÃO

ANTONIO CARNEIRO DE ALMEIDA JÚNIOR

OS FATORES DETERMINANTES DA DESACELERAÇÃO ECONÔMICA DA UNIÃO SOVIÉTICA

*Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre
através do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná -
PPGDE/UFPR*

Membros da Banca:

Professor Doutor Claus Magno Germer (Orientador)
Departamento de Economia (UFPR)

Professor Doutor Francisco Paulo Cipolla (Examinador)
Departamento de Economia (UFPR)

Professor Doutor Nelson Rosas Ribeiro (Examinador Externo)
Departamento de Economia (UFPB)

Aos heróis da revolução soviética e a todos os militantes do movimento comunista nacional e internacional

Aos primeiros por travarem uma luta árdua contra o poder da burguesia russa e, em seguida, contra a burguesia internacional na intenção de construir um Modo de Produção superior ao Capitalista. Aos últimos por darem continuidade a esta luta e, assim, constituírem a vanguarda revolucionária dos nossos tempos.

AGRADECIMENTOS

A realização do presente trabalho, em nenhum momento, esteve destituída de colaborações, sejam diretas ou indiretas. Faz-se necessário agradecer aqui a todos que colaboraram nesta realização e em especial:

Aos meus pais, Antonio Carneiro de Almeida e Maria José Beijamin de Almeida, por me incentivarem aos estudos desde os tempos de infância, por me apoiarem financeira e emocionalmente durante meus estudos de primeiro e segundo grau e durante toda a trajetória acadêmica que desenvolvi até hoje, e por serem os principais responsáveis pela formação do meu caráter e integridade;

A todos os meus familiares que colaboraram e continuam a colaborar com minha evolução como pessoa e como profissional, em particular aos meus tios Osvaldo Faustino da Nóbrega e Augusta Carneiro de Almeida Nóbrega. Ao primeiro, agradeço por ter colaborado diretamente na minha formação acadêmica, à última, agradeço por colaborar diretamente com minha formação desde os meus primeiros anos na escola. A ambos, agradeço por sempre estarem presentes como familiares e amigos que estavam sempre prontos a me ajudar a superar qualquer obstáculo;

Ao meu orientador, Claus Magno Germer, pelo trabalho de orientação que desempenhou para gerar, como resultado, uma dissertação com o melhor grau de rigorosidade que estava ao meu alcance, dadas as condições objetivas;

Ao meu grande amigo e colega de pesquisa Lucas Milanez de Lima Almeida, à minha amiga Paula Rachel de Louro Leite e aos meus amigos Antônio Albano Freitas, Gilberto da Silveira Barros Neto, Leonardo Borges Cardoso e Cleiton Silva de Jesus, que me deram um suporte emocional essencial para que pudesse prosseguir trabalhando na obtenção do título de mestre;

Ao meu amigo e mentor, Nelson Rosas Ribeiro, pela contribuição na formação do meu caráter e da minha postura acadêmica;

A todos os professores e pesquisadores que contribuíram para a evolução do pensamento marxista e do meu conhecimento nesta área, em particular aos professores(as) Claus Magno Germer, Francisco Paulo Cipolla, Nelson Rosas Ribeiro,

Elivan Rosas Ribeiro, Rejane Gomes, Elbio Troccoli Pakman e Rosângela Palhano e aos pesquisadores Lucas milanez de Lima Almeida e Kaio Glauber Vital da Costa, os quais contribuíram para a elevação do meu conhecimento na área da Economia Política Marxista a um nível que jamais pensei poder alcançar;

Ao coordenador do PPGDE/UFPR, Maurício Bittencourt, e ao vice-coordenador do PPGDE/UFPR, Fernando Motta. É do meu conhecimento que ambos, como coordenador e vice-coordenador, tinham que, por dever, tomar as decisões que contribuíssem em maior medida para a evolução do PPGDE/UFPR. Contudo, apesar de terem indícios do contrário, continuaram a confiar na minha capacidade de obter o título de mestre e retomar a matrícula do doutorado no PPGDE/UFPR;

Aos meus amigos Alfredo Nóbrega Heim e Takuma Easland pela revisão do abstract desta dissertação;

E, finalmente, aos funcionários(as) de todo o Departamento de Economia que contribuíram direta ou indiretamente com a minha formação acadêmica, em especial a secretária do PPGDE/UFPR Ivone Polo, pelas seguidas vezes que me ajudou a resolver diversos problemas.

“A cada momento, teremos a consciência de que todos os resultados que obtemos estarão necessariamente limitados e estarão condicionados às circunstâncias em que os obtemos [...], pois o que hoje reputamos verdadeiro contém também um lado falso, oculto agora, mas que virá à luz mais tarde”

Friedrich Engels

RESUMO

Esta dissertação constitui uma análise do crescimento econômico experimentado pela União Soviética durante a sua existência. Ela tem por objetivo atestar e caracterizar a desaceleração econômica enfrentada pela URSS, além de identificar suas causas, para comprovar ou não que esta desaceleração se deu devido ao esgotamento dos fatores extensivos do crescimento econômico e a dificuldade de fazer do crescimento intensivo o maior responsável pelo crescimento econômico. O objetivo do trabalho foi levado a cabo a partir da leitura crítica de bibliografia selecionada, através da qual foram coletados dados e relatos de órgãos estatísticos e pesquisadores. Além disso, o trabalho teve a Economia Política Marxista como base teórica. Por fim, chegou-se a conclusão de que a União Soviética entrou em um processo de desaceleração no início da década de 1960, o qual evoluiu para um processo de crise estrutural deflagrado em 1975 e para uma estagnação em 1989. Esta desaceleração foi causada pela redução do impacto do crescimento extensivo, pelo desaparecimento do motor do crescimento intensivo, com a criação do Comitê Coordenador para o Controle das Exportações Multilaterais, COCOM, e pela não criação de um novo incentivo direto do desenvolvimento tecnológico. A crise estrutural, por fim, evoluiu para uma estagnação devido a uma série de erros de política econômica cometidos pelo PCUS na tentativa de reverter o processo de desaceleração.

Palavras-chave: Economia Política do Socialismo; União Soviética; URSS; Economia Soviética.

ABSTRACT

This thesis is an analysis of the economic growth experienced by Soviet Union during its existence. It aims to prove and characterize the deceleration experienced by the USSR, and also identifies its causes, to testify whether or not this deceleration was caused due to extensive growth exhaustion and to the difficulty of making intensive growth the determinant factor of economic growth. The thesis' objective was accomplished by critical reading of selected bibliography, by which statistics and reports of statistical institutes and researchers were collected. Furthermore, this thesis had Marxist Political Economy as the theoretical basis. Finally, it was concluded that the Soviet Union entered a process of economic growth deceleration in the early 1960's, which evolved to a structural crisis process triggered in 1975, and then stagnation in 1989. This economic growth deceleration was caused due to the reduction of extensive growth impact, the disappearance of the generating mechanism of intensive growth with the emergence of the Coordinating Committee for Multilateral Export Control (COCOM), and to the non direct stimulation of technological development. Thus, the structural crisis evolved to stagnation due to a sequence of misguided economical policies carried out by the Communist Party of the Soviet Union (CPUS) in an attempt to revert the slowdown process.

Key-words: Political Economy of Socialism; Soviet Union; USSR; Soviet Economy.

SUMÁRIO

1 – Introdução	10
1.1 – Exposição do Problema	13
1.2 – Objetivos	15
1.2.1 – Objetivo Geral	15
1.2.2 – Objetivos Específicos	16
1.3 – Hipótese	16
1.3.1 – Hipótese Básica	16
2 – Metodologia da Pesquisa	17
2.1 – Considerações Gerais	17
2.2 – Analisando as Estatísticas Utilizadas	18
3 – Fundamentação Teórica	26
3.1 – A Dinâmica dos Modos de Produção	26
3.2 – Os Conceitos Extensivo e Intensivo	40
4 – O Crescimento Econômico Soviético	51
4.1 – Os Ataques Imperialistas, a Guerra Civil e a NEP	51
4.2 – O Debate sobre a Industrialização	58
4.3 – O Esforço para o Desenvolvimento: prioridade ao setor produtor de meios de produção	65
4.4 – A URSS após a Segunda Grande Guerra	80
4.5 – A Caminho da Estagnação Econômica	84
4.6 – Uma Visão Geral do Crescimento Soviético	94
5 – Analisando o Conteúdo do Crescimento Econômico Soviético	104
5.1 – Os Mecanismos de Aumento da Produtividade e o Conteúdo do Crescimento Econômico Soviético até o Final da Década de 1940	104
5.2 – A Criação do COCOM e o Desaparecimento do Motor do Crescimento Intensivo	117
5.3 – A Economia Soviética em Desaceleração: a ausência de um motor do desenvolvimento	119
5.4 – Os Empecilhos ao Aumento do Crescimento Intensivo	132
5.5 – A Situação da População Soviética	144
6 – CONCLUSÕES	148
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
ANEXOS	152
Anexo A	153
Anexo B	154

1 INTRODUÇÃO:

Em outubro de 1917, uma revolução política ocorre na Rússia. Esta revolução foi parte integrante do processo de revolução social que constitui a transição do capitalismo ao socialismo. Estabeleceu-se, portanto, o primeiro regime socialista do planeta, e, em 1922, é fundada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, URSS.

Tal fato, entretanto, havia ocorrido em um país onde as forças produtivas eram debilmente desenvolvidas. Longe de ter sido fruto de que as relações de produção capitalistas existentes na Rússia não mais correspondiam ao desenvolvimento das suas forças produtivas, a revolução de outubro foi na verdade uma consequência de que “se enfeixavam as mais profundas contradições econômicas e políticas do imperialismo” no “elo mais débil da cadeia imperialista” (DRAGUÍLEV, 1961, p. 14).

O Sistema Capitalista desenvolve-se de forma desigual nos diversos países do globo. Tal fenômeno é identificado como “Lei do Desenvolvimento Desigual do Capitalismo”. Entretanto, o fenômeno globalização torna possível que sejam “exportadas” as contradições dos países mais desenvolvidos para os demais. Estas, por sua vez, manifestaram-se com particular violência na Rússia. Além disso, a desigualdade quanto ao desenvolvimento não se dá apenas no âmbito econômico, mas também no político. A organização, a consciência política e a determinação revolucionária dos operários também evoluem diferentemente nos vários países. Assim, as condições históricas resultantes da combinação destes fatores fizeram com que a primeira revolução socialista ocorresse justamente na Rússia.

Apesar da situação econômica inicial, o regime socialista mostrava grande capacidade de fazer evoluir as forças produtivas, que se desenvolveram a largos passos mais ou menos até a década de 1960, quando o processo começou a “perder fôlego”. Neste período, evidencia-se claramente o surgimento de um entrave a este desenvolvimento, embora haja muita polêmica quanto a sua identificação. O fato é que, na década de 1970, estava instaurada a crise do sistema socialista que culminou no seu desmoronamento em 1991.

A derrocada do socialismo tornou-se, para os ideólogos burgueses, a arma perfeita para desqualificar o regime socialista. Prolifera-se cada vez mais a idéia de que

a queda deste regime é a evidência da impossibilidade da sua implantação. A queda do socialismo, entretanto, pode ser encarada de outra forma.

Sabe-se que a cada etapa de desenvolvimento das forças produtivas corresponde um tipo específico de relações de produção. Portanto, para qualquer tipo de relações de produção, chega o momento no qual este se torna um entrave ao desenvolvimento e, em virtude disto, deve ser substituído por outro. Para o Capitalismo, não é diferente. Ou seja, assim como todos os outros, o Modo de Produção Capitalista não é eterno.

As relações de produção capitalistas foram responsáveis por uma evolução técnica sem precedentes na história da humanidade. Isto se deveu ao fato “de ser o capitalismo o primeiro modo de produção cujo funcionamento corrente se baseia na procura intencional de inovações técnicas, porque estas são o instrumento básico da concorrência intercapitalista” (GERMER, 2009, p. 10). Mas, o mesmo fenômeno que leva a um desenvolvimento progressivo das forças produtivas, tem como consequência a concentração e a centralização progressivas do capital. Conforme esse processo progride, aumenta cada vez mais a quantidade de capital inicial necessária para a criação de uma empresa em qualquer ramo. A economia começa a se tornar cada vez mais oligopolizada e, como o motor da produção capitalista é o lucro, e não a produção de uma quantidade de valores de uso cada vez maior, conseqüentemente, começa a desaparecer o estímulo concorrencial ao desenvolvimento de novas técnicas geradoras de aumentos de produtividade. Como outra consequência deste processo, a produção capitalista torna-se cada vez mais social, fazendo com que se agrave cada vez mais a contradição fundamental deste sistema: a contradição entre o caráter privado de acumulação e o caráter social da produção. Portanto, estes e outros fatores fizeram com que as relações de produção capitalistas, que anteriormente eram promotoras do desenvolvimento das forças produtivas, se tornassem um entrave a este desenvolvimento (LÊNIN, 1990).

Há mais de um século que as forças produtivas entraram em contradição com as relações de produção capitalistas. A análise da evolução destas, que interligam um número cada vez maior de produtores e cria uma relação estrita de dependência entre eles, evidencia que o surgimento desta contradição, por sua vez, deu início ao processo

de revolução social de transformação do capitalismo em socialismo. Assim, visto que “o desenvolvimento das forças produtivas é cumulativo ou progressivo” (GERMER, 2009, p. 7), não haveria como esta contradição desfazer-se no ar, mesmo com a derrocada do regime socialista. Ela, ao contrário, vem agravando-se ao longo do tempo¹, uma vez que as forças produtivas, mesmo a passos mais lentos, continuam a desenvolver-se.

O conhecimento dos fatos aqui expostos nos leva, portanto, a concluir que a derrocada do socialismo, longe de significar a impossibilidade de implantação deste sistema, deve ser encarada apenas como um retrocesso político no processo de revolução social, atualmente em marcha. Se encarmos assim o fenômeno, torna-se evidente a importância, para a humanidade, da experiência da União Soviética na construção do socialismo, pois conhecer as leis que regem o desenvolvimento da sociedade significa ser capaz de acelerar tal processo. Estudar tal experiência torna possível conhecer os prováveis desafios que o processo de transição trará para sociedade.

Vários estudos foram feitos para identificar a causa da desaceleração da economia soviética. Destes estudos, surgiram várias teses acerca do problema. Dentre as principais, chama atenção a tese de que o que levou a economia socialista à estagnação foram o esgotamento dos fatores extensivos do crescimento (construção de novas unidades produtivas com a mesma tecnologia existente, aumento das terras cultiváveis e etc.) e a impossibilidade de fazer do crescimento intensivo (crescimento baseado no aumento da eficiência da produção e da produtividade do trabalho) a base do crescimento e do desenvolvimento econômico. Esta tese tornou-se bastante comum durante a *Perestroika*, sendo defendida pelo principal conselheiro econômico de Mikhail Gorbachev, o economista Abel Guézovitch Aganbeguian, e é difundida ainda hoje.

Diante da já referida importância do estudo da economia socialista e na tentativa de contribuir para o debate acerca das causas da desaceleração da economia soviética e, indiretamente, para o debate acerca das causas do desmoronamento da economia socialista, o presente trabalho verificou empiricamente se a causa da desaceleração do crescimento econômico da União Soviética a partir do fim da década de 60 reside no esgotamento do crescimento extensivo e no fato de não ter sido

¹ É preciso ter em mente que isto não implica que o fenômeno teve um processo de agravamento linear;

possível fazer do crescimento intensivo a base deste crescimento econômico. Para isto, desenvolver-se-á uma análise acerca do crescimento econômico da URSS durante a sua existência.

1.1 EXPOSIÇÃO DO PROBLEMA:

Durante os 40 primeiros anos da revolução socialista, a economia soviética cresceu e desenvolveu-se em ritmo consideravelmente acelerado, excetuando-se os períodos da guerra civil e dos ataques estrangeiros. Impressionava ainda mais, aos olhos do mundo capitalista, o fato de que tal economia crescia sem passar pelas crises cíclicas que acometiam os países de regime capitalista.

No início da década de 1950, ainda não se sentiam os sinais da desaceleração. Neste período algumas reformas² econômicas que tinham por objetivo elevar a qualidade de vida dos soviéticos foram efetuadas pelos dirigentes soviéticos encabeçados por Nikita Krushev. Para tanto, foram aumentados os salários e melhorou-se a oferta de bens de consumo essenciais por meio de políticas de incentivo da produção agrícola e do aumento do investimento no Setor II, o setor produtor de bens de consumo. Além disso, tentaram introduzir algumas medidas de descentralização da planificação como criação de Comitês Econômicos Regionais.

As medidas de descentralização do plano logo regrediram, mas os incentivos econômicos das reformas de Krushev causaram impactos positivos no crescimento da economia soviética até o final da década. Contudo, na década seguinte, ao passo que cessaram os efeitos das políticas econômicas, tornou-se evidente a existência de elementos de travagem na economia: a velocidade na qual crescia a economia soviética começa a diminuir.

Diante disto, e dada a diminuição da perseguição política fruto da desestalinização, um clima de debate toma conta da União Soviética. O intuito deste debates era, logicamente, identificar e combater a(s) causa(s) da desaceleração. A

² Nossa intenção aqui é fornecer um panorama geral da situação. Portanto, a descrição das reformas que mencionaremos nesta seção será bastante superficial. Pretende-se fazer uma descrição mais detalhada durante o cumprimento do primeiro objetivo específico do presente trabalho;

reação ao novo panorama da economia soviética, no entanto, não se deu apenas no plano ideológico, ela também se fez sentir no plano prático. Com base em algumas propostas surgidas ao longo dos debates, seguiram-se outras reformas que, agora, tinham por objetivo fazer com que o crescimento econômico voltasse aos antigos patamares.

As reformas que se seguiram na segunda metade da década de 1960 foram levadas a cabo pelo primeiro-ministro Kosseguin. Além de estimularem a agricultura, como feito durante as reformas de Krushev, ampliaram-se as experiências de descentralização econômica, que já vinham sendo postas em prática em algumas empresas, das quais foram derivadas as propostas pró-mercado do professor de economia de Kharkov Evsei Liberman.

Os incentivos à agricultura novamente causaram impactos no crescimento econômico, pois o crescimento agrícola acabou por contribuir para a dinamização da indústria alimentar e de alguns ramos da indústria leve dependentes da agricultura. Isto, assim como antes, elevou a renda real da população.

No entanto, como ocorrido anteriormente, o impacto das reformas no crescimento econômico não durou muito e este voltou a desacelerar na década de 1970. A situação, nesta década, foi amenizada pelo aumento do preço do petróleo, o que aumentou as receitas das exportações, mas isto não constituiu um fator que conseguisse reverter o panorama.

Diante do quadro que se desenhou na União Soviética, era evidente que algo deveria ser feito. Foi neste momento que as análises da comunidade científica começaram a convergir cada vez mais para uma determinada tese acerca da causa central da desaceleração econômica da URSS.

Segundo esta tese, até então, a maior parte do incremento da produção na economia soviética se dava por vias extensivas de crescimento, e só em menor grau se dava por vias intensivas. Em virtude disto, uma vez que os recursos naturais e os espaços físicos ou a terra têm uma quantidade limitada e uma vez que o acréscimo de trabalhadores tem seus limites, ao chegar a estes limites, o crescimento da economia soviética entrou em um processo de desaceleração.

Para reverter esta situação, portanto, os dirigentes soviéticos, encabeçados por Mikhail Gorbachev, lançam a *Perestroïka*.

Em linhas gerais, este novo conjunto de reformas na economia tinha por objetivo retomar o crescimento econômico, primeiramente através de uma reorganização da produção que acabasse com os desperdícios na economia. Em paralelo, ir-se-iam desenvolvendo reformas econômicas pró-mercado como meio de incentivar o aumento da produção e, posteriormente, o aumento da produtividade do trabalho.

Aparentemente, a *Perestroïka* não só não conseguiu reverter o quadro de estagnação econômica, como também não conseguiu impedir (ou até possa ter conseguido precipitar) uma reconversão da economia socialista do bloco soviético para o Modo de Produção Capitalista.

Não podemos afirmar aqui se a estagnação econômica da União Soviética deu-se realmente em virtude da dificuldade de transformar o crescimento extensivo em intensivo e a *Perestroïka* e as demais reformas apenas não constituíram uma solução para o problema, ou se as causas da estagnação eram outras. Não se pode nem ao menos afirmar a priori que o crescimento da economia soviética até a década de 1960 se deu em maior grau devido a fatores extensivos. Somente uma verificação empírica acerca desta tese, tendo por base um método científico, poderá elucidar estas questões.

1.2 OBJETIVOS:

1.2.1 Objetivo geral:

O presente trabalho tem por objetivo verificar empiricamente a tese sobre a desaceleração econômica da URSS que foi a base para os criadores da *Perestroïka*. Nomeadamente, a tese de que, até a década de 1960, a maior parte do incremento da produção na economia soviética tinha se dado por vias extensivas e, chegando este

período, sem mais espaço para este tipo de crescimento, a economia estagnou por não ser capaz de transformá-lo em um crescimento intensivo em sua maioria.

1.2.2 Objetivos específicos:

Levamos a cabo o objetivo acima descrito através do alcance dos seguintes objetivos específicos:

1. Empreender uma análise geral do crescimento da URSS durante sua existência, apontando os períodos de aceleração e estagnação;
2. Analisar o conteúdo do crescimento da economia soviética até a década de 1960 através de uma análise do desenvolvimento das técnicas de produção desta e dos motores do aumento da produtividade do trabalho durante tal período;
3. Empreender a mesma análise descrita no ponto acima para o período que vai da década de 1960 até a dissolução da URSS.

1.3 HIPÓTESE:

1.3.1 Hipótese básica:

A estagnação da economia soviética deveu-se, de fato, a dificuldade de transformar a maior parte do crescimento econômico de extensivo para intensivo.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA:

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS:

O presente trabalho foi realizado através da leitura crítica de bibliografia selecionada, não sendo possível coletar dados primários (pesquisa de campo) ou secundários (diretamente de institutos responsáveis pela elaboração de estatísticas referentes à União Soviética). Isto se deu porque não conseguimos acessar qualquer informação dos institutos de pesquisa soviéticos via internet, e a única outra maneira de fazer uma coleta de dados secundários seria através obtenção dos documentos, o que também não foi possível. Contudo, utilizamos estatísticas oficiais apresentadas por vários autores.

A leitura da bibliografia serviu a coleta de dados e relatos de pesquisadores referentes à URSS e a sua estrutura produtiva.

No projeto do presente trabalho, definimos quais estatísticas seriam necessárias para o alcance do objetivo do trabalho. Contudo, devido à dificuldade de acesso às estatísticas soviéticas, não foi possível obter alguns dos dados definidos por nós. Contudo, procuramos obter dados similares que não prejudicassem a qualidade da análise.

Foram poucos os materiais consultados por nós nos quais havia uma descrição detalhada da metodologia de cálculo dos indicadores. Para compensar tal problema, buscamos obter as estatísticas de quantas fontes fossem possíveis. Ao fazer isso, na quase totalidade dos casos, observamos que, apesar de algumas diferenças nos valores exatos dos indicadores dados pelas fontes, eles apresentavam um movimento bastante semelhante.

Devido à descontinuidade das estatísticas coletadas, em algumas poucas ocasiões, tivemos que construir séries de tempo de um determinado indicador com fontes diferentes para cada uma das partes do período. Consideramos, todavia, que isto, embora cause alguma distorção na análise de curto prazo, não causou qualquer

problema para a análise de longo prazo. O detalhamento de como foram feitas estas compilações será feito na seção seguinte.

Na coleta de todos os dados, tomamos sempre como referência as estatísticas oficiais da URSS. Existe uma longa discussão acerca da existência de motivos para que os órgãos soviéticos superestimassem alguns indicadores e subestimassem outros. Ao mesmo tempo, contudo, há também um debate acerca da existência de motivos para que os institutos de pesquisa “ocidentais”, que também calculavam indicadores para economia soviética, subestimassem alguns indicadores e superestimassem outros. Fomos capazes, inclusive, de atestar uma destas dissimulações (o cálculo da evolução do consumo soviético feito por Bergson que foi detalhado no ponto 4.3). Seguimos, portanto, utilizando os dados apresentados pelos institutos oficiais soviéticos devido a isto e também devido ao fato de os institutos oficiais, para o cálculo destes dados, utilizarem a mesma base teórica utilizada no presente trabalho: a Economia Política Marxista. Mesmo assim, sempre que possível, comparamos as estatísticas oficiais com as estatísticas ocidentais.

Quanto aos relatos acerca da situação da economia soviética e sobre seu funcionamento, a maioria deles convergiu, havendo uma ou outra discordância assim como os indicadores.

2.2 ANALISANDO AS ESTATÍSTICAS UTILIZADAS:

Para o alcance do primeiro objetivo específico, utilizamos as mais variadas estatísticas acerca da produção e dos investimentos na economia soviética. Quando possível, desagregamos tais dados por setores da economia. Este processo de alcance foi dividido em seis etapas, cada uma correspondendo a uma seção do capítulo 4 do presente trabalho.

A primeira etapa analisou os primeiros anos após a revolução até o fim da Nova Política Econômica (NEP). Para cobrir este período não foram utilizadas estatísticas oficiais, mas sim estatísticas elaboradas por diferentes pesquisadores. Estas estatísticas estão divididas por grandes setores (indústria, agricultura e transporte) e

também por ramos. Não só tais estatísticas, como também os relatos fornecidos pelos autores utilizados apontaram para uma mesma direção.

A segunda etapa constituiu um resumo do debate acerca da estratégia de industrialização que seria adotada pela URSS após a NEP. Para tanto, apenas reunimos as informações mais importante acerca do tema. Embora as descrições dos autores fossem todas fieis ao conteúdo do debate, utilizamos como fonte de referência apenas Allen (2003), visto que este esquematizou de forma mais clara e simples este debate e forneceu algumas informações ausentes em outros autores como Paulino (2008).

A terceira etapa cobre o período que vai do I Plano Quinquenal até o início da Segunda Guerra Mundial. Deste ponto em diante, começamos a ter por base principal as estatísticas oficiais soviéticas. Para alguns casos, no entanto, não foi possível apresentar estatísticas oficiais. Assim, nos utilizamos de dados fornecidos por pesquisadores. Nos pontos que achamos necessário, fizemos um contraponto entre os dados oficiais e os dados e estimações feitas por pesquisadores ocidentais.

Para obter um melhor suporte na análise de longo prazo, na tabela 8, fizemos uma junção de duas tabelas apresentadas por Dragúilev. Uma delas era a tabela 6 apresentada por nós e a outra é apresentada por Dragúilev no seu livro *A Crise Geral do Capitalismo* (1961, p. 126). Ambas referiam-se a produção de toda a indústria da URSS e foram obtidas através de fontes oficiais. Elas, no entanto, referiam-se a períodos diferentes e seus índices tinham por base anos diferentes. Na primeira, a base do índice era 1913, enquanto que, na segunda, a base era 1929. Assim, para apresentarmos os dados em seqüência, decidimos converter a segunda tabela para a base de 1913. Isto foi possível devido ao fato de ambas as tabelas terem o ano de 1932 em comum. Assim, utilizando tal ano, poderíamos converter os dados da segunda tabela para a base de 1913. Para testar se existia algum erro no nosso método, primeiramente convertemos o ano de 1932 da primeira tabela para a base de 1929 (base da segunda tabela) e obtivemos um resultado muito próximo (na segunda tabela o valor atribuído a 1929 era 168,3 e obtivemos 168,9). Julgamos, primeiramente que a diferença existente entre os valores certamente devia-se a algum arredondamento feito na primeira tabela (ela só apresenta valores exatos, números naturais). Além disso,

como a diferença dos valores era muito pequena, não julgamos que ela poderia prejudicar a análise de curto prazo. Assim, convertemos os valores da segunda tabela para a base de 1913 através de uma regra de três simples, com a utilização do ano em comum entre as duas (1932).

É na terceira etapa que mencionamos, pela primeira vez, o conceito taxas anuais médias de crescimento. Quando nos referimos a uma taxa anual média de crescimento, temos em mente a taxa a qual o indicador precisaria crescer a cada ano para atingir o crescimento total do período. Portanto, para transformar um crescimento de um período em crescimento anual médio, utilizamos a seguinte equação derivada da fórmula de juros compostos:

$$tam = (CT + 1)^{1/n} - 1 \quad (1)^3$$

Na quarta e quinta etapas, mantiveram-se os procedimentos padrões das anteriores, sem a necessidade de alguma explicação mais detalhada.

Na sexta etapa, demos uma visão geral da trajetória do crescimento soviético durante o período mais relevante, economicamente falando, de sua existência: do I Plano Quinquenal ao colapso do regime socialista. Com esse panorama geral, uma vez já analisada a evolução da economia de uma forma mais detalhada, pudemos identificar o momento exato do início da desaceleração, da crise estrutural e da estagnação. Antes de discutir como levamos isto a cabo, é necessário tecer um comentário acerca dos indicadores do crescimento econômico soviético.

Já expusemos, na seção anterior do presente capítulo, o porquê de utilizarmos as estatísticas oficiais da URSS como base para o nosso trabalho. Nesta etapa, não foi diferente. Sabe-se que eram calculados mais de um indicador para o crescimento econômico da URSS: o Produto Material Líquido (pelos órgãos soviéticos) e o PNB (pelos órgãos de pesquisa ocidentais). O Produto Material Líquido constituía a soma de toda a produção material (valores de uso palpáveis) que se produzia dentro da URSS. Já o Produto Nacional Bruto constitui a soma de todos os produtos e serviços

³ Onde: CT = crescimento total; tam = taxa anual média de crescimento e n = número de anos contidos no período.

produzidos mais a renda líquida recebida do exterior ou menos a renda líquida enviada ao exterior. Utilizamos como base o primeiro indicador não só pela razão apresentada na seção anterior do presente capítulo, mas também pela incompatibilidade do último com uma análise da evolução econômico-social e com a economia socialista da URSS em particular.

Primeiramente, tendo em mente que a teoria por trás do cálculo do PNB é a teoria neoclássica, temos que o princípio valorativo para o seu cálculo é o valor utilidade. A utilização deste princípio faz com que se contabilizem regressos, do ponto de vista econômico-social, como progressos e vice-versa. Por exemplo: se a violência na URSS diminuiu, com a conseqüente diminuição da necessidade de policiamento das ruas, e o estado toma a decisão de diminuir a quantidade de policiais empregados, esta redução, embora represente algo positivo para a sociedade soviética, diminuirá o PNB da URSS, pois nele está contabilizada a utilidade da segurança que o policial fornece para a população. No caso destes policiais que foram desempregados assumirem um emprego em uma fábrica produtora de carros, parte do acréscimo produtivo desta mudança na composição dos trabalhadores da sociedade será cancelada pela diminuição da “segurança” no cálculo do PNB. Já no cálculo do PML, isto não ocorria. Além disso, o componente renda líquida, que se subtrai ou se soma à produção interna, perturba a análise do crescimento econômico. Isto porque, em várias ocasiões, a URSS desfazia-se de empresas capitalistas que por alguma razão haviam se tornado propriedade soviética ou enviava ajudas a países capitalistas em desenvolvimento ou a outros países socialistas. Estes movimentos impactavam negativamente no indicador, embora não ocorresse nenhuma diminuição da produção interna. Por estas e outras razões utilizamos o PML como base na nossa análise.

Prosseguindo na descrição do que foi feito na etapa, para a identificação exata do início da desaceleração, da crise estrutural e da estagnação, utilizamos as taxas anuais de crescimento do PML. Estas já eram suficientes também para atestar a tendência à desaceleração, contudo, ainda nos utilizamos de taxas anuais médias de crescimento por períodos para uma análise de longo prazo.

Diante do que foi dito no parágrafo anterior, é necessário definir aqui o que entendemos por desaceleração, crise estrutural e estagnação.

Para a análise do processo de transformação de quantidade em qualidade, é preciso definir os limites quantitativos onde se dão as transformações qualitativas ou definir estas próprias transformações. Na nossa pesquisa bibliográfica, não encontramos nenhum autor que identificasse e classificasse as diferentes etapas do processo de redução do crescimento econômico na União Soviética, portanto isto foi feito por nós.

Antes de definirmos o conceito desaceleração, julgamos necessário⁴ definir primeiramente o conceito crise estrutural. A maioria dos economistas concebe o conceito crise estrutural como uma perturbação na economia que se deve a um problema existente na própria estrutura produtiva ou até mesmo nas relações de produção do agregado econômico em questão. Ela, portanto, por si só não é passageira; somente pode ser superada através de uma intervenção que modifique a estrutura. No caso da nossa análise, tendo em vista que a teoria nos afirma que a transformação das relações capitalistas de produção em socialistas faz desaparecer todo e qualquer empecilho ao desenvolvimento das forças produtivas, pressupõe-se que a capacidade de desenvolvimento das forças produtivas deste regime é maior do que a do Modo de Produção Capitalista. Assim, classificamos de crise estrutural o período no qual a URSS passa a crescer a ritmos semelhantes ao dos países capitalistas devido a um problema estrutural.

Deste conceito de crise estrutural deriva-se nosso conceito de desaceleração. Isto se deve ao fato de ser o materialismo dialético uma das ferramentas utilizadas por nós ao longo do trabalho. Ao contrário da análise feita por meio da lógica formal, basear-se na lógica dialética implica que os fenômenos não surgem “milagrosamente”, ou seja, eles não aparecem de uma só vez, em um determinado momento, já na sua forma mais desenvolvida. Ao contrário, eles surgem em forma de germe e evoluem gradativamente. Assim, para se chegar ao ponto de crise estrutural do crescimento econômico, este teve que iniciar um processo de desaceleração em algum momento. Classificamos, pois, como desaceleração o período que marca o início da redução do crescimento que leva a economia ao estágio de crise estrutural. É necessário esclarecer, no entanto, que o que classificamos como desaceleração não é apenas

⁴ Posteriormente se entenderá o porquê;

uma redução do crescimento pura e simples. Ela deve se dar pelo surgimento das complicações que levam a economia ao ponto de crise estrutural.

Por fim, classificamos como estagnação simplesmente o período onde a renda nacional per capita do país socialista para de crescer. Esta nossa classificação deriva-se simplesmente do fato de que o objetivo da produção de valores de uso no socialismo é satisfazer progressivamente as necessidades da população. Na medida em que novas necessidades vão sendo criadas quantitativa e qualitativamente e a capacidade de satisfazê-las não cresce o suficiente, o objetivo deixa de ser cumprido.

Com base, portanto, nestes princípios, levamos a cabo a quinta etapa e cumprimos com o primeiro objetivo específico.

O cumprimento do segundo objetivo específico foi feito em duas etapas, que constituem os dois primeiros pontos do capítulo 5 do presente trabalho. O primeiro deles utilizou-se de estatísticas oficiais e relatos de pesquisadores sobre a URSS. Nele, construímos a tabela 22 através do seguinte método: estabelecemos a base da tabela em 1940, com este ano possuindo um índice igual a 100. Daí em diante, aplicamos a este índice as taxas de crescimento e decrescimento da economia soviética no período em questão. Já o segundo se deu através da análise de relatos de pesquisadores.

Por fim, o cumprimento do terceiro, e último, objetivo específico se deu também em duas partes, as quais constituem o terceiro e quarto ponto do capítulo 5 do presente trabalho.

A primeira etapa foi realizada através da utilização de relatos fornecidos por pesquisadores e de dados de fontes oficiais e de institutos de pesquisa ocidentais. É importante mencionar que as fontes ocidentais não serviram apenas para como contraponto das fontes oficiais, mas também para cobrir lacunas deixadas pelas fontes oficiais.

Para a construção da última coluna da tabela 24 apenas subtraímos as importações do valor das exportações, o que nos deu o saldo de cada categoria e o saldo total.

Para a elaboração da tabela 25, utilizamos uma tabela fornecida por Segrillo que estabelecia índices do crescimento da produtividade na URSS. A partir destes índices, determinamos o crescimento o indicador no período e, após isto,

transformamos o crescimento do período em taxas anuais médias de crescimento através da equação 1.

Já a tabela 26 é o resultado de uma compilação de dados fornecidos pelas Nações Unidas no seu relatório anual, o “World Economic Survey”. Isto foi possível, pois a entidade apontou a mesma fonte para todos os dados de produtividade nos relatórios utilizados por nós.

Uma vez adentrado o assunto dos indicadores de produtividade, cabe a nós fazer um comentário pertinente. Nos World Economic Survey's que utilizamos é apontado que os dados de produtividade foram calculados a partir dos relatórios dos planos econômicos da URSS e que estes consistem na divisão do PML pelo número de trabalhadores da esfera de produção material. Nas publicações feitas pela Administração Central de Estatísticas da URSS, a TSsU, segundo Segrillo, a mesma metodologia é utilizada. Contudo, para períodos idênticos, há valores diferentes. Isto implica dizer, portanto, que há certos ajustes distintos quando da elaboração dos indicadores por cada um dos órgãos. Apesar das diferenças quantitativas, contudo, eles apontam para uma mesma tendência.

Voltando às considerações sobre o tratamento dos dados, é necessário frisar que, ao apresentarmos a tabela 28, retiramos alguns dos indicadores apresentados por Aganbeguian. Isto se deu devido ao fato deste pesquisador não apresentar de forma satisfatória o método de cálculo dos referidos indicadores, o que tornaria imprecisa a utilização destes dados por nós.

As linhas que foram elaboradas por nós na tabela 29, por sua vez, constituem apenas as taxas de crescimento dos dados apresentados.

Para a elaboração da tabela 30, primeiramente criamos razões entre a variação da renda nacional e a variação do investimento em capital fixo e entre a variação da renda nacional e a variação do investimento produtivo. Após isto, apresentamos a variação destas razões.

O cumprimento da segunda etapa foi, por fim, feito através de relatos sobre a estrutura produtiva soviética, o funcionamento dos seus planos econômicos e seus métodos de produção, constituindo, portanto, uma análise puramente qualitativa.

Ademais, acrescentamos uma seção ao último capítulo a fim de complementar o cumprimento do objetivo geral. Esta seção teve por base apenas indicadores de fontes oficiais.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

3.1 A DINÂMICA DOS MODOS DE PRODUÇÃO:

O presente estudo terá por base teórica geral, conforme apontado anteriormente, a Economia Política Marxista. Escolhemos esta corrente da economia por base teórica primeiramente por um motivo óbvio: as demais correntes da economia consideram o Modo de Produção Capitalista um regime eterno que brota do individualismo dos seres humanos, que, por alguma razão, é “inato” a estes. Cientes de que uma breve verificação da história da humanidade lança por terra tal pensamento, fez-se a referida escolha de instrumental teórico.

Além disso, observação da realidade demonstra que todos os fenômenos estão em um eterno processo de movimento, de transformação. Assim sendo, somente através da utilização de uma ferramenta de análise capaz de abarcar toda a complexidade da realidade e sua transformação contínua é capaz de gerar resultados satisfatórios. Diante do fato de que somente a Economia Política Marxista, através da análise dialética, possui esta capacidade, reafirma-se a assertividade em utilizá-la por base teórica.

O aspecto particular da Economia Política Marxista que nos dará maior suporte será a Teoria dos Modos de Produção. Em virtude disto, devemos empreender aqui uma exposição não só do referido aspecto da teoria marxista, como também de outros que sejam necessários ao entendimento do mesmo. Para tanto, além de nos apoiarmos nos escritos de Marx e Engels, nos basearemos na interpretação teórica do Materialismo Dialético de M. M. Rosental e G. M. Straks desenvolvida no seu livro “Categorias Del Materialismo Dialectico”.

Em “A Ideologia Alemã”, é possível encontrar uma fundamentação das conclusões teóricas de Marx e Engels acerca da dinâmica dos modos de produção, da evolução progressiva da sociedade:

O primeiro pressuposto de toda vida humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é a constituição corporal destes indivíduos e, sua conexão com a natureza em geral. [...]

Eles próprios [os seres humanos⁵] começam a se distinguir dos animais logo que começam a **produzir** seus meios de existência [...] Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material.

A forma pela qual os homens produzem seus meios de vida depende sobretudo da natureza dos meios de vida já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve, porém, considerar tal modo de produção de um único ponto de vista, ou seja, a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se muito mais de uma forma determinada de atividade dos indivíduos, de uma forma determinada de manifestar sua vida, um **modo de vida** determinado. Da maneira como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto como **o que** produzem, como com o **modo** como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais da sua produção (MARX, ENGELS, 2004, p. 44).⁶

O ponto de partida da teoria de Marx é bem lógico: se não existem seres humanos vivos, não podem existir vida humana (ou qualquer outra coisa originada por ela); a existência destes pressupõe, por sua vez, a produção da sua vida material através dos meios de vida pré-existentes; portanto, os meios de vida pré-existentes são o ponto de partida da história da humanidade e, por esta razão, condicionam todo o resto.

É com base nisto que Marx constrói toda sua teoria acerca da evolução da sociedade: a Teoria dos Modos de Produção. Esta é resumida por ele no prefácio da “Contribuição para a Crítica da Economia Política” da seguinte forma:

A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser: é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas

⁵ Acrescentado por nós;

⁶ Destaques já contidos na edição consultada;

relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social. A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura. [...] Uma organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter; nunca relações de produção novas e superiores se lhes substituem antes que as condições materiais de existência destas relações se produzam no próprio seio da velha sociedade (MARX, 1973, pp. 28 e 29).

No trecho por nós reproduzido, Marx expõe a sua teoria sobre a evolução da sociedade de forma bastante precisa. Não julgamos necessário incorrer na mesma tarefa da qual se incumbiu o autor. Contudo, nos sentimos na obrigação de chamar a atenção para o fato de que, em um trecho bastante curto, Marx utiliza-se de uma carga bastante pesada de conceitos. O desconhecimento acerca do significado de cada um deles, por sua vez, faz a riqueza de tal passagem desmanchar-se no ar. Diante disto, torna-se necessário elucidar o leitor a respeito do conteúdo filosófico que está por trás das afirmações feitas pelo autor e do que significam alguns conceitos utilizados por ele.

Em primeiro lugar, o processo de produção consiste no ato de transformar um determinado objeto em um valor de uso para o ser humano. Aos objetos a serem transformados, dá-se o nome de Objetos de Trabalho. Para transformá-los, os seres humanos utilizam-se sempre de uma gama de instrumentos; a estes se dá o nome de Meios de Trabalho. Assim, os Meios de Produção da sociedade são o conjunto formado pelos Objetos de Trabalho e pelos Meios de Trabalho.

A produção, contudo, não se realiza apenas através dos seus elementos objetivos. O ato de produzir tem como pré-requisito a junção entre os meios de produção e a força de trabalho que os põe em movimento. À junção dos elementos objetivos e subjetivos do processo produtivo dá-se o nome de Forças Produtivas Sociais.

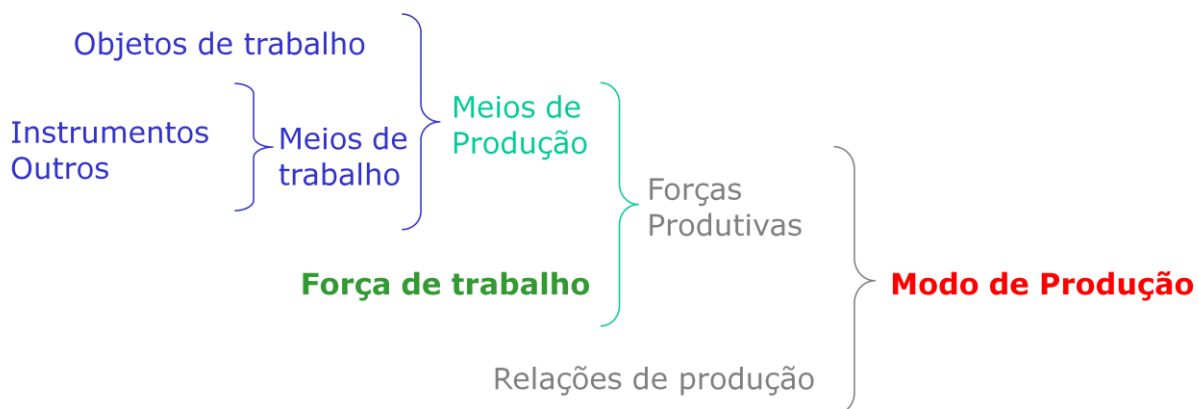
Como bem apontou Marx, o processo de produção da existência caracteriza-se por uma gama de relações determinadas, que são as Relações de Produção. Visto que se deve considerar os Modos de Produção tanto do ponto de vista da reprodução da existência física, como da forma como esta reprodução é levada a cabo, podemos concluir que:

Marx definiu o modo de produção, no maior nível de abstração, como uma combinação entre um determinado nível de desenvolvimento das forças

produtivas e a correspondente forma material das relações de produção, **cristalizadas nas leis** (GERMER, 2009, p. 13).^{7 8}

O que agora foi dito pode ser sintetizado no seguinte esquema:

FIGURA 1 – PARTES COMPONENTES DE UM MODO DE PRODUÇÃO:



Fonte: Notas de aula de Nelson Rosas Ribeiro.

As Relações de Produção de um determinado Modo de Produção, por sua vez, correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das Forças Produtivas precisamente porque as primeiras são uma forma de manifestação das últimas, que são seu conteúdo.

É preciso que estejamos atentos para as implicações de assumirmos a existência de uma relação forma-conteúdo entre as Relações de Produção e as Forças Produtivas Sociais. Por esta razão, vamos definir e caracterizar tais conceitos.

De acordo com Rosental e Straks:

En el mundo objetivo, el contenido es el aspecto interno de los objetos. Este aspecto representa un conjunto de elementos y procesos que constituyen el fundamento de la existencia y del desarrollo de las cosas. La forma es la organización, la estructuración del contenido. En los fenómenos, que pertenecen a la esfera del conocimiento, la forma es la expresión del contenido (ROSENTAL, STRAKS, 1958, p. 197).

⁷ Trataremos deste ponto mais adiante;

⁸ O destaque foi introduzido por nós;

Depois da apresentação da definição de tais conceitos, fica mais fácil entender o porquê de que “El modo de producción social presenta dos aspectos – las fuerzas productivas y las relaciones de producción –, que actúan como contenido e forma, vinculados entre sí.” (ROSENTAL e STRAKS, 1958, p. 198). Isto porque, de fato, o fundamento da existência e do desenvolvimento das Relações de Produção são as Forças Produtivas Sociais, uma vez que, à medida que estas se desenvolvem, transformam e desenvolvem progressivamente as formas sob as quais se manifestam (as Relações de Produção), ao mesmo tempo que as Relações de Produção são a forma de organização do seu conteúdo, as Força Produtivas.

Após definirmos os conceitos forma e conteúdo, é necessário ainda caracterizar a relação existente entre eles. Primeiramente, é preciso ter em mente que:

[...] el papel fundamental y determinante en la correlación entre el contenido y la forma corresponde al contenido. Primero, cambia el contenido y después y, en consonancia con este cambio, se modifica y reestructura la forma. El contenido opera como el principio rector por ser el fundamento mismo de las cosas (ROSENTAL, STRAKS, 1958, p. 200).

Assim, é o nível de desenvolvimento do conteúdo que determinará a forma que este irá assumir, ou, dito de outra maneira, a forma sempre corresponderá a um determinado grau de desenvolvimento do seu conteúdo, pois “El contenido desempeña el papel determinante en los cambios que se operan en la forma.” (ROSENTAL e STRAKS, 1958, p. 200). Contudo, “El contenido de los objetos y fenómenos se halla en continuo desarrollo. La forma, a su vez, se desarrolla también, pero más lentamente que el contenido, es decir, posee una mayor estabilidad que éste.” (ROSENTAL e STRAKS, 1958, p. 197). Portanto, isto faz com que, na maioria dos casos, a forma corresponda apenas parcialmente ao conteúdo, uma vez que o desenvolvimento daquela está sempre em atraso em relação ao desenvolvimento deste.

É importante mencionar ainda que a forma tem por função manter o conteúdo em desenvolvimento, sendo isto o fundamento da sua existência. Quanto mais ela corresponde ao conteúdo, maiores serão as possibilidades do desenvolvimento deste, ao passo que, na medida em que diminui esta correspondência, a forma passa a

converter-se em um freio deste desenvolvimento e, uma vez que deixou de cumprir sua função, é substituída por outra, conforme afirmam Rosental e Straks:

La necesidad de que se correspondan el contenido y la forma viene impuesta objetivamente por las necesidades del desarrollo del contenido. Toda forma concreta existe solamente en la medida en que corresponde total o parcialmente al contenido, en la medida en que abre ancho cauce a su desarrollo y contribuye al desarrollo del contenido, o, al menos, brinda una posibilidad de desarrollo por limitada que sea. Cuanto menos corresponde la forma al contenido, tanto más se acerca aquélla a su muerte. Cuando surge un hondo divorcio entre la forma y el contenido, la vieja forma acaba por desaparecer, para dejar paso a otra nueva, que corresponde al contenido en desarrollo y garantiza su progreso ulterior y su existencia futura (ROSENTAL, STRAKS, 1958, p. 224).

Apesar de constituir o fundamento das coisas e desempenhar o papel determinante na relação, o conteúdo, no entanto, não pode determinar sua própria função. A função do conteúdo é determinada pela forma e o cumprimento desta função contribui para o desenvolvimento do conteúdo. Para melhor entender o que significa isto, vejamos o caso do capital, por exemplo.

O capital é um conteúdo que pode manifestar-se através das formas dinheiro (D), mercadoria (M) e produtiva (P). É a etapa do desenvolvimento do capital que determinará qual das formas ele deverá assumir, mas, uma vez assumida uma determinada forma, é ela quem determinará a função do conteúdo. Sob a forma dinheiro, o capital só pode comprar⁹, sob a forma mercadoria, só poderá vender¹⁰ e, sob a forma produtiva, só poderá produzir¹¹. Cada uma destas funções mantém o capital em desenvolvimento, pois todas elas fazem parte do processo de valorização deste, conforme explica Marx:

⁹ “Enquanto capital monetário, encontra-se num estado em que pode cumprir funções monetárias, as funções – como é o presente caso – de meio geral de compra e meio geral de pagamento [...] Essa capacidade não surge do fato de o capital monetário ser capital, mas do fato de ser dinheiro. [...] o valor-capital, em estado monetário, só pode cumprir funções de dinheiro e nenhuma outra. O que faz destas últimas funções de capital é seu papel determinado no movimento do capital e, daí, também a conexão do estágio em que aparecem com os outros estágios de seu ciclo.” (MARX, 1985, Vol. III, p. 27);

¹⁰ “Em forma-mercadoria, o capital tem de executar função de mercadoria. Os artigos de que é constituído, produzidos desde sua origem para o mercado, tem de ser vendidos, transformados em dinheiro, tem de, portanto, percorrer o movimento M – D.” (MARX, Vol. III, 1985, p. 34);

¹¹ “Mas o resultado imediato de D – M (Ft + Mp) é a interrupção da circulação do valor-capital adiantado sob a forma-dinheiro. Por meio da transformação do capital monetário em capital produtivo, o valor capital recebeu uma forma natural, na qual não pode continuar circulando, mas tem de ingressar no consumo, isto é, no consumo produtivo.” (MARX, Vol. III, 1985, p. 31);

Está na natureza das coisas que o próprio ciclo requeira a fixação do capital, durante determinados prazos, nas partes individuais do ciclo. Em cada uma de suas fases, o capital industrial está ligado a determinada forma, como capital monetário, como capital produtivo, como capital-mercadoria. Só depois de ter cumprido a função que, em cada caso, corresponde a cada uma de suas formas, recebe a forma com a qual pode ingressar em nova fase de transformação (MARX, 1985, Vol. III, p. 41).¹²

Utilizamos um exemplo mais simples primeiramente para podermos depois, sem maiores dificuldades, entender a relação forma-conteúdo existente entre as Forças Produtivas Sociais e as Relações de Produção. As primeiras já se manifestaram através de várias formas durante o seu processo de desenvolvimento, sendo estas formas determinadas por cada uma das etapas deste processo. Cada conjunto específico de relações de produção, entretanto, era quem determinava que função teria o conteúdo: satisfazer as necessidades da sociedade, produzir lucro, etc. Através da função determinada pela forma, o processo de desenvolvimento das forças produtivas se mantinha em progresso. Quanto este não mais “cabia” dentro de determinada forma, esta era substituída por outra.

A sociedade, contudo, não é composta apenas pelos elementos objetivos e subjetivos do processo produtivo e pelas relações que os põe em funcionamento. Estas relações de produção precisam ser retificadas por leis e regras elaboradas por estruturas políticas e ideológicas que trabalhem no sentido de perpetuá-las. A relação de dominação existente na esfera das relações econômicas é, portanto, reproduzida na esfera política, jurídica e intelectual pela seguinte razão:

As idéias [Gedanken] da classe dominante são, em todas as épocas, as idéias dominantes; ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo sua força espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, que faz com que sejam a ela submetidas, ao mesmo tempo, as idéias daqueles que não possuem os meios de produção espiritual. **As idéias dominantes são, pois, nada mais que a expressão ideal das relações materiais dominantes,** são estas as relações materiais dominantes compreendidas sob a forma de idéias; são, portanto, a manifestação das relações que transformam uma classe em classe dominante; são desta forma, as idéias de sua dominação (MARX, ENGELS, 2004, p. 78).¹³

¹² Para mais informações, ver RIBEIRO, N. R. O Capital em Movimento: ciclos, rotação e reprodução. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2010, capítulos 2, 3 e 4;

¹³ Negrito acrescido por nós;

Esta superestrutura política, jurídica e ideológica, por sua vez, deve corresponder à base econômica da sociedade, que nada mais é do que suas relações de produção. A esse respeito, afirmam Marx e Engels:

Uma vez, porem, que se erige em poder independente, face à sociedade, o Estado cria rapidamente uma nova ideologia. Nos políticos profissionais, nos teóricos do direito público e nos juristas que cultivam o direito privado, a consciência da relação com os fatos econômicos desaparece por completo. Como em cada caso concreto, **os fatos econômicos têm de revestir a forma de motivos jurídicos** para serem sancionados em forma de lei e, como para isso, é necessário ter também em conta, como é lógico, todo o sistema jurídico vigente, pretende-se que a **forma jurídica** seja tudo e o **conteúdo econômico**, nada (MARX, ENGELS, 2004, pp. 133 e 134).¹⁴

Aqui identificamos uma nova relação forma-conteúdo: a superestrutura é a forma de expressão, ou forma de manifestação, da base econômica, que é seu conteúdo. Esta relação era, inclusive, motivo de polêmica entre os filósofos idealistas e materialistas¹⁵. Enquanto os primeiros atribuíam à esfera política o papel determinante, os últimos, ao contrário atribuíam a sociedade civil (a esfera das relações econômicas) este papel. Neste sentido, afirmam Marx e Engels:

Portanto, aqui pelo menos, o Estado, o regime político é a¹⁶ elemento subordinado, e a sociedade civil, o reino das relações econômicas, o elemento dominante. A idéia tradicional, que Hegel também consagrou, via no Estado o elemento determinante e na sociedade civil, o elemento condicionado por ele. E as aparências levam a pensar assim [...] todas as necessidades da sociedade civil – qualquer que seja a classe que a governe em um dado momento – têm de passar pela vontade do Estado, para adquirirem vigência real, **sob a forma de leis**. Esse é, porém, o **aspecto formal** do problema, evidente por si mesmo; o que interessa conhecer é o **conteúdo** desta vontade puramente formal [...] Se nos detivermos nessa indagação, veremos que na história moderna **a vontade do Estado obedece**, em geral, **às necessidade variáveis da sociedade civil**, à supremacia desta ou daquela classe **e, em última instância, ao desenvolvimento das forças produtivas** e das condições de troca (MARX, ENGELS, 2004, pp. 131 e 132).¹⁷

Essa passagem deixa claro que as forças produtivas sociais são um conteúdo que se manifesta através das (é organizado por) relações de produção, que, por sua vez, são o conteúdo da superestrutura, que é sua forma. Este fato, no entanto, pode

¹⁴ O negrito foi acrescentado por nós;

¹⁵ O final do trecho apresentado refere-se a esta polêmica;

¹⁶ Erro da própria edição;

¹⁷ Negrito acrescentado por nós;

gerar a seguinte pergunta: como podem as relações de produção constituírem forma e conteúdo ao mesmo tempo?

Esta pergunta nos é respondida por Rosental e Straks:

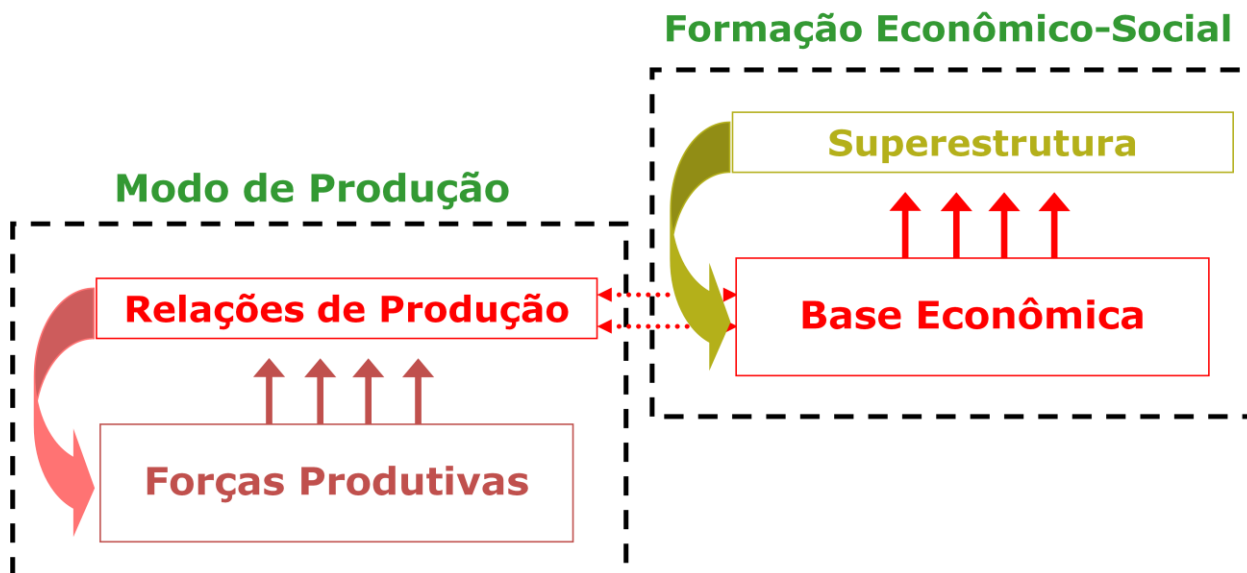
Al mismo tiempo, el contenido y la forma no son una pareja de contrarios inmutables e inmóviles. Cada uno de estos polos opuestos, enlazados en un conjunto de relaciones mutuas con otros fenómenos, puede desempeñar el papel de forma o de contenido. Las relaciones de producción, por ejemplo, son la forma de las fuerzas productivas. Pero, si consideramos las relaciones de producción en otra conexión mutua, a saber, como base, en su interdependencia con la superestructura, la base actuará entonces como contenido, como objeto que se refleja en la conciencia social, y la superestructura desempeñará, aquí, la función de forma (ROSENTAL, STRAKS, 1958, p. 199).

Ver a sociedade por este ângulo, ou seja, definir a relação forma-conteúdo existente entre base e superestrutura, origina um novo conceito: a Formação Econômico-Social.

Em resumo, portanto, a um determinado grau de desenvolvimento das Forças Produtivas corresponde um tipo específico de Relações de Produção, que são sua forma de expressão e têm por objetivo dar prosseguimento ao seu desenvolvimento. Para a perpetuação destas relações de produção, criam-se determinadas leis e estruturas políticas e ideológicas que, em conjunto, constituem a forma de manifestação destas relações. O desenvolvimento das Forças Produtivas impõe a transformação das relações de produção que, a partir de um determinado grau de mudança, impõem também a transformação da superestrutura que a elas corresponde. Isto, entretanto, não implica que não exista nenhuma influência que parta da superestrutura para a base ou das relações de produção para as forças produtivas. Apenas implica dizer que o contrário é predominante quase na totalidade dos casos.

O que expusemos agora, portanto, pode ser melhor entendido através do seguinte esquema:

FIGURA 2 – A DINÂMICA DOS MODOS DE PRODUÇÃO:



Fonte: Notas de aula de Nelson Rosas Ribeiro.

Ao longo da sua história, portanto, a evolução das formas nas quais se organizava a humanidade ocorreu de acordo com esta lógica por nós exposta. Contudo, o que analisaremos aqui no presente trabalho é uma experiência de passagem do capitalismo ao Comunismo através do Regime Socialista. Assim, é preciso caracterizar bem tal processo, além de chamar a atenção para as diferenças qualitativas existentes entre a sucessão dos Modos de Produção ao longo da história até o Modo de Produção Capitalista e a passagem deste para o Comunismo.

Primeiramente precisamos entender o Regime Socialista como um regime de transição entre o Capitalismo e o Comunismo. Ao longo da história, se estudarmos os processos de transição de um Modo de Produção para outro, poderemos identificar certos períodos de transição onde coexistiam o velho e o novo, ou seja, existiam tanto relações de produção, instituições e classes características do velho Modo de Produção, como as novas, características do novo Modo de Produção. A diferença entre eles e o Regime Socialista seria apenas que ele é um regime transitório bem mais nítido que os demais. No entanto, também é marcado pela coexistência entre o velho e o novo. Existem nele tanto relações de produção características do Modo de Produção Capitalista, como relações de produção características do Modo de Produção

Comunista. Desta forma, a análise dialética deste caso nos leva a classificar as Relações de Produção Socialistas, por sua vez, como uma Forma de Transição. Assim podemos defini-las:

[...] Las formas de transición [...] se caracterizan por la combinación de elementos de formas cualitativamente distintas en un todo único, **lo que responde al carácter específico del contenido en cada caso concreto** (ROSENTAL, STRAKS, 1958, p. 212).

Quando se fala que estas formas de transição correspondem ao carácter específico do conteúdo em cada caso concreto, significa dizer que não só a forma é uma forma de transição, como também o conteúdo, ou seja, as Forças Produtivas Sociais também estão em um período de transição.

[...] no momento da revolução política¹⁸ [...] as forças produtivas encontram-se em transição: não são mais as forças produtivas puras do modo de produção que está chegando ao fim, pois já são parcialmente forças produtivas do novo modo de produção. Por outro lado, estas novas forças produtivas não podem encontrar-se já na forma definitiva correspondente às novas relações materiais de produção, uma vez que a vigência, até este momento, da forma jurídica antiga da propriedade constituiu um obstáculo ao seu desenvolvimento (GERMER, 2009, p. 16).

Sabendo, portanto, que as Relações de Produção do Regime Socialista constituem uma Forma de Transição, justamente porque representa um conteúdo em transição, é necessário sublinhar uma característica bastante importante dos fenômenos que se enquadram neste conceito:

Conviene subrayar que las formas de transición no solamente son complejas, sino que son además muy contradictorias de por sí, reflejando de este modo las contradicciones existentes en el contenido. Por ello, las formas de transición tienen menor estabilidad histórica que las que no poseen este ese carácter. Y esto se expresa incluso en su propia denominación (ROSENTAL, STRAKS, 1958, p. 212).

¹⁸ Na transição de um Modo de Produção a outro, o período que vai do surgimento da contradição entre as Forças Produtivas e as Relações de Produção até a consolidação do novo regime é chamado Período de Revolução Social e o momento do auge revolucionário no qual ocorre a alteração do poder do Estado e ocorre a mudança na forma jurídica de propriedade é chamado Revolução Política (GERMER, 2009, p. 14);

Isto implica dizer, portanto, que, mesmo que já esteja instalado o poder socialista revolucionário, ainda existe a possibilidade de retorno ao Capitalismo.

Uma vez caracterizado o Regime Socialista, precisamos agora nos deter nas diferenças qualitativas que existem entre a passagem do Modo de Produção Capitalista ao Comunista e as demais transições. Marx já afirmava que “As relações de produção burguesas são a última forma contraditória do processo de produção social [...] Com esta organização social termina, assim, a pré-história da sociedade humana” (MARX, 1973, p. 29). Mas, o que isto significa?

Marx e Engels, em “A Ideologia Alemã”, explicam que:

A relação coletiva na qual entraram os indivíduos de uma classe relação esta condicionada por seus interesses comuns diante de um terceiro, consiste sempre em uma coletividade que conglomerava tais indivíduos somente como indivíduos médios, [...] isto é, uma relação na qual participavam não como indivíduos, mas como membro de uma classe. Por outro lado, com a coletividade dos proletários revolucionários, que tomam o controle das suas condições da sua existência e as dos demais membros da sociedade, ocorre justamente o contrário: nela os indivíduos participam enquanto indivíduos. E é essa união de indivíduos [...] que põe sob seu domínio as condições de livre desenvolvimento e de movimento dos indivíduos, condições que até aqui estavam sob o acaso e tinham tomado uma existência independente relativamente aos diferentes indivíduos [...] Tais condições de existência são simplesmente os **meios de produção** e os **meios de intercâmbio** existentes em cada período (MARX, ENGELS, 2004, p. 113).

Junte-se a isto o fato de que “[...] se o ser humano puder identificar com precisão as leis de desenvolvimento da sociedade, poderá promover o seu desenvolvimento deliberadamente” (GERMER, 2009, p. 5). Disto tudo, deduz-se que, no Regime Socialista, com os indivíduos como um todo tendo sob o seu controle os Meios e Relações de Produção através de um novo modo de produzir (a economia planificada) e com o fato de estes mesmo indivíduos tomarem conhecimento das leis de desenvolvimento da sociedade, este desenvolvimento, que até agora se dava por acaso, dar-se-á de forma intencional.

O papel das Forças Produtivas, das Relações de Produção e da Superestrutura, assim como a posição de determinante e determinado de cada um deles, se mantém inalterado, contudo, o fato de que o desenvolvimento se dá de forma intencional, faz surgir um diferencial no Regime Socialista (que será mantido no Modo

de Produção Comunista) em comparação com o que ocorria nos Modos de Produção anteriores.

Sabe-se, em função da Lei de Correspondência das Relações de Produção com o Caráter das Forças Produtivas, que as primeiras correspondem sempre (pelo menos em alguma medida) às últimas. Contudo, ao passo que surge uma contradição entre as Forças Produtivas e qualquer aspecto das Relações de Produção, em alguma medida o desenvolvimento das primeiras está sendo freado, dificultado. No Regime Socialista, no entanto, com os seres humanos tendo tomado o controle deste desenvolvimento, as Relações de Produção podem ser alteradas assim que se identifique qualquer discordância entre forma e conteúdo.

A passagem do Capitalismo ao Regime Socialista, portanto, significa para a humanidade, tomar conhecimento das leis de evolução da sociedade e utilizá-las para a aceleração deste processo; é a passagem, da pré-história, para a verdadeira história da humanidade.

Expusemos aqui o que seria a teoria dos Modos de Produção concebida por Marx¹⁹. No entanto, expor a teoria não é o bastante. Após percorrer o caminho que vai do concreto ao abstrato, é preciso dar meia-volta e partir do abstrato para o concreto. Devemos, pois, apontar quais as implicações de analisar o caso concreto da União Soviética a luz de tal teoria.

Como já mencionado anteriormente, a revolução socialista eclodiu em um país de forças produtivas debilmente desenvolvidas, a Rússia. Caso esta revolução se espalhasse pelos demais países do mundo, incluindo os países desenvolvidos, nenhum problema se apresentaria, a princípio. No entanto, como será demonstrado mais adiante no presente trabalho, isto não ocorreu. O problema que se apresentou, por sua vez, deriva-se da seguinte lógica.

As relações de produção capitalistas, assim como outras relações de produção ao longo da história o fizeram, servem de forma para as forças produtivas sociais para assim possibilitarem seu desenvolvimento. Este desenvolvimento, no entanto, assim como também ocorreu no passado com outras relações de produção, chegará a um nível tal que não mais “caberá” dentro da forma de manifestação utilizada e terá de

¹⁹ Ou pelo menos a interpretação que temos desta;

substituí-la por uma nova, neste caso, relações de produção socialistas. Neste ponto do seu desenvolvimento, as forças produtivas já constituirão, em parte, forças produtivas características do Regime Socialista. Na Rússia, no entanto, a revolução eclodiu, como dito anteriormente, como consequência de uma espécie de exportação das contradições dos países capitalistas desenvolvidos e não devido ao desenvolvimento do capitalismo russo. As relações de produção socialistas, portanto, não poderiam servir de forma para as forças produtivas russas em virtude do seu fraco desenvolvimento. Segundo Rosental e Straks:

Si la nueva forma sirve a un viejo contenido, tendremos como resultado un agudo conflicto, que estallará, de súbito, entre el contenido y la forma, conflicto que culminará en la destrucción de la segunda, ya que se pondrá al descubierto un profundo divorcio entre la forma y el contenido (ROSENTAL, STRAKS, 1958, p. 208).

“Sendo assim,” explica Germer (2009, p. 20), “seria necessário elevar as FP da Rússia ao nível mais avançado atingido no capitalismo, para que, a partir daí, se desenvolvessem as novas FP socialistas e as correspondentes relações materiais de produção.”

Além disso, para a manutenção de um desenvolvimento sempre vigoroso das Forças Produtivas, faz-se necessário que o poder revolucionário esteja sempre atento ao surgimento de qualquer contradição entre estas e qualquer aspecto das Relações de Produção e, quando deste surgimento, operar imediatamente as modificações necessárias nestas relações de produção, ao passo de deixar livre o caminho para o desenvolvimento das Forças Produtivas, pois, caso contrário, mesmo que em pequena medida, este aspecto específico das Relações de Produção constituiria um freio a este desenvolvimento.

Outro aspecto particular da revolução soviética diz respeito à classe promotora da revolução. Segundo Marx,

[...] nas revoluções do passado, a forma da atividade se mantinha invariável, e buscava-se somente obter uma outra forma de distribuição desta atividade, uma nova divisão do trabalho entre outras pessoas, ao passo que a revolução comunista é conduzida em oposição ao modo anterior de atividade, pois suprime o trabalho e a dominação das classes ao suprimir as próprias classes, uma vez que é uma revolução feita pela classe que já não é mais tida como

classe na sociedade, não é mais considerada como tal, e que já é em si mesma a expressão da extinção de todas as classes (MARX, ENGELS, 2004, p. 106).

Esta classe a qual Marx se refere é o proletariado revolucionário. No entanto, em virtude do fraco desenvolvimento da sociedade russa, conforme demonstraremos no desenvolvimento do presente trabalho, a proletariado era pouco expressivo no país. A maioria dos agentes econômicos que não faziam parte da classe dominante no período capitalista era composta por camponeses pobres. Diante disto, a revolução russa acabou sendo o resultado da união de forças entre o proletariado e o campesinato russo, da “aliança operário-camponesa”. Esta aliança constituía a base da revolução e deveria ser sustentada a qualquer custo. Portanto, qualquer que fosse a política econômica do regime soviético, ela deveria sempre ter isto em mente.

É, portanto, com base em todo o instrumental teórico apresentado aqui que desenvolveremos o presente estudo.

3.2 OS CONCEITOS EXTENSIVO E INTENSIVO:

Referimo-nos aqui a dois conceitos com os quais o leitor pode não estar familiarizado: crescimento **com base em fatores extensivos** e **crescimento com base em fatores intensivos**. Vamos, portanto, caracterizá-los neste ponto.

A maioria dos autores consultados por nós que utilizam estes termos não faz uma caracterização precisa dos mesmos. Quando aborda o tema, Aganbeguian (1988), por exemplo, ou até mesmo outros autores como Paulino (2008) ou Fernandes (1992), supõem ser suficiente fazer algumas referências explicativas durante o texto. O único autor a apresentar uma caracterização precisa e direta de tais conceitos é Segrillo (2000b). Faremos aqui a nossa caracterização através de um misto das caracterizações feitas pelos autores, mas teremos por base Aganbeguian (1988), visto que este autor é uma referência neste aspecto.

O crescimento com base em fatores extensivos é o aumento do produto fruto de um aumento da quantidade de meios de produção e força de trabalho utilizados na produção em uma proporção igual ao aumento da produção ou maior. Em termos

concretos, é a criação de uma nova unidade produtiva utilizando uma tecnologia já existente e, portanto, já dominada pela nação. Esta nova unidade produtiva não só não substitui outras já existentes, como também não é mais produtiva do que elas. Assim, produz a mesma quantidade de produtos que as demais com a mesma quantidade de trabalhadores, matérias-primas, edificações, máquinas e equipamentos. São exemplos de crescimento extensivo: o aumento da área cultivada, a construção de uma fábrica com a mesma composição técnica²⁰ do ramo, exploração de novas jazidas e etc.

Note que, embora este tipo de crescimento não aumente a produtividade do ramo produtivo em questão (exceto talvez no caso de descobrir-se uma jazida mais produtiva que as já existentes), o mesmo não pode ser dito em relação à produtividade da economia como um todo. A criação de novas unidades produtivas em um ramo de produção de alta produtividade, se comparado aos demais ramos da economia, gera, portanto um aumento de produtividade na economia como um todo, uma vez que aumenta o peso deste tipo de ramo na produção total. Assim, o crescimento da produtividade do trabalho da economia não implica necessariamente que o crescimento não está se dando de forma extensiva.

Já um crescimento baseado em fatores intensivos representa um aumento do produto conseguindo-se, ao mesmo tempo, uma economia dos recursos (sejam matérias-primas, máquinas, ferramentas, etc.) e/ou força de trabalho utilizados na produção. Isto pode ser conseguido através do aumento da eficiência produtiva, da introdução de novas técnicas ou novas tecnologias. A melhoria da qualidade dos produtos, entretanto, também é classificada por Aganbeguian como um fator intensivo. Nossa interpretação é que isto provavelmente se deva ao fato de que, de um ponto de vista social, isto poderia representar uma melhor utilização dos recursos, já que produz um produto melhor para a população. São, portanto, exemplos deste tipo de crescimento a substituição da maquinaria da fábrica por outra mais produtiva, um melhoramento da técnica que torne possível produzir um produto com a mesma qualidade, mas com uma quantidade menor de matérias-primas (ou seja, diminuindo o desperdício no âmbito da produção), o melhoramento dos solos, criação de uma nova fábrica que produza um produto de qualidade mais elevada através do aprimoramento

²⁰ Relação entre a quantidade de meios de produção e trabalhadores (Marx, 1985, p. 178);

da técnica ou dos equipamentos, aumentar a quantidade de transportes de carga com um aumento menos que proporcional da quantidade de combustível utilizada e etc.

É preciso sublinhar aqui que, de acordo com esta terminologia, muito raramente poderá ser constatado um caso concreto de um crescimento com base em fatores intensivos puro. Em geral, ele virá sempre acompanhado de uma certa medida de crescimento com base em fatores intensivos. Ou seja, um aumento de 10% no produto em conjunto com um aumento de 5% na utilização de recursos e força de trabalho, por exemplo. No entanto, casos de crescimento baseado puramente em fatores intensivos não deixam de existir: uma melhoria na organização da planta da fábrica que aumente a produtividade é um exemplo disto.

É também interessante notar que, embora a maioria dos fatores intensivos esteja necessariamente ligada a aumentos de produtividade, um deles, a melhoria da qualidade, não está. Assim, ao aliar isto ao que dissemos anteriormente acerca da relação entre o crescimento extensivo e a produtividade do trabalho, não é tão simples atestar que tipo de crescimento está se dando na economia através da evolução da produtividade do trabalho.

Como dissemos anteriormente, em Aganbeguian (1988) não há uma caracterização direta e precisa destes conceitos. O que expusemos aqui está baseado em passagens como as seguintes:

Se nos últimos quinze anos o nosso desenvolvimento foi à custa dos fatores extensivos, comprometendo na produção, e cada vez mais, novos recursos, agora convirá conduzir a economia nacional na via de um desenvolvimento intensivo, isto é, com a preocupação da melhoria da eficiência e da qualidade. Além disso, o factor principal de crescimento econômico será o progresso científico e tecnológico (AGANBEGUIAN, 1988, p. 19).

[...] nós temos de passar duma via extensiva de crescimento das produções e consumos de combustíveis e de matérias-primas para a intensificação da produção ligada às economias de recursos (AGANBEGUIAN, 1988, p. 23).

Segrillo, como dissemos anteriormente, é o único autor que apresenta uma caracterização precisa destes dois conceitos. Esta caracterização, a qual empresta de Wilczynski, está bem próxima da nossa interpretação da visão de Aganbeguian. Segrillo aponta que:

Crescimento extensivo da economia é aquele e que o aumento da produção (output) é realizado através do acréscimo em quantidade dos insumos (inputs) dos fatores de produção (capital, trabalho, terra, matérias-primas etc.). Crescimento intensivo é aquele em que, com um mesmo volume de inputs, consegue-se uma produção maior, ou seja, é realizado através de um nível tecnológico mais alto, mais produtivo [...] Por exemplo, se numa situação hipotética necessitamos dobrar a produção de automóveis num país, isto pode ser conseguido dobrando-se o número de fábricas automobilísticas existentes (crescimento extensivo), ou aumentando tecnologicamente a capacidade e eficiência das fábricas existentes para que, com o mesmo número de unidades produtivas, se produza duas vezes mais veículos (crescimento intensivo) (SEGRILLO, 2000b, p. 80).

Contudo, não podemos deixar de apontar uma falha presente na definição apresentada por Segrillo. Nela, são utilizados conceitos que estão em desacordo com aqueles utilizados pela Economia Política Marxista, sendo característicos da visão Neoclassicista ou Neoclássica da economia.

Esta falha consiste na denominação dos elementos utilizados durante o processo produtivo. Não é feita, por parte do autor, nenhuma diferenciação entre estes elementos e todos eles são postos na categoria Insumos ou Inputs. O autor vai ainda mais além ao nomear o trabalho como um insumo, demonstrando completo desconhecimento do conceito marxista Força de Trabalho. Uma das grandes críticas feitas por Marx, no capítulo XVII de O Capital²¹, à economia política burguesa refere-se justamente ao engano cometido pelos economistas burgueses em se deixarem levar pela esfera das aparências e acreditarem que o salário é o preço do trabalho, ou seja, que o trabalhador vende o trabalho ao capitalista. Foi justamente este erro teórico que impossibilitou estes economistas de desvendarem a origem do lucro na economia capitalista, visto que ele obscurece e mistifica o processo de valorização. Em contraposição a esta idéia, Marx defende que o que trabalhador vende ao capitalista é, na verdade, a sua força de trabalho, ou seja, a sua capacidade de trabalhar, de criar valor novo. Ocorre, no entanto, que o valor da força de trabalho é inferior a quantidade de valor que ela pode criar, fazendo com que, no ato da produção, o trabalhador gere não só o valor equivalente ao valor da sua força de trabalho, como também uma soma adicional de valor que Marx chamou de Mais-valia.

²¹ MARX, Karl, O Capital, Livro I. Vol. II. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, pp. 121-126;

Além disso, colocar o trabalho para dividir um conjunto formado por coisas concretas é como comparar melancia com música. Isto porque, o trabalho em si, é um conteúdo abstrato que, em virtude disto, assume formas de manifestações diversas (carpintaria, alfaiataria, etc.) e que inclusive cristaliza-se em alguns dos materiais colocados por Segrillo em conjunto com o trabalho (matérias-primas, por exemplo).

Se nos abstrairmos, no entanto, da terminologia utilizada por ele, poderemos atestar que, como dissemos anteriormente, o autor expressa uma visão destes conceitos que converge com a nossa interpretação da visão de Aganbeguian.

Julgamos que o que foi exposto aqui é suficiente para caracterizar de forma precisa estes dois conceitos, mas queremos ir mais além.

Mesmo não tendo investigado a origem dos mesmos, sabemos, em virtude da pesquisa bibliográfica feita, que eles eram amplamente utilizados nas análises do desenvolvimento soviético. Quando desta constatação, surgem, pois, as seguintes questões: por que os pesquisadores se utilizam/utilizaram de tais conceitos para analisar a realidade da economia soviética ao invés de utilizar, como de costume para os pesquisadores da corrente marxista, a evolução da produtividade do trabalho? Quais foram as bases da sua construção? Cientes de que somente após obtermos as respostas para tais perguntas, poderemos utilizar tais conceitos da maneira apropriada, empreenderemos agora tal tarefa.

Primeiramente, é preciso estar ciente de que:

Los conceptos y las categorías constituyen condensaciones, “nódulos” del conocimiento, ya que en ellos se manifiestan los rasgos y aspectos más importantes, esenciales, de los fenómenos e objetos (ROSENTA, STRAKS, 1958, p. 5).

Assim,

Do que deixamos exposto acerca de la significación de las categorías se desprende la conclusión de que éstas solo sirven y pueden servir de puntos de apoyo del conocimiento en cuanto reflejan los aspectos y relaciones esenciales del mundo objetivo. Dicho en otras palabras: la validez y significación de las categorías del pensamiento, en cuanto a su contenido, estriba en que les es inherente un **contenido objetivo**, extraído del mismo mundo real. Solo concibiendo así la naturaleza de las categorías, pueden utilizarse éstas como

medio e instrumento del conocer y da la actividad práctica (ROSENTA, STRAKS, 1958, p. 9).^{22 23}

Diante disto, algum fenômeno novo, algum aspecto em particular que necessita ser levado em consideração pelos cientistas sociais deve estar presente na realidade soviética para justificar a utilização destes conceitos ao invés dos tradicionais. Isto porque é precisamente a transformação da realidade que impõe a transformação dos conceitos, visto que eles são uma expressão ideal desta realidade. Conforme explicam Rosental e Straks:

[...] es absolutamente claro que si todos os fenómenos de la naturaleza y de la sociedad están sujetos a las leyes objetivas del desarrollo y del cambio, tampoco nuestros conceptos y categorías pueden por menos de hallarse en desarrollo y movimiento, pues de otro modo no podrían reflejar la realidad en su proceso de desarrollo (ROSENTA, STRAKS, 1958, pp. 31 e 32).

Todavia, independente do fato de estes serem novos conceitos, assim como os fenômenos e processos da realidade, eles não pode surgir do nada, como um milagre: é certo que são o resultado de um processo evolutivo. Julgamos, pois, que devemos buscar a origem de tais conceitos no conceito marxista de produtividade do trabalho pelas seguintes razões: 1) visto que os economistas soviéticos tinham a teoria marxista por base teórica, é provável que tenham partido desta para a criação de tais conceitos; 2) uma vez que o presente trabalho tem a Economia Política Marxista por base teórica, não sendo constatado que a origem dos conceitos crescimento extensivo e intensivo reside no conceito marxista de produtividade, um contraponto com base na teoria de Marx deve sempre ser feito quando da utilização dos referidos conceitos e 3) caso seja constatado que os conceitos têm por base o conceito marxista de produtividade do trabalho, o ato de diferenciar de forma clara e objetiva o significado de cada um dos conceitos permitirá que cada um deles seja usado no momento adequado, ou seja, seja utilizado para analisar os tipos de fenômenos adequados a seu uso.

²² Destaques já presentes na edição consultada;

²³ O que foi dito aqui acerca das categorias, também é válido para os conceitos. A única diferença presente entre as categorias e os conceitos é que as primeiras representam aspectos mais gerais e essenciais da realidade, enquanto que os últimos são mais simples, como o canteito de mesa, cadeira, etc. (ROSENTAL, STRAKS, 1958, p. 7);

Para buscarmos no conceito marxista de produtividade do trabalho a origem dos conceitos crescimento extensivo e intensivo, julgamos ser suficiente uma comparação entre as definições de cada um deles. Visto que já definimos os conceitos crescimento extensivo e intensivo, vamos à definição da produtividade do trabalho em Marx.

Segundo Marx,

A força produtiva do trabalho é determinada por meio de circunstâncias diversas, entre outras, pelo grau médio de habilidade dos trabalhadores, o nível de desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade tecnológica, a combinação social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais. Assim, por exemplo, o mesmo quantum de trabalho em condições climáticas favoráveis, se representa em 8 bushels de trigo, em condições climáticas desfavoráveis, somente em 4 (MARX, 1985, Vol. II, p. 48).

Disto que foi dito por Marx, podemos inferir que a produtividade do trabalho ou força produtiva do trabalho mede a quantidade de valores de uso que pode ser gerada com uma determinada quantidade de trabalho, em dado grau de desenvolvimento das forças produtivas.

Visto que o conceito de produtividade tanto é determinado, de acordo com o que já foi exposto na seção 3.1, por fatores que estão sempre em processo de desenvolvimento, quanto mensura algo que está sempre variando, ele próprio deve ser visto como algo dinâmico, visto que é um reflexo dos aspectos da realidade aos quais serve de suporte analítico. Assim, o próprio significado do conceito tornar-se-á mais claro para nós caso o vejamos desta forma dinâmica.

Ao definir o aumento da produtividade do trabalho, Marx afirma:

Entendemos aqui por aumento de força produtiva do trabalho em geral uma alteração no processo de trabalho, pela qual se reduz o tempo de trabalho socialmente necessário²⁴ para produzir uma mercadoria²⁵, que um menor quantum de trabalho adquira portanto a força para produzir um maior quantum de valor de uso (MARX, 1985, Vol. II, pp. 250 e 251).

²⁴ “Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com um grau social médio de habilidade e de intensidade de trabalho.” (MARX, 1985, Vol. II, p. 48);

²⁵ Esta definição de Marx de aumento de produtividade encontra-se no capítulo X de OCl, capítulo este sobre a produção de mais-valia relativa, portanto, está utilizando as categorias do Modo de Produção Capitalistas como base. No entanto, o conceito de mercadoria pode ser substituído aqui pelo conceito valor de uso sem maiores prejuízos;

Ou seja, a magnitude da força produtiva está em razão inversa à quantidade de trabalho despendida para a produção de um dado valor de uso. Esta magnitude da força produtiva não pode, no entanto, ser medida pela quantidade de valores de uso que é produzida em uma jornada de oito horas, por exemplo. Isto porque a quantidade de trabalho que será despendida por um trabalhador nesta jornada dependerá também da intensidade do trabalho. Se, por exemplo, o capitalista faz com que os trabalhadores de sua empresa trabalhem mais rápido, em uma jornada de oito horas, eles podem produzir uma quantidade de mercadorias maior do que a que seria produzida nas condições normais de intensidade do trabalho. Contudo, isto se dará as custas de um maior desgaste físico e mental dos trabalhadores²⁶, ou seja, através do aumento da quantidade de trabalho despendida²⁷. Desta forma, mesmo que aumente a quantidade de mercadorias produzidas, uma vez que aumentou também a quantidade de trabalho despendida, a quantidade de trabalho contida em cada mercadoria permanece invariável. Disto deriva-se que há uma diferença entre aumento de produtividade e aumento de intensidade do trabalho.

O aumento de produtividade em Marx é, portanto, tornar possível que, mantendo constante o esforço feito pelo trabalhador, este consiga produzir uma determinada mercadoria em um tempo menor. Ela, em termos concretos, pode ser medida em quantidade física de mercadorias produzidas dividida pelo número de trabalhadores, caso seja pressuposta constante a intensidade do trabalho.

Ao apresentar aqui a definição do par de conceitos crescimento com base em fatores extensivos e intensivos de acordo com Aganbeguian e do conceito força produtiva do trabalho, ou produtividade do trabalho, em Marx, a primeira característica comum existente entre eles que salta aos olhos é que ambos servem à análise do desenvolvimento de um determinado agregado econômico. Além disso, esta comparação torna possível perceber a incorporação do conceito de produtividade do trabalho marxista na lógica dos conceitos crescimento extensivo e intensivo.

²⁶ Não é à toa que o número de acidentes no trabalho aumenta quando se aumenta a intensidade do trabalho;

²⁷ “Abstraindo-se da determinação da atividade produtiva e, portanto, do caráter útil do trabalho, resta apenas que ele é um dispêndio de força humana de trabalho.” (MARX, 1985, Vol. II, p. 51);

O conceito de crescimento extensivo nada mais é do que um crescimento da produção sem alteração da força produtiva do trabalho ou com sua diminuição. Ao analisar o crescimento extensivo com base no conceito marxista de produtividade do trabalho e do ponto de vista do desenvolvimento de uma sociedade qualquer, percebe-se que este tipo de crescimento tem uma conotação neutra ou negativa. Isto porque implica que a produtividade está estagnada (podendo isto ser neutro ou negativo, dependendo das necessidades sociais) ou em declínio (negativo).

O conceito de crescimento com base em fatores intensivos, por sua vez, nada mais é que o crescimento levado a cabo através de um aumento da força produtiva do trabalho e/ou em conjunto com um melhoramento na qualidade dos produtos. Possui, portanto, uma conotação positiva, visto que a produtividade da economia está em ascensão, ou que a qualidade do seu produto está melhorando.

Todavia, vimos que há um caso no qual o crescimento extensivo é acompanhado de um aumento na produtividade geral da economia: quando este crescimento ocorre em um ramo no qual a força produtiva é maior que a média da economia, o que, por sua vez, eleva esta média. Assim, a utilização dos conceitos crescimento extensivo e intensivo sem o auxílio de qualquer outro obscureceria este movimento da produtividade do trabalho. Pode parecer que tal movimento não teria nenhuma importância para uma economia socialista, uma vez que o que determina o tamanho dos ramos na economia não é o fato de ele ser mais produtivo que os demais e sim as necessidades sociais. Contudo, em uma economia socialista que está inserida numa divisão internacional do trabalho que também possui membros capitalistas, o tamanho dos ramos também é determinado pelo papel exercido pela economia nesta divisão internacional do trabalho. Se, portanto, um crescimento extensivo está ocorrendo em um ramo intensivo em tecnologia em razão de um aumento na demanda pela exportação dos produtos produzidos pelo ramo, este crescimento passa a ter uma conotação positiva. Apontamos, portanto, o fato de obscurecer este movimento da produtividade geral da economia como uma falha destes conceitos.

Pelo que expusemos acima, vemos que o conceito de aumento de produtividade é quase que completamente incorporado pelos novos conceitos. No entanto, não só a incorporação do conceito de produtividade não é total, como também

esta simples incorporação não seria suficiente para justificar a criação de um novo conceito que se proponha ao mesmo objetivo do conceito de produtividade marxista. Como dissemos anteriormente, para isto, os conceitos crescimento extensivo e intensivo devem dar conta de algum aspecto da realidade que não poderia ser abarcado pelo conceito de produtividade. Vejamos, pois, que novos aspectos da realidade eles conseguem abarcar e por que existe a necessidade de abarcá-los.

Como veremos mais adiante, o crescimento soviético foi em sua maior parte baseado na replicação de tecnologia importada dos países capitalistas desenvolvidos. Como a tecnologia existente no território soviético quando da revolução de 1917 era muito rudimentar, possuindo produção artesanal de roupas e calçados, por exemplo, quanto mais indústrias eram implantadas na economia soviética, deslocando trabalhadores destas atividades e empregando a massa supérflua de trabalhadores que havia no campo, mais crescia a produtividade do trabalho. Contudo, este crescimento da produtividade refletia apenas a modernização da economia, e não um contínuo processo de desenvolvimento de novas tecnologias. Isto, por sua vez, preocupava as autoridades soviéticas, visto que, uma vez findado o processo de modernização, seria o desenvolvimento tecnológico que daria continuidade ao processo de crescimento acelerado.

Além disso, uma vez modernizada a economia soviética, uma das principais falhas identificadas pelos planejadores e estadistas era, como também veremos, a baixa qualidade dos produtos soviéticos.

Diante desta realidade, julgamos que é justificada a criação destes novos conceitos, uma vez que a utilização deles dava maior destaque ao processo que se desenrolou desde o início da modernização da URSS, ao qual nos referimos há pouco e cujo desenvolvimento preocupava os dirigentes soviéticos, e visto que estes conceitos incorporavam na análise um aspecto não abarcado pelo conceito de produtividade marxista e que também preocupava as autoridades: a melhoria na qualidade dos produtos.

Vemos, portanto, que aspectos novos na realidade enfrentada pela União Soviética levaram os dirigentes, planejadores e estudiosos a analisarem sua realidade com base em dois novos conceitos que tiveram o conceito de produtividade do trabalho

marxista como base para a sua elaboração. Ao nosso ver, no entanto, não seria impossível analisar a realidade soviética sem estes conceitos. Contudo, não poderíamos deixar de sublinhar aqui que existe sim uma justificativa para a sua utilização.

4 O CRESCIMENTO ECONÔMICO SOVIÉTICO:

Inúmeras eram as dificuldades nas quais a Rússia e, logo posteriormente, a URSS estavam imersas após a revolução de outubro de 1917. Não só o país no qual triunfou pela primeira vez uma revolução socialista era extremamente atrasado, do ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas, como também enfrentou sérias dificuldades adicionais.

Analisaremos cada uma das etapas do crescimento econômico da União Soviética no intuito de criar as bases necessárias a sua caracterização a ser feita no capítulo seguinte.

4.1 OS ATAQUES IMPERIALISTAS, A GUERRA CIVIL E A NEP:

Já antes da revolução de 1917, a Rússia amargava inúmeras perdas durante a Primeira Guerra Mundial. A situação do exército russo correspondia ao nível da riqueza do país: faltavam equipamentos, medicamentos e armas. Durante a guerra, os mortos das forças armadas somaram mais de 4 milhões, aos quais ainda se deve acrescentar os enfermos, feridos e mutilados (BROUÉ, 1996, p. 11). A maior parte destes era composta por camponeses. Nas cidades, sofria-se com corrosão dos salários, devido ao aumento nos preços, com o desemprego e o abastecimento precário (idem).

Esta situação do país culminou na revolução burguesa de fevereiro (março no calendário ocidental) de 1917, com a deposição do Czar e a instauração de um governo provisório de caráter burguês. A situação da população russa, no entanto, não se modificou e a insatisfação do povo continuava generalizada.

Desta forma, instaurou-se novamente no país uma situação revolucionária, a qual os detentores do poder não conseguiram reverter, culminando na revolução socialista de 1917 e na tomada do poder pelos bolcheviques²⁸.

²⁸ O Partido Operário Social Democrata Russo, POSDR, era dividido em duas alas: os menchevics (minoridade) e os bolcheviques (maioria), os quais se diferenciavam, entre outras coisas, sobre suas visões acerca da revolução. Os últimos, a ala revolucionária, acabaram dando origem ao Partido Comunista da União Soviética, PCUS, posteriormente;

O problema mais emergencial para o novo governo era o problema do abastecimento. A oferta de meios de subsistência para os trabalhadores urbanos e os membros do exército vermelho era insuficiente e precisava ser aumentada. Segundo uma nota de advertência do Conselho de Comissários do Povo entregue ao exército soviético, no entanto,

En el país hay víveres. Los terratenientes, kulaks²⁹ y mercaderes tienen ocultas enormes reservas de comestibles. Los altos funcionarios del Estado y los empleados ferroviarios y bancarios ayudan a la burguesía contra los soldados, obreros y campesinos. Los contrarrevolucionarios están dispuestos a matar de hambre a los soldados antes que ceder el poder al pueblo, la tierra a los campesinos y aceptar la paz inmediata. Los directores de los bancos niegan al Poder soviético el dinero para gastos urgentes de abastos (citado por GÚROV, GONCHAROV, 1977, p. 87).

Em resposta a esta situação, o governo socialista decidiu manter a lei de monopólio estatal do trigo criada pelo governo provisório. Ao comentar tal medida, Vladimir Ilitch Ulianov, o Lênin, líder da revolução bolchevique de outubro de 1917, dizia que:

El monopolio del trigo y el sistema de racionamiento del pan no fueron implantados por nosotros, sino por el Estado capitalista beligerante... Pero también aquí, como en toda su obra histórica de creación, el proletariado toma sus armas del capitalismo, no las “inventa” ni las “crea de la nada” (LENIN, apud GÚROV, GONCHAROV, 1977, p. 89.)

Contudo, conforme a nota de advertência do Conselho de Comissários do Povo, era preciso reformar, reestruturar o aparato de distribuição deixado pelo governo provisório. Além disso, o regime em vigor tinha outro caráter: era um regime de caráter socialista. Em virtude disso, não só haveria uma reestruturação do aparato de distribuição, como o controle do trigo pelo estado também teria um novo caráter. Gúrov e Goncharov explicam que:

[...] el Poder soviético llevó a efecto la ley del monopolio del trigo de forma radicalmente distinta a como lo hiciera el Gobierno Provisional. Este no atentó contra la propiedad de los terratenientes y capitalistas, sino que, con ayuda de la fuerza militar, arrebató el trigo fundamentalmente a los campesinos trabajadores. El Gobierno soviético implantó el citado monopolio, apoyándose

²⁹ Camponeses ricos, abastados;

en los obreros y los pobres del campo. Esta medida se llevó a cabo en las circunstancias de liquidación de las clases explotadoras y confiscación de las tierras de propiedad terrateniente (GÚROV, GONCHAROV, 1977, p. 87).

O Estado, no regime socialista, além de promover o desenvolvimento, é o instrumento pelo qual o proletariado, nova classe detentora do poder, oprime a classe derrotada, a burguesia, até o seu desaparecimento completo. O regime socialista é, portanto, a ditadura do proletariado. Na Rússia, visto que a revolução tinha se dado sobre a base da aliança operário-camponesa, o Estado soviético era o instrumento através do qual o campesinato pobre (ou pobres do campo, como costumava chamá-los Lênin) e os operários oprimiriam as classes derrotadas na revolução de outubro: a burguesia urbana e a burguesia rural, ou camponeses abastados, os kulaks. O que justifica, desta forma, a mudança de caráter da política de monopólio do trigo. Foi sobre os ombros dos kulaks que recaiu o maior peso das requisições.

O nível de tensão da luta de classes no campo chegou ao máximo quando as medidas para o cumprimento do Decreto Leninista sobre a Terra começaram a ser tomadas. Este dizia que todas as terras do país deveriam ser desapropriadas. Após isto, parte delas seria transformada em fazendas coletivas e a outra parte seria dividida de forma igualitária entre todas as famílias camponesas, conforme demandavam a esmagadora maioria dos camponeses. Mas, não só as terras seriam expropriadas e divididas, como também os rebanhos e os meios de produção. Foi, portanto, “este Decreto [que] creó la base económica de la alianza de la clase obrera y el campesinado trabajador” (GÚROV, GONCHAROV, 1977, p. 66).

É necessário aqui explicar que:

El Partido Comunista y el Gobierno soviético, al satisfacer las reivindicaciones relativas al reparto igualitario y “socialización” de la tierra, explicaban que el campesinato podría salir de la miseria y emanciparse de la explotación solo mediante el cultivo colectivo y la administración colectiva de la hacienda (GÚROV, GONCHAROV, 1977, p. 66).

Ou seja, o poder soviético tinha consciência de que estas relações de propriedade não eram as que mais possibilitariam um maior incremento na produtividade do trabalho, ou seja, as mais favoráveis ao desenvolvimento das forças produtivas, mas esperavam que os camponeses chegassem a esta conclusão através

da prática. De outra maneira, caso os bolcheviques tentassem estatizar logo de início as terras, era bastante provável que a massa camponesa reagisse de forma negativa. Esta reação negativa representaria uma forte ameaça a revolução socialista, visto que as relações de produção socialistas, como forma de manifestação transitória para as forças produtivas sociais, possuem certa instabilidade, ao contrário das formas de manifestação puras. Assim, uma vez que a revolução tinha a aliança operário-camponesa por base, o poder revolucionário precisava atender aos anseios da classe camponesa. Esta forma de propriedade era, pois, a forma que correspondia ao estágio inicial da revolução.

O fato é que estas medidas de forma alguma agradaram aos kulaks. Assim, a insatisfação das classes derrotadas e a sensação de ameaça que um país socialista gerava nos demais países capitalistas (além de outros fatores discutidos no capítulo 5) deram origem a uma contra-revolução.

Nos três anos que se seguiram à revolução de 1917, o poder revolucionário teve de enfrentar o ataque de uma frente intervencionista formada por 14 países imperialistas, além de uma guerra civil iniciada pelos kulaks.

Segundo Allen (2003, p. 48), “In 1919, the Bolshevik government controlled only a small territory around Moscow. Taxes could not be collected, so the state financed itself by printing money, and the result was hyperinflation”.

Para agravar ainda mais a situação, a política de monopólio estatal do trigo ocasionou uma queda nas vendas. A vitória das tropas bolcheviques, no entanto, dependia do seu abastecimento com comida. A liderança revolucionária, portanto, não teve outra escolha: adotou a política conhecida como “Comunismo de Guerra”.

Esta política consistia numa distribuição centralizada dos recursos existentes com fim de “salvar a revolução”, mantendo a indústria de guerra e alimentando as frentes e a população das cidades com os excedentes dos camponeses, expropriados através das requisições forçadas via destacamentos armados. Segundo Gúrov e Goncharov:

La política llevada a cabo por el Poder soviético durante los años de la guerra civil fue formulada en los decretos leninistas sobre la dictadura en el abastecimiento. El 9 de mayo de 1918, el Comité Ejecutivo Central de toda Rusia adoptó el decreto **Sobre la concesión de poderes extraordinarios al**

comisario del pueblo de Abastecimiento para la lucha contra la burguesía rural [...]

El decreto establecía, por vez primera, determinada entrega obligatoria de cereales por quienes los poseían. [...]

Al Comisariado del Pueblo de Abastecimiento le fueran concedidos poderes extraordinarios, incluido el derecho de empleo de la fuerza armada, en lo concerniente al acopio de cereales (GÚROV, GONCHAROV, 1977, pp. 108-110).³⁰

Contudo, a queda nas vendas não era apenas um efeito da política dos bolcheviques. Segundo Gúrov e Goncharov (1977, p. 107), ela também era um reflexo da queda na produção que se deu devido ao abandono das terras por parte dos camponeses e da produção industrial por parte dos proletários, para integrarem o exército vermelho. Os efetivos deste último, em 1918, chegavam a 1 milhão de homens; em 1919, passaram a 3 milhões; e, em 1920, a 5,3 milhões de homens.

Neste panorama, portanto, “When the drought struck, the result was the 1921 famine that killed millions” (ALLEN, 2003, p. 48).

O impacto causado na economia russa devido à destruição durante as guerras pode ser atestado pelos seguintes dados:

TABELA 1 – ÍNDICES DE PRODUÇÃO DA RÚSSIA (1913 = 100):

ANOS	INDÚSTRIA	AGRICULTURA	TRANSPORTE
1913	100	100	100
1920	20	64	22

Fonte: Paulo R. Gregory e Robert C. Stuart (1986,p.56) apud Robério Paulino (2008, p. 79).

O impacto negativo na economia é visível. O setor industrial, dentre os quatro setores que apresentamos, foi o que apresentou maior queda. Todavia, este não era o maior perigo que poderia ser enfrentado pelo poder revolucionário, visto que se impunha com maior força a necessidade de alimentar os exércitos e a população urbana. Portanto, uma queda menor na produção agrícola, se comparada à queda sofrida pelos dois outros setores, é um quadro menos catastrófico.

Após o término da guerra civil, praticamente não havia circulação monetária, estabelecendo-se um sistema de trocas, com as fábricas inclusive pagando parte dos

³⁰ Destaque já presente no original;

salários em espécie. Para sobreviver, grande parte dos operários abandonou as cidades, que perderem, em média, 30% da sua população, e os que permaneceram, chegavam a trocar instrumentos de trabalho para conseguir o necessário para sua subsistência (BROUÉ, 1996, p. 42).

Diante desta situação, os bolcheviques percebem que a política econômica deve tomar um novo rumo. Instala-se na Rússia e na posteriormente fundada União Soviética, a Nova Política Econômica, NEP (sigla em russo).

É preciso ter em mente que, além de uma estratégia para a recuperação da produção da economia soviética, a NEP foi também um dos instrumentos pelos quais os bolcheviques fortaleceram a aliança operário-camponesa. Allen explica que “Lenin introduced the NEP to reverse this situation [a queda na produção] as well as to appease the peasants. In many ways, the NEP reflected a retreat from the extreme measures of war communism.” (ALLEN, 2003, p. 49).

Em linhas gerais, a NEP utilizou o estímulo dos interesses individuais dos produtores como forma de aumentar a produção agrícola e industrial.

The peasants were confirmed in the possession of their farms, requisitioning of food by the state was replaced by moderate taxation, factory industry was put on a commercial basis and organized as profit-maximizing trusts, private trade was legalized, and economic exchanges between peasants, urban residents, and industry were conducted as market transactions (ALLEN, 2003, p. 49).

Além disso, foi dado espaço a capitais privados, nacionais e internacionais, na indústria e no comércio. O estado, contudo, permaneceu no controle das grandes empresas industriais, dos bancos, dos transportes, dos meios de comunicação e do comércio exterior.

Pelos dados apresentados a seguir, podemos ver o efeito que a NEP teve sobre a economia:

TABELA 2 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO SOVIÉTICA EM 1926 (1913 = 100):

SETOR	ÍNDICES
Aço	75
Ferro Fundido	60
Carvão	95
Calçados	103
Sal	109
Querosene	98
Algodão	87
Tecidos em Geral	81
Açúcar	77

Fonte: Alec Nove (1990, p. 43) apud Robério Paulino (2008, p. 81).

TABELA 3 – INCREMENTO DA ECONOMIA DA URSS (1913 = 100)

ANOS	PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA	PRODUÇÃO DA AGRICULTURA	MOVIMENTO DE CARGAS PARA TRANSPORTE FERROVIÁRIO
1924-25	64	87	63
1926-27	103	107	127

Fonte: J. Stalin, Obras, t. 10, PP. 308-309, t. 12, pp. 275-276, Ed. Em espanhol, Moscou, 1954 apud M. S. Dragúilev (1961, p. 102).

Ao compararmos as tabelas 2 e 3 com a tabela 1, que mostra a situação da economia soviética logo após o término das guerras, nota-se que o nível de produção está consideravelmente mais elevado. Podemos observar que, em 1926-27, o nível de antes das guerras é ultrapassado.

A economia começara, portanto, a se recuperar através da NEP. Contudo, a estratégia de manter a revolução socialista na URSS a todo custo partia do pressuposto de que, em breve, ela seria socorrida pela revolução nos países desenvolvidos. Esta última, no entanto, fracassou, e o socorro não veio. O futuro da revolução socialista agora dependia apenas da capacidade soviética de atender as necessidades da população, que era bastante limitada. O fato de que a população urbana em 1926 representava apenas 18% da população total da URSS (REIS FILHO, 1997, p. 126 apud PAULINO, 2008 p. 98 e BROUÉ, 1996, p. 104) demonstra o quão débil era sua economia, a qual possuía apenas uma indústria nascente e dependia principalmente de uma produção agrícola. O Partido Comunista da União Soviética, o PCUS, portanto, necessitava transformar esta realidade.

4.2 O DEBATE SOBRE A INDUSTRIALIZAÇÃO:

Ao constatar que a NEP havia cumprido o seu papel e que a revolução socialista não triunfara nas nações desenvolvidas, iniciou-se um extenso debate dentro do PCUS para decidir que rumo tomaria a economia soviética.

Era consenso geral que o Estado soviético deveria promover o desenvolvimento econômico, afinal, como dissemos anteriormente na fundamentação teórica do presente trabalho, no regime socialista, o ser humano “põe sob seu domínio as condições de livre desenvolvimento”. Além disso, concluímos também que, visto que a revolução triunfara em um país pouco desenvolvido, seria necessário desenvolver as forças produtivas até o limite de desenvolvimento alcançado pelo capitalismo.

Contudo, não havia consenso em duas questões principais: a primeira delas era quanto à velocidade desse desenvolvimento e a segunda delas era quando o meio de se promover este desenvolvimento.

Muitas contribuições foram dadas durante o debate. No entanto, duas propostas se destacavam das demais: uma era defendida por Preobrajensky e a outra era defendida por Bukharin.

A proposta de Preobrajensky como um todo tinha por intuito um rápido desenvolvimento da indústria. A hipótese inicial desta proposta, que, como veremos posteriormente, realmente estava presente na realidade soviética, era de que havia um grande desemprego “oculto” no campo. Um dos objetivos do desenvolvimento era, portanto, que a indústria absorvesse este exército industrial de reserva.

Partindo deste pressuposto, era sabido que, visto que a União Soviética tinha um território rico em recursos naturais, não havia empecilhos ao rápido desenvolvimento da indústria. Este, por sua vez, se daria através de investimentos maciços na indústria produtora de meios de produção, o Setor I. Isto porque era este setor que geraria cada vez mais maquinaria para a expansão tanto da indústria produtora de bens de consumo, o Setor II, quanto para a mecanização da produção agrícola, beneficiando também este setor.

Os recursos necessários para levar a cabo estes investimentos, no entanto, deveriam vir de algum lugar. Allen afirma que:

Preobrazhensky's investment strategy would strain the state budget, which would have to pay for the new plants and equipment. Where were the funds to come from? Preobrazhensky believed should be extracted from agriculture in a process of "socialist primitive accumulation" (ALLEN, 2003, p. 58).

Assim, com recursos extraídos da renda gerada no campo, o Estado financiaria os investimentos e a propriedade camponesa iria desaparecendo a medida que os camponeses fossem sendo transformados em operários assalariados. Contudo, seria necessário decidir que mecanismo seria utilizado pelo PCUS para "drenar" essa renda do campo.

Segundo Allen (2003, p. 58), Preobrazhensky defende que a cobrança de impostos diretos deveria ser descartada, pois "The way of direct taxation is the most dangerous way, leading to a break with the peasants" (citação de Preobrazhensky feita em ALLEN, 2003, p. 58). Ao invés disto,

Preobrazhensky proposed that it raise the price of consumer goods and lower the price paid for grain in order to extract the agricultural surplus and pay for investment. Financing investment, recruiting a labor force, and expanding socialism at the expenses of peasants proprietorship could all be accomplished with one policy (ALLEN, 2003, p. 58).

Já a proposta de Bukharin caminhava no sentido contrário da de Preobrazhensky. Bukharin defendia que o desenvolvimento deveria ser lento, gradual. Ele:

[...] advocated a pricing policy the reverse of Preobrazhensky's, namely, a reduction in the price of manufactures [...] in order to increase peasants marketings as well as to increase their purchases of manufactured consumer goods above pre-1913 levels. Greater demand would stimulate production and industrial profits that could pay for investment. He also advocated measures to raise agricultural productivity. These included removing prohibitions on the use of hired labor in agriculture to encourage investment by the rich peasants (ALLEN, 2003, p. 59).

A proposta de Bukharin, no entanto, tinha falhas graves. Na seção anterior vimos o grande impacto negativo sofrido pela economia da URSS devido a destruição causada pela contra-revolução levada a cabo por potências imperialistas e pelos kulaks. Segundo Gúrov e Guchanov, "V. I. Lenin señalaba que en el agro existían diferentes grupos de clase y sociales: proletarios y semiproletarios rurales; campesinos pobres, campesinos medios y campesinos ricos (kulaks)" (GÚROV, GONCHAROV,

1977, p. 116). Ainda segundo eles, Lênin afirmava que os proletários, semi-proletários rurais e camponeses pobres eram aliados do proletariado urbano na revolução socialista. Já os camponeses médios, “debido a su mentalidad de propietario privado, vacilan hacia el lado de la burguesía” (GÚROV, GONCHAROV, 1977, p. 117). Os autores explicam que esta camada às vezes apoiava os atos revolucionários e às vezes tendiam uma junção de força com os kulaks, pelas razões agora expostas. Por fim, os kulaks eram considerados, por Lênin, inimigos da revolução socialista. A orientação do PCUS era, portanto, de buscar o apoio das três primeiras camadas, neutralizar a influência dos kulaks para com os camponeses médios e oprimir os kulaks.

Mesmo diante deste quadro, Bukharin sugeria fortalecer justamente os inimigos da revolução, através de sua política de desenvolvimento. Além disso, esta política também almejava a reintrodução de relações de produção capitalistas que já haviam sido abolidas na União Soviética: a exploração, por parte de um indivíduo, de força de trabalho alheia.

Como uma forma de manifestação transitória para as forças produtivas, as relações de produção do regime socialista são compostas de elementos do antigo modo de produção, o Capitalismo, e do novo modo de produção, o Comunismo. A instabilidade desta contradição, como já afirmamos, torna também incerto o futuro, pois tanto existe a possibilidade de reconversão ao regime capitalista, como de transformação da sociedade em uma sociedade comunista. O que determinará o que ocorrerá será a intensidade de cada uma das forças em choque. Portanto, o papel do poder revolucionário era fortalecer os componentes desta forma transitória que correspondiam ao novo modo de produção e enfraquecer os demais. A proposta de Bukharin, todavia, caminhava no sentido contrário.

De acordo com Allen (2003, p. 59), Bukharin afirmava que esta crítica não tinha fundamento, pois a sociedade sem classes poderia ser alcançada através da concorrência. Em contrapartida ao enriquecimento dos kulaks, o Estado soviético deveria encorajar a formação de cooperativas, o que iria baratear os meios de produção comprados pelos cooperados e, conseqüentemente, reduzir os preços dos produtos. Ao final de tudo, os kulaks iriam ser arruinados pela concorrência e retirar-se-iam dos

negócios, como se os capitalistas fossem derrotados no seu próprio “jogo” devido à superioridade do socialismo.

Ao que parece, portanto, ou não passava pela cabeça de Bukharin que, ao chegar o tempo disto ocorrer, os kulaks poderiam desencadear uma nova contra-revolução, estando ainda mais fortes do que no período da guerra civil, ou Bukharin estava propondo uma estratégia de reconversão da economia soviética ao capitalismo, disfarçada de proposta de desenvolvimento da economia socialista.

A proposta de Preobrajensky, por sua vez, também tinha suas falhas. Ele propunha “turning the terms of trade against agriculture since it was a less visible method of surplus extraction than direct taxation. But the peasants were no fools and would know if the price structure was manipulated to their disadvantage” (ALLEN, 2003, p. 58).

Além disso, outra crítica feita à estratégia de Preobrajensky era que com um esforço muito grande para a industrialização, a quantidade de recursos destinada ao investimento faria com que o consumo da população fosse reduzido, o que seria perigoso em um período de consolidação da revolução socialista. No entanto, esta crítica podia ser respondida através da utilização do modelo do economista do GOSPLAN G. A. Fel’dman.

O referido economista publicou, em 1928, um artigo em duas partes no *Planovoe Khoziaistvo*. Este consistia em um modelo de crescimento para a União Soviética.

Primeiramente, Fel’dman dividiu a economia em dois setores, assim como nos esquemas de reprodução de Marx: o setor produtor de meios de produção, Setor I, e o setor produtor de Bens de Consumo, Setor II. Dada a situação da economia soviética na época, ou seja, largas possibilidades de expansão do emprego, o economista considerou a produção como função apenas do que, segundo Allen, ele chamou de estoque de capital³¹. A produção de cada um dos setores é determinada, portanto, pelas seguintes equações³²:

³¹ Pressupondo que Allen expôs com rigorosidade o modelo de Fel’dman e que existe uma rigorosidade de conceitos neste modelo, vamos entender este estoque de capital como a soma entre o valor do capital fixo e a quantidade de recursos imobilizados na empresa para a reposição contínua das matérias-primas e materiais auxiliares da produção, ou seja, como o capital constante, os meios de produção. Este nosso

$$Y_t^I = aK_t^I \quad (2)$$

$$Y_t^{II} = bK_t^{II} \quad (3)$$

O que determina o investimento no modelo de Fel'dman é a proporção na qual a produção do Setor I é dividida entre os dois setores. Se e for a proporção na qual a produção de meios de produção é dividida (com seu valor, conseqüentemente variando entre 0 e 1), temos que o investimento nos dois setores será:

$$I_t^I = eY_t^I \quad (4)$$

$$I_t^{II} = (1 - e)Y_t^I \quad (5)$$

Uma vez que a produção em cada um dos setores cresce a medida que cresce o estoque de capital, é necessário determinar o montante deste no período t considerando o seu crescimento. Este montante é determinado pelas seguintes equações³³.

$$K_t^I = (1 - d)K_{t-1}^I + I_t^I \quad (6)$$

$$K_t^{II} = (1 - d)K_{t-1}^{II} + I_t^{II} \quad (7)$$

Se substituirmos as equações 2, 3, 4 e 5 nas equações 6 e 7, obtemos as equações que denotam o montante de estoque de capital no período t para ambos os setores e em relação a todas as variáveis explicativas existentes.

entendimento é reforçado pelo fato de o investimento ser retirado representado pelo produto do setor produtor de meios de produção;

³² Onde Y_t^I é a produção do Setor I no tempo t , K_t^I é o estoque de capital deste setor no tempo t e a é a constante que representa quanto do crescimento econômico pode ser explicado pelo aumento do estoque de capital. As variáveis com sobrescrito II e a constante b são as referidas variáveis para o Setor II;

³³ De acordo com o nosso entendimento da exposição de Allen do modelo de Fel'dman, deveremos considerar que, em ambas as equações, o d consitui a depreciação do capital como um todo. No entanto, sabemos que a parte constante circulante do capital não se deprecia: ela se transfere integralmente no ato da produção. Para a manutenção da rigorosidade de conceitos, devemos, portanto, entender que, por exemplo, se o capital fixo representa 50% do capital total da empresa e deprecia-se a uma taxa de 10% ao ano, a depreciação anual do estoque de capital será de 5%. Por fim, $(1 - d)K$ é o estoque de capital que "sobreviveu" à depreciação no ano $t - 1$;

$$K_t^I = \frac{(1-d)}{(1-ea)} K_{t-1}^I \quad (8)$$

$$K_t^{II} = (1-d)K_{t-1}^{II} + \frac{(1-e)(1-d)a}{(1-ea)} K_{t-1}^I \quad (9)$$

Analisando estas equações, vemos, primeiramente, que o estoque de capital do Setor I depende diretamente apenas do seu estoque de capital no ano anterior.

Na segunda equação, por sua vez, observamos que o estoque de capital do Setor II depende diretamente tanto do seu estoque de capital no ano anterior, quanto do estoque de capital existente no ano anterior no Setor I.

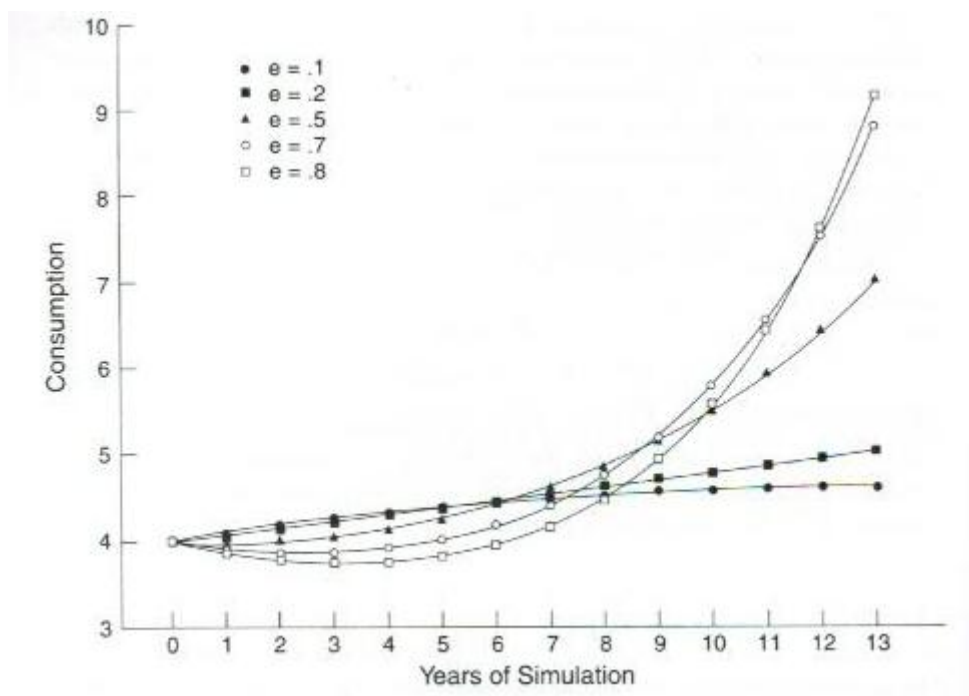
Disto, podemos concluir que o estoque de capital do Setor II cresce em conjunto com o do Setor I, ou seja, quanto maior for este último, maior será o primeiro. Assim, se o estoque de capital do Setor II também cresce com o do Setor I, o mesmo é válido para a sua produção, visto que a produção dos setores depende apenas do seu estoque de capital.

Um dos principais objetivos deste modelo é determinar a trajetória do consumo da economia (da produção da indústria de bens de consumo, o Setor II) ao longo do tempo. O que determinará isto, por sua vez, será o valor atribuído ao e , ou seja, a proporção de divisão do investimento.

Fazendo uma simulação de 13 anos com vários valores para o e , o resultado obtido por Allen (2003, p. 56) é apresentado na figura 3 a seguir:

É válido comentar que o autor não disponibiliza no seu livro os valores dos coeficientes que foram utilizados na simulação, apenas os valores de e . Sua conclusão, no entanto, é que existem valores de e de alta magnitude que não necessariamente ocasionam uma queda no consumo no curto-prazo. O que ocorre é uma certa estagnação do consumo no período inicial que, no entanto, é seguida por um grande crescimento deste.

FIGURA 3 – CONSUMO NO MODELO DE FEL'DMAN:



Fonte: Allen (2003, p. 56).

Diante do que foi exposto, uma vez que era necessário desenvolver as forças produtivas da União Soviética até o limite mais alto alcançado pelo capitalismo o mais rápido possível para garantir a consolidação do regime socialista, a escolha entre as duas principais estratégias de desenvolvimento era simples. A estratégia de Bukharin possuía muitas falhas: continha indícios de uma tentativa de retorno ao capitalismo, visto que reintroduzia relações de produção capitalistas já abolidas na URSS e fortalecia a classe inimiga da revolução além de dar origem a um ritmo de desenvolvimento lento. A estratégia de Preobrajensky, por sua vez, não só tinha por consequência um desenvolvimento acelerado, como também garantia a manutenção do consumo durante o período inicial e um largo crescimento deste em um futuro muito próximo, apesar de poder gerar alguma insatisfação da classe camponesa.

O PCUS, portanto, optou por utilizar a proposta de desenvolvimento de Preobrajensky com base nas idéias do modelo de Fel'dman que, segundo Allen (2003, p.57), “were key ones underlying Stalin’s industrial revolution”.

4.3 O ESFORÇO PARA O DESENVOLVIMENTO: PRIORIDADE AO SETOR PRODUTOR DE MEIOS DE PRODUÇÃO:

A partir de 1928, o PCUS passou a adotar o Planejamento Central para reger o crescimento econômico soviético. O GOSPLAN (Comitê de Planejamento Estatal do Conselho de Ministros da URSS) era o órgão responsável por emitir as diretivas para orientar a produção das empresas. Havia três tipos de planos: os de longo prazo: (15 a 20 anos), os de médio prazo (5 anos) e os de curto prazo (anuais e trimestrais). Cada um deles tinha uma finalidade: os primeiros davam uma direção geral, a perspectiva de desenvolvimento a ser seguida, os segundos eram os que orientavam a produção de curto prazo com metas de crescimento de médio prazo, e os últimos operacionalizavam a produção de curto prazo.

Para esta operacionalização da produção, as empresas estatais enviavam relatórios ao GOSPLAN especificando sua capacidade de produção, sua estrutura de custos e as matérias-primas necessárias à produção. Após o plano ser elaborado, o GOSSNAB (Comitê Estatal de Suprimento Material e Técnico da URSS) encarregava-se da distribuição dos meios de produção dos quais tinham necessidade as empresas estatais.

Conforme apresentamos nas tabelas 4 e 5 a seguir, já no período do I Plano Quinquenal, a grande maioria da indústria era composta por empresas estatais e quase dois terços das terras da agricultura havia sido coletivizada. Assim, nesta época já era pequena a parcela da economia que não era orientada pelos planos.

TABELA 4 – PRODUÇÃO DA GRANDE INDÚSTRIA POR SETORES SOCIAIS
(segundo preços de 1926-27 em milhões de rublos):

ANOS	1929	1930	1931	1932	1933
I - Indústria Socializada	20.891	27.402	s.d.	38.436	41.940
a) Indústria do Estado	19.143	24.989	s.d.	35.587	38.932
b) Indústria Coooperativa	1.748	2.413	s.d.	2.849	3.008
II - Indústria Privada	134	75	s.d.	28	28
(I + II) Produção Total	21.025	27.477	33.903	38.464	41.968

em porcentagem

I - Indústria Socializada	99,36%	99,73%	s.d.	99,93%	99,93%
a) Indústria do Estado	91,05%	90,95%	s.d.	92,52%	92,77%
b) Indústria Coooperativa	8,31%	8,78%	s.d.	7,41%	7,17%
II - Indústria Privada	0,64%	0,27%	s.d.	0,07%	0,07%
(I + II) Produção Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: J. V. Stalin, Informe ante el XVII Congreso Del Partido acerca Del labor Del CC Del PC de La URSS, in Cuestiones Del Leninismo, Pequín: Ediciones em Linguas Estrajeras, 1977, pp. 709 e 710 apud Fernades (1992, p. 95).

TABELA 5 – COLETIVIZAÇÃO DAS FAZENDAS CAMPONESAS (em milhões)

	1929	1930	1931	1932	1933
Numero de Kolkhozes	57,7	85,9	211,1	211,05	224,5
Número de Fazendas Camponesas nos Kolkhozes	1,0	6,0	13,0	14,9	15,2
Porcentagem de Coletivização das Fazendas Camponesas	3,9%	23,6%	52,7%	61,5%	65,0%

Fonte: J. V. Stalin, Informe ante el XVII Congreso Del Partido acerca Del labor Del CC Del PC de La URSS, in Cuestiones Del Leninismo, Pequín: Ediciones em Linguas Estrajeras, 1977, pp. 709 e 710 apud Fernades (1992, p. 96).

Já apontamos anteriormente qual passou a ser o principal objetivo da política econômica do Estado soviético: o desenvolvimento acelerado das forças produtivas. Demonstramos também, na fundamentação teórica do presente trabalho e nas seções anteriores do desenvolvimento do mesmo, as razões que justificam esta orientação.

De acordo com o modelo de Fel'dman e as teorias elaboradas por Preobrajensky, a melhor maneira de desenvolver as forças produtivas soviéticas era através de um investimento maciço no setor produtor de meios de produção. Com a maior parte da economia socializada, os planos econômicos do GOSPLAN, portanto, tornaram-se a ferramenta que levou a cabo esta estratégia. De acordo com Nove (1991, apud PAULINO, 2008, p. 97), os setores de indústria pesada, energia e infra-estrutura de transportes absorveram 78% dos investimentos totais, restando, portanto, 22% dos investimentos para ser dividido entre os demais ramos industriais e a agricultura.

Esta estratégia deveria fazer com que, no período do I Plano Quinquenal, tomando-se como base outubro de 1928, a renda nacional aumentasse 506%, os investimentos, 237%, a produção industrial, 136%, a produção de aço, 160%, a de energia elétrica, 335%, a de carvão, 111%, a de petróleo, 88%, a de roupas de lã 178%, a de bens de consumo, 104% e a produção agrícola 55% (NOVE 1990, p. 58 apud PAULINO, 2008, p. 91).

Broué (1996, p. 102), contudo, afirma que, em 1933, a produção de carvão encontrava-se 15% abaixo do previsto, a de ferro fundido, 28%, a de material ferroviário, 50% e a de tratores, 60%. Entretanto, mesmo que parte do plano não tenha sido cumprida, não há como negar que a política de desenvolvimento das forças produtivas e de aceleração do crescimento econômico levada a cabo pelo PCUS funcionou. Se analisarmos os dados apresentados na tabela 6, podemos ver que os índices de crescimento de toda a indústria da URSS mais do que dobram em um período de 5 anos. Os índices da Grande Indústria, por sua vez, quase triplicam:

TABELA 6 – INCREMENTO DO VOLUME DA PRODUÇÃO GLOBAL DA INDÚSTRIA DA URSS (1913 = 100):

ANOS	TODA A INDÚSTRIA	A GRANDE INDÚSTRIA
1927	111	122
1928	132	152
1929	158	190
1930	193	249
1931	233	307
1932	267	352

Fonte: Naródnioie Rozidistvo SSSR, Statisticheskii Sbórník, p. 45 Gosstatizdat, 1956, apud Draguílev (1961, p. 117).

Os demais planos, seguiram a mesma lógica do primeiro e mantiveram a prioridade ao setor produtor de Meios de Produção. Em consequência disto, a cada ano, a produção de Meios de Produção constituía uma parte cada vez maior do produto total da indústria, conforme comprovam os dados da tabela seguinte:

TABELA 7 – PROPORÇÃO DA PRODUÇÃO DE MEIOS DE PRODUÇÃO E BENS DE CONSUMO NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DA URSS (em porcentagem):

	1913	1927-28	1932	1937	1940
Meios de Produção	44,3%	32,8%	53,3%	57,8%	61,0%
Bens de Consumo	55,7%	67,2%	46,7%	42,2%	39,0%

Fonte: Dados oficiais soviéticos extraídos dos três primeiros planos quinquenais e publicados no livro de Tony Cliff, *State Capitalism in Rússia*, Londres: Pluto Press, 1974, p. 35 apud Fernades (1992, p. 105).

Assim sendo, não se poderia esperar um resultado diferente. O desenvolvimento industrial da União Soviética deu um grande salto. Vários dados atestam tal desenvolvimento. Primeiramente, isto pode ser observado pela apreciação dos índices de incremento da produção global da indústria soviética apresentados a seguir:

TABELA 8 – INCREMENTO DA PRODUÇÃO GLOBAL DA INDÚSTRIA DA URSS (1913 = 100):

ANOS	INCREMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
1927	111
1928	132
1929	158
1930	193
1931	233
1932	267
1933	281,6
1934	335,9
1935	412,5
1936	530,2
1937	589,7
1938	658,4

Fonte: elaboração própria através de *Noródnoie Rozidistvo SSSR, Statisticheskii Sbórník*, p. 45 Gosstatizdat, 1956, apud M. S. Draguílev (1961, p. 117) e *Noródnoie Rozidistvo SSSR*, p. 46 apud M. S. Draguílev (1961, p. 126).

Este rápido desenvolvimento também pode ser atestado pelo rápido crescimento da classe operária soviética, conforme dados que seguem, a qual quase triplicou em apenas 12 anos, fazendo com que, em consequência disso, a população urbana passasse a 33% do total em 1939 (REIS FILHO, 1997, p. 126 apud PAULINO, 2008 p. 98 e BROUÉ, 1996, p. 104).

TABELA 9 – CRESCIMENTO DA CLASSE TRABALHADORA DA URSS (EM MILHARES):

TIPOS DE TRABALHADORES	1928	1932	1937	1940
Total de Empregos (trabalhadores e funcionários)	10.800	20.600	26.700	31.200
Trabalhadores (total)	6.800	14.500	17.200	20.000
Trabalhadores na Indústria	3.124	6.007	7.924	8.290
Trabalhadores na Construção	630	2.479	1.875	1.929
Trabalhadores nos Sovkhozes e Outras Fazendas Estatais	301	1.970	1.539	1.558

Fonte: Lewin (1985, p. 225) apud Robério Paulino (2008, p. 353).

Com os dados que apresentamos acima, julgamos não restarem dúvidas de que a estratégia de desenvolvimento das forças produtivas levada a cabo pelo PCUS teve um grande impacto positivo no crescimento industrial da URSS durante o período analisado, gerando uma aceleração deste crescimento. No entanto, não podemos deixar de chamar a atenção para o fato de que estes dados dizem respeito apenas ao desenvolvimento da indústria em geral. Segundo as teorias defendidas por Preobrajensky e Fel'dman, um investimento maciço no Setor I acabaria por beneficiar a indústria produtora de bens de consumo e a agricultura com novas máquinas e equipamentos, que impulsionariam a produção. É preciso, portanto, obter dados sobre o crescimento do setor industrial desagregado e do setor agrícola para avaliar a assertividade de tais teorias.

Não fomos capazes de encontrar estatísticas oficiais do crescimento da indústria soviética, ou seja, separado em indústria produtora de meios de produção e indústria produtora de bens de consumo. Portanto, não podemos atestar que tipo de impacto foi sofrido pela indústria produtora de bens de consumo após ser levada a cabo a estratégia de desenvolvimento do PCUS.

No que tange a agricultura, obtivemos dados oficiais da evolução deste setor no período analisado. Estes dados estão apresentados na tabela 10 a seguir.

Ao analisarmos esta tabela, podemos constatar, sem sombra de dúvidas, que o desempenho da agricultura esteve longe de se igualar ao desempenho industrial soviético no período analisado. Dos três indicadores agrícolas que obtivemos, observamos até que um deles, a produção pecuária bruta, nem mesmo conseguiu

manter os mesmos níveis de 1928. A produção agrícola bruta, por sua vez, com variações muito instáveis (típicas da agricultura), acabou por crescer pouco no período, se comparada ao ritmo de crescimento industrial.

TABELA 10 – PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NA URSS (1913 = 100)³⁴:

Anos	Produção Agrícola Bruta	Produção Pecuária Bruta	Produção Agropecuária Bruta
1928	117	137	124
1929	116	129	121
1930	126	100	117
1931	126	93	114
1932	125	75	107
1933	121	65	101
1934	125	72	106
1935	138	86	119
1936	118	96	109
1937	150	100	134
1938	120	120	120
1939	125	119	121
1940	155	114	141

Fonte: TsEntral'noe Statisticheskoe Upravlenie pri Sovete Ministrov SSSR (Administração Central de Estatísticas do Conselho de Ministros da URSS) Sel'skoe Khozyaistvo SSSR (A Agricultura da URSS: antologia estatística), Moscou: Gosstatizdar, 1961a. p. 605 apud Segrillo (2000b, p. 280).

Apontamos anteriormente que, no I Plano Quinquenal, o investimento feito na agricultura e na indústria de bens de consumo correspondia a 22% do total. Não obtivemos os dados acerca dos investimentos totais nos demais planos do período que analisamos agora. No entanto, obtivemos os dados oficiais acerca do investimento em capital fixo dividido por setores da economia. Este é apresentado na tabela 11 a seguir.

³⁴ Paulino apresenta também dados da produção agropecuária compilados em Moshe Lewin (1994, p. 167). Contudo, visto que estes, em relação às fontes oficiais, apresentam apenas uma pequena diferença nos valores dos anos 1937 e 1939, julgamos desnecessária a apresentação dos mesmos;

TABELA 11 – ESTRUTURA DO INVESTIMENTO SOVIÉTICO EM CAPITAL FIXO (médias anuais das porcentagens em relação ao total)³⁵:

	1918-1928	1928-1932	1933-1937	1938-1941	1941-1945	1946-1950	1951-1955
Indústria	15,8%	39,1%	38,0%	35,5%	44,6%	41,0%	43,5%
Agricultura	3,1%	16,1%	12,6%	11,4%	9,7%	12,8%	15,5%
Transporte/Comunicação	9,7%	16,8%	19,3%	17,5%	14,7%	11,8%	8,6%
Construção de Moradias	67,5%	16,1%	13,1%	17,5%	16,0%	19,9%	19,8%
Outras Construções em setores não produtivos	3,9%	11,9%	17,0%	18,1%	15,0%	14,5%	12,6%

Fonte: Narkhoz, 1961, pp. 540 e 541 apud Segrillo (2000b, p. 283).

Ao analisarmos a tabela 11, observamos que em todos os períodos, a soma dos investimentos em capital fixo na indústria e nos transportes e comunicação ultrapassa mais da metade dos investimentos. O investimento em capital fixo na agricultura, no entanto, no I Plano Quinquenal, alcança 16,1%, e segue uma trajetória de queda até representar cerca de dois terços do que representava antes dos investimentos totais.

Em geral, todavia, observamos que a lógica dos investimentos não muda muito do I Plano Quinquenal ao III Plano. Assim, supondo que os investimentos totais também sofram apenas pequenas alterações, poderíamos afirmar que a parcela destinada a agricultura era realmente pequena. Diante do exposto, a questão que surge é a seguinte: podemos concluir que o fraco desempenho da agricultura no período deve-se a política de investimentos do PCUS? A resposta de Allen (2003) para esta pergunta é não.

Sua argumentação começa com uma crítica as avaliações comparativas da agricultura soviética existentes. Allen afirma:

There is a long tradition of regarding Russian agriculture as technologically backward. The case usually rests on comparisons of grain yields in Russia and Ukraine with those in Western Europe, which were considerably higher. Such comparisons, however, are of the mark since, in countries such as Britain, soil and climate – and, consequently, the farming system – were so different. [...] I compare Russian productivity in 1913 with productivity on Great Plains of North

³⁵ 1918-1928 não inclui o quarto trimestre de 1928; 1928-1932 inicia-se no quarto trimestre de 1928, início efetivo do primeiro plano quinquenal; 1938-1941 inclui apenas a primeira metade de 1941, até a invasão alemã;

America³⁶. [...] As in Russian, the climate was cold and dry. While there was some livestock production in both regions, grain was the principal product (ALLEN, 2003, p. 66).

Deixando, em um primeiro momento, a análise da produtividade do trabalho de lado, Allen busca comparar a produtividade por hectare nas duas regiões e chega ao resultado exposto na tabela 12 abaixo:

Como vemos, a produção por hectare na Rússia era similar a da região das grandes planícies na América do Norte. Enquanto a Rússia apresentava alguma vantagem no que tange as plantações, as grandes planícies eram superiores na criação de animais.

TABELA 12 – PRODUÇÃO POR HECTARE: RÚSSIA VERSUS GRANDES PLANÍCIES EM 1913 (produto valorado em rublos):

	Canadá e EUA			Rússia		
	Cropped ³⁷	Improved ³⁸	All	Cropped	Improved	All
Crops	25,1	14,2	7,0	31,8	15,8	7,7
Livestock	16,6	9,4	4,6	15,8	7,8	3,8
Total	41,7	23,7	11,6	47,6	23,6	11,5

Fonte: Allen (2003, p. 74).

Prosseguindo na análise, Allen afirma que:

The low level of yields on the Great Plains and Canadian prairies did not reflect a failure to conduct agricultural research. On the contrary, Olmstead and Rhode (2002) have emphasize that there was widespread experimentation with new seeds varieties to control pests and disease as well as to find varieties of wheat that would grow in the harsh conditions of the Great Plains. It is ironic that some of the leading varieties – for example, Kubanka and Kharkof – were imported from Russia. [...] **North American farmers had no high-yield technology that would quickly increase the Russian food supply** (ALLEN, 2003, p.71).³⁹

Do que dissemos até aqui sobre a agricultura soviética, portanto, sabe-se que havia poucas possibilidades de aumentar a produção por hectare com melhoramento

³⁶ Esta região inclui as províncias canadenses de Manitoba, Saskatchewan e Alberta, dominadas por pradarias, e os estados norte-americanos Dakota do Norte, Dakota do Sul, Montana e Wyoming;

³⁷ Exclui campinas, pastos e terras em descanso;

³⁸ Inclui as excluídas pelo conceito cropped, mas exclui terras improdutivas;

³⁹ Destaque acrescido por nós;

do solo, das sementes com novos fertilizantes e etc. No entanto, o que dizer sobre o aumento da produção gerado pela mecanização da agricultura?

A análise feita por Allen (2003) da oferta de força de trabalho agrícola constitui uma base bastante forte para afirmarmos que, do ponto de vista de uma economia socialista, a mecanização acelerada da agricultura na URSS não traria impactos positivos à economia, e sim negativos.

Allen (2003, p. 74) afirma que, na década de 1920, o GOSPLAN estimava que, tendo em vista a tecnologia utilizada no campo na União Soviética, eram necessários 20,8 homens-dia⁴⁰ por hectare para a realização de todas as tarefas relativas à produção agrícola.

Assim,

Applying the GOSPLAN norm of 20.8 man-days per hectare to Russian agriculture [...] implies the need of 17.8 million years of work in the fifty provinces of European Russia. With 16 million peasant families in the region, there were about 39.7 million adult male equivalent years of labor available. By this reckoning, the peasant population was 2.2 times too large for the needs of farming, even without considering organization or mechanization (ALLEN, 2003, p. 76).

Mesmo na época das colheitas, período da produção agrícola no qual se apresenta a maior necessidade de mão-de-obra, Allen (2003, p. 76) afirma que 18,6 milhões de trabalhadores eram requeridos⁴¹ (o que ainda fica bem acima dos 39,7 milhões disponíveis).

Assim, caso o Estado soviético resolvesse fazer um maciço investimento na mecanização da agricultura, o único resultado disto seria um desemprego maciço no país. Certamente consciente disto, o PCUS levou a cabo um processo de mecanização agrícola progressivo para que aos poucos este desemprego oculto existente no setor rural soviético fosse sendo absorvido pela indústria em rápida expansão nas cidades. Na URSS, portanto, havia um enorme exército industrial de reserva à disposição, e sua existência foi um dos fatores que permitiu à indústria se manter em um ritmo de crescimento rápido durante um longo período de tempo.

⁴⁰ Com o dia de trabalho correspondendo a 8 horas e considerando um trabalhador que Allen chama de “adult male equivalent”;

⁴¹ Considerando um tempo de colheita de 10 dias;

Acabamos de desmistificar a existência de uma influência da política de desenvolvimento do PCUS na evolução da produção agrícola soviética. Há, além disso, outra questão muito debatida acerca dos efeitos da estratégia de desenvolvimento do PCUS: seu impacto nos rendimentos da população.

Se continuarmos a pressupor que o investimento em meios de produção, assim como o investimento em capital fixo, também não se alterou muito ao longo do período que estamos analisando agora, podemos inferir da divisão dos investimentos para o primeiro plano quinquenal fornecida por Nove (1991, apud PAULINO, 2008, p. 97) que, durante o período dos três planos, cerca de 70% dos investimentos feitos destinavam-se ao setor I e os demais 30%, ao setor II. Na terminologia do modelo de Fel'dman, isto representa um $e = 0,7$. Se pressupusermos ainda que os valores dos parâmetros utilizados por Allen (2003, p. 56) na sua simulação refletiam a realidade da economia soviética, deveria ocorrer uma certa estagnação do consumo durante os quatro primeiros anos e, após isto, um aumento deste a uma velocidade cada vez maior nos anos seguintes.

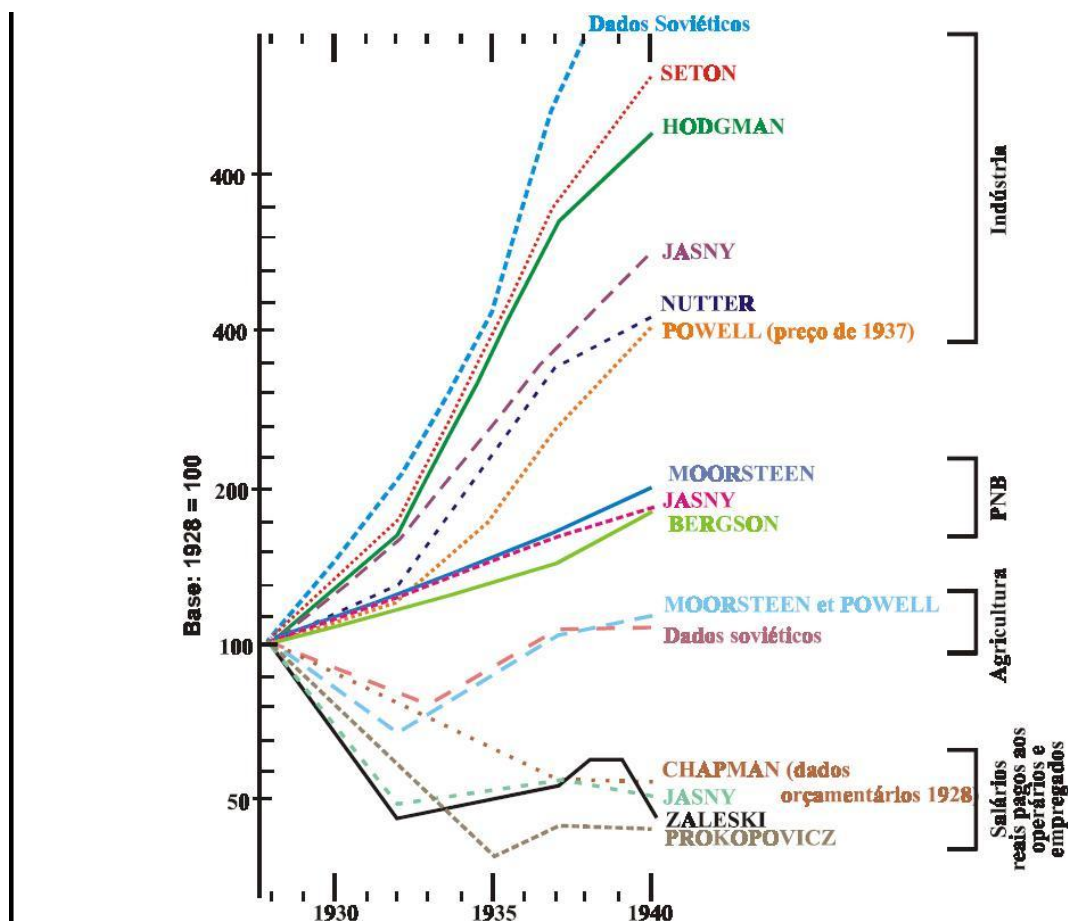
Visto que a população continuaria a crescer durante este período, uma estagnação do consumo nos anos iniciais dos planos quinquenais representaria uma queda no padrão de vida da população. Foi isto o que de fato ocorreu na União Soviética? A estratégia de desenvolvimento das forças produtivas adotadas pelo PCUS piorou os padrões de vida da população durante um período inicial?

A discussão acerca dos efeitos desta estratégia do PCUS nas condições de vida da população soviética é bastante extensa. A maioria dos pesquisadores entende que houve um decrescimento nos padrões de vida da população soviética durante o período de crescimento acelerado. Julgamos que o que direciona a opinião da maioria dos pesquisadores para esta conclusão é a idéia intuitiva de que, quando grandes investimentos são feitos, os recursos para tanto deve ser retirados de algum lugar e também a noção de que, se o produto da economia é dividido em investimento e consumo, o aumento do primeiro se dá em detrimento da diminuição do segundo. Quanto a esta última, a simples existência do crédito joga por terra tal teoria. Quanto a segunda, não queremos aqui defender que esta não é correta, mas que deve ser utilizada com cautela. Às vezes, por não enxergarem a verdadeira origem dos recursos,

alguns pesquisadores acabam atribuindo a estes uma origem diferente, tornando suas pesquisas tendenciosas por estarem imbuídas por esta idéia.

Apresentamos aqui um gráfico (figura 4) que foi apresentado por Paulino (2008, p. 101) que mostra a evolução de alguns indicadores da economia soviética. Entre eles, estão os rendimentos dos trabalhadores.

Figura 4 – Evolução do Crescimento da Indústria, da Agricultura e dos Salários Reais Soviéticos de Acordo com Várias Fontes:



Fonte: Jaques Sapir (1989, p. 38) apud Robério Paulino (2008, p. 101).

Antes de qualquer apreciação sobre os dados do gráfico, devemos assinalar a presença de dois erros neste. O primeiro deles é a escala do eixo das ordenadas. A distância gráfica entre os valores do eixo não reflete a real distância existente entre eles. Assim temos que, a distância entre os índices 50 e 100, por exemplo, é a igual à

distância existente entre os índices 100 e 200. Se assim é, a inclinação das curvas está distorcida e, portanto, não deve ser levada em consideração. O segundo erro está no último valor, de baixo para cima, apresentado no mesmo eixo. O valor 400 é repetido uma vez. Ao observar o gráfico, percebemos que, do valor 50 em diante, assume-se uma progressão geométrica de razão 2. Se assim o for, o valor em questão deveria ser alterado para 800.

Voltando à nossa análise, vamos de partida estabelecer que não teceremos comentários sobre os dados presentes no gráfico que são relativos ao crescimento da indústria ou da agricultura, pois julgamos que os dados que já apresentamos anteriormente já foram suficientes para montar um quadro do crescimento destes setores. Nosso foco aqui serão os rendimentos dos operários empregados.

Apesar de alguma diferença nos dados dos pesquisadores apresentados na compilação feita por Paulino, a idéia que se desprende do gráfico da figura 4 é a de que no I Plano Quinquenal houve uma queda acentuada nos rendimentos reais dos operários empregados (a um nível que constituía 30% do nível de 1928) e uma pequena recuperação deste indicador no II e no início do III Plano Quinquenal. No período por inteiro, há uma queda de 50% nestes rendimentos em média.

Este fato, no entanto, chegou a ser contrariado pelo Primeiro Secretário do governo da União Soviética da época, Joseph Stalin. No balanço sobre os resultados do I Plano Quinquenal apresentado ao Comitê Central e a Comissão Central de Controle do PCUS, por exemplo, ele atesta um aumento de 67% no valor do salário anual médio dos trabalhadores da grande indústria durante o período do plano. Entretanto, os próprios dados da Agência Central de Estatísticas da URSS, TSsU (fonte oficial), apontam uma inflação anual média de 8,8% durante o período que vai de 1928 a 1940. Analisando os dados da figura 3, observamos uma queda bem mais brusca nos rendimentos dos trabalhadores no início do período coberto por tais dados. Algumas fontes mostram, inclusive, uma recuperação deste indicador a partir do período do II Plano Quinquenal. Portanto, se utilizarmos a inflação média do período que vai de 1928 a 1940 para calcular o aumento real dos salários dos trabalhadores no período do I Plano Quinquenal, estaremos, provavelmente subestimando a corrosão deste. Mesmo assim, fazendo o cálculo através da inflação média, obtemos uma inflação de 52,46%

no período, o que nos daria um aumento real do salário de 14,54%, uma taxa média de 2,75% ao ano durante o I Plano Quinquenal.

Segundo Fernandes (1992, p. 105), no entanto, fontes ocidentais apontam que o salário real médio de um trabalhador da URSS em 1940 era de 52% a 57% do salário real médio de 1928, valores que se aproximam dos dados apresentados na figura 3.

Já Allen (2003) faz uma análise diferente desta situação. Segundo ele, se retirarmos a inflação do aumento nominal do salário do período que vai de 1928 a 1937, constataremos que o rendimento real dos trabalhadores em geral sofre uma queda de 23% durante o período. No entanto, ele, com toda razão, sublinha um fato que parece ser ignorado pelos demais pesquisadores: durante o período de rápida industrialização: cada vez mais trabalhadores migravam do campo para a cidade suprimindo a demanda urbana por trabalho. Eles o faziam, no entanto, não para cumprir este objetivo da estratégia de desenvolvimento, mas porque os rendimentos nas cidades eram mais altos se comparados aos rendimentos rurais. Allen afirma que em seu livro “Soviet National Income and Product in 1928” (1954, p. 68), Hoeffding mensurou cuidadosamente o rendimento médio de um trabalhador rural no ano de 1928, que era, em média, 473 rublos. Assim, para os trabalhadores que se mudaram do campo para a cidade, o aumento médio da sua renda, de 1928 a 1937, foi de 26% (ALLEN, 2003, pp. 148 e 149)⁴².

Pelo que apontamos na tabela 9, o crescimento do número de trabalhadores na indústria, por exemplo, foi bastante acentuado, quase triplicando de 1928 a 1940. Este aumento certamente foi acompanhado pela criação de muitos outros postos de trabalho nas cidades. Se juntarmos isto ao argumento de Allen, vemos que, de um ponto de vista social, houve um aumento nos rendimentos da população.

Além disso, não podemos deixar de apontar aqui, que o salário na URSS não tinha o mesmo significado que o salário nos países ocidentais. Na União Soviética, parte do valor necessário a produção da força de trabalho e da sua reprodução não era paga sob forma de remuneração. A moradia, atendimento médico, educação, entre outros serviços e bens de consumo que nem sempre são oferecidos gratuitamente nos países capitalistas, eram, na URSS, bancados pelo estado. Portanto, o

⁴² Ver tabela 7.5 apresentada por Allen na página 148 e os comentários feitos na página seguinte;

desenvolvimento de certas áreas deve ser também incorporado ao aumento do salário dos trabalhadores. A construção de morarias, por exemplo, abarcou uma boa fração dos investimentos em capital fixo durante o período analisado, conforme vimos na tabela 11.

É neste sentido que devemos na verdade dar mais atenção a evolução do consumo da população soviética, ao invés de nos atermos aos rendimentos auferidos por esta.

Um economista ocidental bastante famoso no campo da pesquisa acerca da URSS é Abram Bergson. Este é conhecido pela sua visão pessimista sobre a evolução soviética. Segundo ele, o consumo per capita na URSS aumentou apenas 3% no período que vai de 1928 a 1937 (ALLEN, 2003, p. 137).

Ao revisar a metodologia de Bergson, no entanto, Allen encontra dois erros. O primeiro deles é que, ao retirar o aumento dos preços das suas estimativas, Bergson utiliza o índice de Pasche como base. O curioso é que, entre os índices de Pasche e Laspeyres, o primeiro gera um péssimo resultado para o crescimento do consumo, enquanto que o outro segue para o outro extremo. Em resposta a isto, Allen afirma:

Modern theory of index numbers suggests a better procedure. Instead of using Pasche or Laspeyres indices, we should take some sort of average that uses the weight of both years. (Diewert 1976; Allen and Diewert 1981) The Fisher Ideal Index (the geometric average of the Pasche and Laspeyres) is a common⁴³ choice. In the case of multi-year comparisons, chain-linking the Fischer Ideal would solve Bergson's logical problem by allowing the weights to follow the change in consumption patterns over time. This procedure would also use more information in calculating inflation between successive dates and would not arbitrarily privilege the spending pattern in one year as does Bergson's choice of Pasche index or, indeed, as would a preference for the Laspeyres. [...] After all, if the Pasche and the Laspeyres indices differ widely, doesn't it make more sense to use an average of the two rather than to rely on one to the exclusion of the other? (ALLEN, 2003, pp. 139 e 140).

O segundo erro da metodologia de Bergson diz respeito a um ajustamento nos preços de 1928 feito por Janet G. Chapman. Primeiramente ela pressupõe que, enquanto os preços de 1937 eram representativos para toda a economia, os de 1928 correspondiam apenas às vendas urbanas. Assim, baseada em uma afirmação solta nos documentos do I Plano Quinquenal que dizia que o poder de compra no campo era

⁴³ Erro de digitação da edição original;

35% maior do que na cidade, ela realizou um ajustamento nos preços de 1928 que os torna menores (ALLEN, 2003, p. 140). Este ajuste superestima o consumo deste ano, mas subestima o crescimento deste até o ano de 1937.

Allen (2003, p. 141), no entanto, aponta que não há como dizer ao certo o que o GOSPLAN queria dizer com tal afirmação e contra-argumenta com o fato de que, como havia excesso de demanda por produtos industrializados, havia inclusive pequenas firmas que compravam produtos nas lojas estatais para revendê-los mais caros no campo.

Assim após corrigir o índice utilizado por Bergson e o ajustamento feito por Chapman e após acrescentar mais dados a sua análise, Allen chega a um crescimento de 30% no consumo per capita da URSS no período que vai de 1928 a 1937 (ALLEN, 2003, pp. 142 e 143), ou seja, um aumento anual de 2,66%.

Note que a taxa anual média de aumento do consumo per capita a qual chegou Allen (2003) é bastante semelhante ao aumento de salário ao qual chegou o relatório apresentado por Stalin. Assim, é possível que, neste relatório, os soviéticos tenham considerado o salário com o significado que ele possui na economia socialista e os demais pesquisadores não.

Ao ponderar o conjunto de informações que apresentamos aqui chegamos à conclusão, portanto, de que há indícios bastante fortes de que a estratégia de desenvolvimento das forças produtivas levada a cabo pelo PCUS não se deu em função de uma piora das condições de vida da população soviética. Esta estratégia produziu, inclusive, resultados mais positivos do que os esperados pelo modelo de crescimento usado como base pelo GOSPLAN, o modelo de Fel'dman. Ela foi capaz de acelerar o desenvolvimento industrial sem uma estagnação inicial do consumo da população.⁴⁴

Através desta política econômica, o governo soviético transformava rapidamente as forças produtivas sociais da URSS. Este movimento, por sua vez, de acordo com a Teoria dos Modos de Produção, ia progressivamente tornando possível a

⁴⁴ Sabemos, no entanto, que, como dissemos anteriormente, os recursos para o investimento devem ter sido retirados de algum lugar. A origem destes, contudo, só será discutida no próximo capítulo do presente trabalho.

transformação das Relações de Produção vigentes em Relações de Produção Comunistas, eliminando a cada salto dado no desenvolvimento, elementos das Relações de Produção Capitalistas. Um grande avanço neste sentido foi a eliminação do mercado como regulador da quantidade produzida, e a passagem para a economia planificada. Note que foi precisamente após esta mudança, que se deu um largo desenvolvimento na economia da URSS. Isto certamente se deve, em parte, à eliminação de alguma contradição existente entre as Forças Produtivas e as Relações de Produção, por mais diminuta que fosse.

4.4 A URSS APÓS A SEGUNDA GUERRA:

O impacto na economia soviética causado pela Segunda Guerra Mundial foi enorme. Nenhuma outra nação de grande expressão econômica, excetuando-se talvez a Alemanha, teve a economia tão negativamente afetada quanto a URSS. O impacto sofrido por esta não diz respeito apenas à destruição de equipamentos e construções, mas diz respeito também às mortes de soviéticos e ao “esforço de guerra”.

Durante a invasão alemã, a medida que recuavam, os soviéticos praticavam a política de “terra arrasada”, para que o exército alemão não pudesse aproveitar-se de qualquer tipo de recurso existente no território. Fernandes (1992, p. 109) afirma que, segundo Alec Nove, ao fim do ano de 1941, a URSS já havia perdido territórios responsáveis por 63% da produção de carvão, 68% da produção de ferro, 58% da produção de aço, 60% da produção de alumínio, 84% da produção de açúcar, 38% da produção de grãos, além de ter perdido 41% das suas linhas férreas.

Em relação aos meios de produção soviéticos, estima-se que apenas 3% ou 4% do equipamento industrial ao leste do país (o equipamento foi transferido às pressas do oeste para o leste quando do ataque dos alemães) estavam em condições de funcionamento (PAULINO, 2008, p. 127).

O número de mortos, que influenciou também o crescimento futuro da população, foi enorme. A URSS teve não só o maior número de mortos de forma

absoluta (23.954.000 pessoas⁴⁵), como também de forma relativa (14,21% da sua população).⁴⁶

O “esforço de guerra” da União Soviética também foi considerável. As duas tabelas seguintes o demonstram:

TABELA 13 – PRODUÇÃO DE ARMAS PELOS PRINCIPAIS BELIGERANTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM 1938 (EM PORCENTAGEM DA PRODUÇÃO ALEMÃ):

PAÍSES	PORCENTAGEM DA PRODUÇÃO ALEMÃ
URSS	59%
EUA	13%
Grã-Bretanha	13%
Itália	13%
Japão	20%

Fonte: Jaques Sapir (1989, p. 47) apud Robério Paulino (2008, p.105).

TABELA 14 – PRODUÇÃO DE BLINDADOS DE QUATRO DOS PRINCIPAIS BELIGERANTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:

PAÍS	CARROS	VEÍCULOS BLINDADOS
URSS (2º sem. 1941-fim 1945)	88.000	106.000
EUA (01/01/1942 - fim 1945)	88.276	131.157
Grã Bretanha (1939-1945)	25.115	85.340
Alemanha (1939-1945)	23.500	41.000

Fonte: Sapir (1989, p. 51) apud Robério Paulino (2008, p. 353).

Quando apresentamos os dados acima, sabemos que a produção bélica também integra a composição do Produto Material Líquido, PML, da União Soviética. Contudo, podemos considerar a produção bélica um impacto negativo para a economia soviética devido ao fato de esta ser uma economia socialista. Seu objetivo principal, portanto, é atender as necessidades da população. Para tanto, alocam-se todos os recursos disponíveis. Se, no entanto, torna-se necessário produzir mais tanques, metralhadoras, mísseis e etc., para fazê-lo, é necessário deixar de produzir automóveis, refrigeradores, casas e etc.

Sabe-se que a União Soviética recebeu empréstimos de países capitalistas durante a guerra para a compra de armamentos⁴⁷. Contudo, segundo Fernandes (1992,

⁴⁵ Há fontes que estimam 25 ou 26 milhões de mortos;

⁴⁶ Ver http://en.wikipedia.org/wiki/World_War_II_casualties;

p. 110) todo o equipamento de guerra importado pelos soviéticos dos EUA e da Inglaterra representam apenas 2% da produção de armas, 14% da produção de aviões de combate e 11% da produção de tanques e canhões autopropulsados da URSS. O que significa dizer que a grande maioria do seu equipamento foi produzida internamente.

Durante período da guerra, observa-se um aumento considerável do investimento em capital fixo na indústria, enquanto que todos os demais setores perdem participação neste investimento. Enquanto o investimento industrial em capital fixo, que anteriormente correspondia a 35,5% dos investimentos (ver tabela 15), passa a representar 44,6% dos investimentos, os setores agrícola, de transporte/comunicação, de construção de habitações e de outras construções (em setores não produtivos), que antes representavam 11,4%, 17,5%, 17,5% e 18,1%, passam a representar 9,7%, 14,7%, 16% e 15%, respectivamente.⁴⁸ Estes números atestam, portanto, a nossa afirmação de que os equipamentos necessários à defesa do território soviético foram produzidos internamente.

Assim, após toda a destruição causada, chegava a hora de reconstruir a economia. O esforço feito foi novamente enorme. Segundo Aganbeguian (1988, p. 58), somente no começo dos anos 1950 conseguiu-se recuperar o nível de produção de antes da guerra.

O IV Plano Quinquenal (1946-1950) manteve a mesma lógica do primeiro, talvez concentrando ainda mais os investimentos no Setor I (produtor de meios de produção). A indústria metalúrgica pesada, de extração mineral (carvão, ferro e petróleo) e os setores de infra-estrutura de transportes, de comunicações e produtores de aço, armamentos e energia elétrica receberam 87,9% dos investimentos, restando apenas 12,1% para o setor II.

Os investimentos em capital fixo na indústria continuaram mais altos do que o período que precede a segunda guerra (ver tabela 15 a seguir), provavelmente devido à decisão de reconstruir rapidamente a estrutura produtiva destruída durante o período da

⁴⁷ As somas são fornecidas por Fernandes (1992, 109);

⁴⁸ Mesma fonte da tabela 12;

guerra e ao aumento dos gastos militares⁴⁹ em razão do receio de outros ataques imperialistas.

TABELA 15 – ESTRUTURA DO INVESTIMENTO SOVIÉTICO EM CAPITAL FIXO
(médias anuais das porcentagens em relação ao total)⁵⁰

	1941-1945	1946-1950	1951-1955
Indústria	44,6%	41,0%	43,5%
Agricultura	9,7%	12,8%	15,5%
Transporte/Comunicação	14,7%	11,8%	8,6%
Construção de Moradias	16,0%	19,9%	19,8%
Outras Construções em setores não produtivos	15,0%	14,5%	12,6%

Fonte: mesmas da tabela 12.

Com o agravante de que os gastos militares aumentavam a uma velocidade maior do que antes, através desta mesma estratégia, portanto, a URSS voltou a experimentar altas taxas de crescimento, como comprovam os ritmos anuais de crescimento do Produto Material Líquido.

TABELA 16 - TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO ECONÔMICO DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO DA URSS (EM PORCENTAGEM):

ANOS	PML
1951	12,2
1952	10,9
1953	9,8
1954	12
1955	11,9
1956	11,4
1957	6,7
1958	12,6
1959	7,4
1960	7,7

Fonte: Narkhoz 1964. pp. 87 e 575 apud Segrillo 2000b. p. 254.

⁴⁹ Somente de 1950 a 1952, estes aumentaram 45%, para um aumento de apenas 15% dos gastos estatais no mesmo período (REIS FILHO, 1997, p. 175 apud PAULINO, 2008, p. 130);

⁵⁰ 1941-1945 começa em julho de 1941;

4.5 A CAMINHO DA ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA:

Como já mencionamos anteriormente, no início da década de 1960, a economia soviética começou a desacelerar. A constatação desta desaceleração, faremos no ponto seguinte, ao analisar os quatro períodos, este incluído, em conjunto. Além disso, dedicaremos o capítulo posterior a apontar as causas desta desaceleração. Por enquanto, daremos apenas uma breve descrição do que ocorreu durante o período em que se constata na URSS que a economia desacelerava devido a elementos de travagem não conhecidos.

Na década de 1950, a indústria da União Soviética já se encontrava em um patamar completamente diferente do qual estava quando da revolução de 1917. Se tivermos como base o modelo de crescimento de Fel'dman, podemos concluir que, apesar de possuir uma fração menor dos investimentos, como os investimentos e, conseqüentemente, a produção do Setor II também depende do estoque de capital do Setor I, a magnitude do investimento no primeiro já era considerável.

Após a morte de Stalin, concentraram-se na pessoa de Nikita Krushev os cargos de Primeiro Secretário do Partido e Primeiro Ministro do Governo. No plenário do Comitê Central do PCUS de 1953, este apresenta seu relatório sobre a economia soviética e sugere reformas no modelo de crescimento da economia soviética.

Aganbeguian (1988, pp. 61-63) afirma que, antes das reformas, uma parte da produção, denominada stock, era comprada pelo Estado a preços que não chegavam a cobrir os custos de produção. O restante era comprado a preços mais elevados, mas que não garantiam a rentabilidade nem das cooperativas, os kolkhozes, nem das fazendas estatais, os sovkhozes. Para os kolkhozianos, distribuíam-se cereais e outros produtos agrícolas por cada dia de trabalho. Além de não terem salário garantido, a quantia de produtos distribuída não era suficiente para a reprodução da força de trabalho. Assim sendo, atestava-se que a maioria do rendimento dos kolkhozianos advinha da produção individual. As máquinas utilizadas pelos kolkhozianos, por sua vez, eram as das EMT (Estações de Máquinas e Tratores) e pelo seu uso cobravam-se impostos.

Com a reforma, o abastecimento das cidades passa a ser feito através de compras com preços mais altos e impostos reduzidos. As relações monetárias e mercantis passam a estar cada vez mais presentes no campo, com os kolkhozianos possuindo um salário garantido em dinheiro e com o aumento das ajudas do estado. As EMT's são extintas e suas máquinas são vendidas aos kolkhozes, que foram reduzidos de 125 mil para 69 mil com o intuito de aumentar sua rentabilidade através do aumento da escala da produção (PAULINO, 2008, p. 138).

O Estado entende que esta nova conjuntura torna viável a expansão da área cultivada e organiza uma expansão para terras virgens, principalmente para o cultivo de milho e trigo. Em paralelo, o estado viabiliza reformas de melhoramento das terras através de projetos de irrigação (FERNANDES, 1992, p. 126 e AGANBEGUIAN, 1988, p. 63).

É preciso entender bem o que significam estas reformas na agricultura. Se no período inicial da industrialização era preciso drenar para o setor industrial, através da *turnover tax*, parte da renda que poderia ser apropriada pelo setor agrícola, com o largo desenvolvimento da indústria soviética que demonstramos anteriormente, acreditamos que esta necessidade já havia desaparecido na década de 1950. O processo que Preobrajensky chamada de “acumulação primitiva socialista” já havia cumprido o seu papel e chegava a hora de a indústria sustentar-se com seus próprios recursos.

Embora tenhamos concluído anteriormente que, pela evolução dos preços no campo, os termos de troca tenham favorecido os camponeses durante o período 1928-1937, os rendimentos dos operários continuaram bem mais altos do que os rendimentos dos camponeses (mesmo considerando todas as fontes de recursos como recebimento de rendimento em espécie e etc.) (ALLEN, 2003, p. 147). A base da revolução socialista, no entanto, era constituída pela aliança operário-camponesa. Diante disto, era preciso consolidar ainda mais esta aliança através da eliminação da drenagem de recursos do campo para a indústria.

Quanto à reforma no tamanho dos kolkhozes, é preciso retomar nossa fundamentação teórica. Conhecendo as leis de desenvolvimento da sociedade, o PCUS já sabia qual era a forma de propriedade mais desenvolvida a qual deveria chegar a agricultura soviética. No entanto, também sabia que o desenvolvimento social está

sujeito a leis que não podem ser ignoradas. Por isso, era necessário que a evolução das formas de propriedade no campo fosse gradativa, em conformidade com o desenvolvimento das técnicas, e sem choques diretos com os camponeses, em virtude de a base da revolução ser a aliança operário-camponesa.

Engels escrevia que:

[...] cuando estamos en posesión del poder del Estado, no podremos pensar en expropiar violentamente a los pequeños campesinos [...] como nos veremos obligados a hacerlo con los grandes terratenientes. Nuestra misión respecto a los pequeños campesinos consistirá ante todo en encauzar su producción individual y su propiedad privada hacia un régimen cooperativo, no pela fuerza, sino por el ejemplo y brindando la ayuda social para este fin (Citado por GÚROV, GONCHAROV, 1977, p. 10).

A intenção do PCUS nesta política, portanto, foi de aumentar a escala da produção para que, aos poucos, os kolkhozes se tornassem cada vez mais semelhantes aos sovkhozes, fazendo com que os primeiros tendessem para a forma característica de propriedade do Comunismo. Com essa mudança de forma, foi deixado livre o caminho para o desenvolvimento.

Em seu “Categorias del Materialismo Dialectico”, Rosental e Straks utilizam-se de vários exemplos da realidade soviética para elucidar os leitores acerca do conteúdo transmitido. Comentando a questão das contradições parciais entre Forças Produtivas e Relações de Produção que aparecem no socialismo, eles utilizam a agricultura como exemplo:

En los años posteriores a la guerra, surgió en nuestro país una contradicción entre la técnica agrícola, cada vez más alta, y las posibilidades limitadas de su empleo por los pequeños koljoses. [...] El partido advirtió, a su debido tiempo, la contradicción que había estado madurando y la resolvió mediante el perfeccionamiento, el desarrollo sucesivo de la forma, ampliando los koljoses (ROSENTAL, STRAKS, 1958, p. 219).

As ações do governo apresentaram resultados no setor agrícola, uma vez que sua produção aumentou em média 7% ao ano no período 1954-1959. Esta expansão impactou também a indústria alimentar e os ramos da indústria leve que transformavam matérias-primas agrícolas. Todo este contexto eleva a renda real por habitante em 37%

no mesmo período (AGANBEGUIAN, 1988, p. 64). Referindo-se a este período, Aganbeguian declara:

Se, após a guerra, haviam numerosos mendigos e famílias que não comiam à sua vontade, no fim dos anos 50 os pobres desapareceram praticamente, e a alimentação da população, nomeadamente das famílias pouco abastadas, melhorou nitidamente (AGANBEGUIAN, 1988, p. 64).

Às reformas na agricultura, seguiram-se reformas no setor industrial e no planejamento. Quanto ao primeiro, em 1955, deu-se início às reformas primeiro em um nível macroeconômico, ampliando-se os poderes dos governos das repúblicas. Depois, ampliaram os poderes dos dirigentes das empresas. As indústrias pesadas e de defesa foram utilizadas para a fabricação de bens de consumo duráveis, como televisores, geladeiras, automóveis de passeio e etc. (AGANBEGUIAN, 1988, p. 64 e PAULINO, 2008, p. 135).

Quanto ao planejamento, no entendimento do novo dirigente da União Soviética e da sua equipe, era preciso tornar mais “horizontais” as relações de produção. Em 1957, veio a reforma mais impactante: são abolidos os Ministérios Centrais (órgãos integrantes do GOSPLAN que abarcavam várias regiões) e criados 105 Conselhos Regionais, ou Sovnarkhozes. Primeiro se criaram os sovnarkhozes alargados, que abarcavam vários ramos industriais e de construção e várias regiões, posteriormente, os sovnarkhozes desmembrados, que abarcavam um território menor e não tratavam de assuntos dos ramos industriais e de construção em conjunto (FERNANDES, 1992, p. 126, AGANBEGUIAN, 1988, p. 66 e PAULINO, 2008, p. 137).

O planejamento Central também sofreu várias transformações: primeiramente o GOSPLAN foi dissolvido e criou-se um Conselho Científico, junto ao Conselho de Ministros e à Comissão Econômica do Estado, que passou a ser responsável pelos planos. Posteriormente, restabeleceu-se o GOSPLAN, com a função da elaboração de um planejamento apenas perspectivo, ficando a Comissão Econômica do Estado como responsável pela elaboração dos planos anuais. Após isto, a situação volta a ser como antes, com a supressão dos demais órgãos de planejamento, e a manutenção do GOSPLAN (AGANBEGUIAN, 1988, p. 66).

Tais medidas de reorganização das relações de produção na URSS não parecem ter sido muito bem sucedidas. Exceto pelo aumento da produção de bens de consumo, que certamente elevou a qualidade de vida da população via aumento da oferta deste tipo de produtos, as demais medidas parecem ter impactado negativamente o crescimento econômico soviético. Sabemos que as medidas tomadas no setor agrícola impactaram também o crescimento de alguns ramos industriais. Contudo, se observamos os ritmos de crescimento da economia durante o período que precede as reformas através dos dados apresentados na tabela 16, observamos uma certa desaceleração. Enquanto a média do crescimento do período 1951-1954 é 11,2%, o crescimento médio do período 1955-1959 é 10%. Para Fernandes:

Estas medidas não chegaram a gerar um 'modelo' alternativo de desenvolvimento para a economia soviética, mas removeram um elemento chave na cadeia de comando no modelo afirmado nos anos 30 (os ministérios centrais). O resultado foi uma 'febre' de localismo (**mestnichestvo**) na direção econômica, que impedia o desenvolvimento articulado da economia como um todo (FERNANDES, 1992, p. 126).

A medida de chamar a indústria produtora de meios de produção à produção de bens de consumo, representa, apenas, uma mudança na divisão do estoque de capital da economia. Numa economia socialista, são as circunstâncias que determinam o nível de acumulação ideal. No entendimento do primeiro secretário do partido e da sua equipe, portanto, este nível deveria ser revisto.

Contudo, as reformas de descentralização tinham outro caráter. Se o PCUS atestava o desenvolvimento das forças produtivas agrícolas, certamente havia atestado também o desenvolvimento industrial. Este desenvolvimento torna a produção cada vez mais complexa com um número cada vez maior de ramos interligados entre si. Disto, parece ser lógico que, para não entrar o processo de crescimento, uma “desverticalização” do planejamento deveria ser posta em prática. Esta medida, como aponta Fernandes (1992), no entanto, parece ter diminuído o poder de uma grande arma da economia socialista: a capacidade de coordenação do crescimento através do planejamento econômico central.

Além disso, os efeitos da política agrícola não foram sentidos por muito tempo. Se, em 1954-1959, o ritmo médio anual de crescimento agrícola estava na faixa dos

7%, na primeira metade da década de 1960, este passa à faixa de 1,5%-2% (Aganbeguian, 1988, pp. 67 e 68). O crescimento médio da renda nacional, por sua vez, calculado por nós através de Segrilo (2000, p. 254 apud Paulino, 2008, p. 156), passa para 6,7% na primeira metade da referida década.

A década de 1960, pelo menos nos seus três primeiros anos, começou com taxas de crescimento mais baixas do que as taxas com as quais as autoridades soviéticas e o povo soviético estavam habituados. Isto despertou na comunidade científica um interesse por solucionar o problema. Em 9 setembro de 1962, um professor de economia de Kharkov chamado Evsei Liberman publica no Pravda⁵¹ o artigo “Plano, Lucro, Prêmios”. Neste artigo, o professor propunha como solução para a desaceleração a reintrodução de mecanismos de mercado, principalmente o lucro como um parâmetro que medisse o desempenho das empresas.

Diante desta conjuntura econômica, as reformas que seguem a partir de 1965 têm agora o objetivo claro de reverter a desaceleração. No plano agrícola, como dantes, os preços foram novamente elevados. A diferença existente entre a primeira e a última reforma reside no fato de que, nas reformas promovidas por Kosseguin (integrante da equipe do Primeiro Secretário do Governo da URSS, Brejnev), as compras do estado eram programadas para um período de cinco anos e a produção que excedia o plano de compra do estado poderia ser vendida a um preço 50% mais elevado.

Pelo objetivo destas reformas (reverter a desaceleração) percebe-se que a reforma da agricultura tem um caráter diferente do anterior. O governo Brejnev entendia que a aceleração do crescimento provocada pelas reformas de Krushev tinha por base o estímulo à produção agrícola via variação dos termos de troca em favor do campo. Portanto, almejava, por estas vias, estimular a economia. É importante notar que nenhuma reforma estrutural foi proposta.

As medidas parecem elevar novamente o crescimento da agricultura, mas não tanto quanto antes. Partidário das reformas liberalizantes, ao apresentar os dados referentes ao crescimento da agricultura do período 1966-1970, ao invés de apresentar as taxas de crescimento anuais, Aganbeguian, provavelmente com a intenção de

⁵¹ Jornal soviético criado antes da revolução bolchevique que se tornou uma publicação oficial do PCUS;

maquiar o ligeiro fiasco do grupo de reformas das quais ele mesmo participou, apresenta apenas o crescimento agrícola para o quinquênio: 21% (AGANBEGUIAN, 1988, p. 69). Segundo nossos cálculos, uma taxa de crescimento de 21% em um período de cinco anos corresponde a um crescimento anual de 3,89%. Ou seja, apesar de o ritmo de crescimento agrícola ter duplicado, mal se compara ao crescimento anual deste setor durante o período das reformas de Krushev. Isto porque não foram apenas os termos de troca os responsáveis pelo maior crescimento da produção agrícola nas reformas anteriores, mas, principalmente, a expansão das terras, a reorganização destas e as melhorias alcançadas através de projetos de irrigação e etc.

Na economia como um todo se trabalhou no sentido de simplificar os planos que deveriam ser elaborados pelo GOSPLAN. Embora os sovnarkhozes tenham sido abolidos e os Ministérios Centrais tenham sido recriados, os planos agora não traziam minúcias de como eles deveriam ser cumpridos. Aumentou-se a liberdade dos dirigentes das empresas para planejar a evolução da produtividade do trabalho, a redução dos custos e também se deu certa liberdade a estes para a fixação dos salários dos trabalhadores. Os índices de desempenho das empresas foram simplificados, baseando-se nas propostas de Liberman. A distribuição gratuita e centralizada dos meios de produção foi abolida e passou-se a um financiamento das compras e dos investimentos das empresas. Os preços foram reformulados para que refletisse melhor os custos de produção. Além disso, as empresas passaram a poder reter uma maior parte dos lucros para que pudessem reinvesti-los.

Atesta-se aqui que, cada vez mais, as reformas tendem para uma descentralização das decisões de produção e a instauração de mecanismos outros de orientação destas decisões que não o planejamento centralizado da economia. Estes mecanismos tornam-se cada vez mais parecidos com os mecanismos da economia capitalista. Se, até meados da década de 1950, as relações de produção presentes na economia soviética tendiam cada vez mais para um desenvolvimento planejado e se tornavam cada vez mais sociais, a partir daí elas passam a caminhar no sentido contrário. A instabilidade típica das formas de manifestação transitórias começa a se manifestar neste período.

Ao analisarmos as taxas de crescimento do Produto Material Líquido da URSS (ver tabela 17), constatamos que no período das reformas há certa elevação do crescimento econômico. Contudo, a apreciação dos dados mostra que esta elevação não durou muito e a situação não foi revertida.

TABELA 17 – TAXAS DE CRESCIMENTO DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO DA URSS (em porcentagem):

ANOS	VARIAÇÃO DO PML
1960	7,7%
1961	6,9%
1962	5,6%
1963	4,1%
1964	9,4%
1965	6,8%
1966	8,0%
1967	8,7%
1968	8,3%
1969	4,7%

Fonte: Narkhoz, 1964, p. 575 e Narkhoz 1972, p. 531 apud Segrillo (2000b, p. 254).

Já no começo da década de 1970, é possível observar uma nova redução das taxas de crescimento. Nos anos 1971-1975, o crescimento quinquenal da agricultura caiu para 13%, o da produção industrial caiu para 32% (havia aumentado 50% no quinquênio anterior) e o da renda nacional caiu, de 41% no quinquênio anterior, para 28% em 1971-1975 (AGANBEGUIAN, 1988, p. 75).

Durante os dois quinquênios seguintes, a desaceleração continua: a renda nacional durante o X e o XI quinquênios (1976-1980 e 1981-1985) cresce, respectivamente, 21% e 16,5% (AGANBEGUIAN, 1988, p. 92). Durante este período, continua o clima experimentação que dominava a União Soviética desde a discussão Liberman. Qualquer nova idéia de método de reversão do quadro imediatamente era colocada em prática, em pequena escala, para teste de resultados. Contudo, nenhuma reforma mais expressiva foi colocada em prática, mantendo-se, portanto, a estrutura criada nas reformas de Kosseguin, exceto pelo retorno à distribuição centralizada dos meios de produção. Neste contexto de desaceleração e experimentalismo surge, pois, a *Perestroika*.

Nas palavras de Segrillo, a análise de vários documentos do PCUS deixa claro que “duas das razões principais que levaram os líderes soviéticos a iniciar a *Perestroika* foram a desaceleração econômica da URSS nas últimas décadas da sua existência e o crescente hiato tecnológico com o ocidente na mesma época.” (SEGRILLO, 2000a, p. 10).

Mikhail Gorbachev, idealizador da *Perestroika*, e sua equipe, consideravam que o problema mais emergencial na União Soviética era a desaceleração econômica. Para um combate temporário desta, propunha-se crescer através da eliminação dos desperdícios existentes na economia, que, segundo eles, poderia ser feito através de uma reorganização do sistema de gestão da economia soviética, eliminando os métodos “administrativos” de gestão (centralismo excessivo).

Prosseguindo com o raciocínio de Gorbachev e sua equipe, o crescimento resultante destas medidas, entretanto, tinha seus limites. Para continuar reduzindo o desperdício e continuar a crescer a ritmos elevados, a URSS necessitava aumentar seu ritmo de desenvolvimento tecnológico. Para tanto, era necessária a criação de um mecanismo de incentivo ao aumento da produtividade. Para eles, este incentivo tinha que ter um caráter econômico. Os incentivos de caráter econômico escolhidos foram mecanismos de mercado.

Ambas as idéias, eliminação de desperdícios e desenvolvimento tecnológico, estão ligadas ao eixo central da *Perestroika*: buscar ininterruptamente o crescimento intensivo em detrimento do extensivo. A eliminação dos desperdícios tornaria possível crescer com a mesma quantidade de insumos consumidos, que seria um crescimento com base em fatores intensivos. O desenvolvimento tecnológico, por sua vez, geraria aumentos de produtividade, que também são caracterizados por uma via intensiva de desenvolvimento. O foco no desenvolvimento intensivo era tamanho que o PCUS orientava as decisões de investimento para uma modernização de fábricas antigas, ao invés de construção de outras instalações modernas e a conseqüente desativação das demais. Isto porque, segundo o instrumental teórico do PCUS, economia de recursos e aumentos de produtividade aproximariam mais ainda o crescimento de um crescimento intensivo puro.

Com os olhos nos aumentos de produtividade gerados pela concorrência capitalista no ocidente, passo a passo os dirigentes soviéticos aplicaram mecanismos de mercado e alguns deles tornavam a economia soviética cada vez mais semelhante a uma economia capitalista.

São exemplos destes mecanismos: substituição da distribuição centralizada dos meios de produção pelo comércio grossista (as empresas passavam a comprar os meios de produção ao invés de receber-los do Estado), o sistema de autogestão e autofinanciamento (a direção da empresa passava a ter cada vez mais poderes e a empresa passava a se responsabilizar pelos seus lucros e prejuízos, com estes últimos não sendo mais cobertos pelo orçamento estatal), a legalização do trabalho privado sem o envolvimento de trabalho assalariado, liberdade às empresas para a fixação dos preços, o sistema de brigadas de trabalho e etc.

O sistema de planejamento e seus órgãos, os ministérios e os sistemas bancário e financeiro também foram modificados para adaptarem-se à nova realidade. Os planos agora eram meramente indicativos, sem que as empresas tivessem qualquer obrigação de cumpri-los.

O que constitui, contudo, o salto qualitativo das reformas que demonstra que elas caminhavam no sentido de restabelecer uma economia capitalista na URSS foi o decreto de 13 de janeiro de 1987 do Comitê Central do PCUS e do Conselho de Ministros da URSS que tornou possível a criação de join-ventures com empresas estrangeiras, inclusive ocidentais, dentro do território soviético, desde que o Estado permanecesse com 51% do capital da empresa. Aqui o lucro das empresas deixa de ser única e exclusivamente uma forma de manifestação do excedente econômico de uma sociedade socialista e passa também a ser forma de manifestação da mais-valia extraída do trabalhador soviético por capitalistas estrangeiros. Em 26 de maio do ano seguinte, por sua vez, torna-se legal a exploração do trabalho de cidadãos soviéticos por outros cidadãos soviéticos com a aprovação da “lei sobre a cooperação na URSS” (SEGRILLO, 2000a, pp. 24 e 36).

A exploração da força de trabalho de outrem através do trabalho assalariado, relação fundamental do Modo de Produção Capitalista, está novamente presente no território soviético.

O resultado que todas estas medidas provocaram na economia foi que, conforme avançavam as medidas pró-mercado, aprofundava-se também a desaceleração econômica na URSS. A partir de 1985, atesta-se que a economia soviética encontra-se estagnada, com taxas de crescimento próximas de 1% e tendendo ao decrescimento, como pode ser atestado a partir dos dados que seguem:

TABELA 18 – TAXAS DE CRESCIMENTO DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO E INFLAÇÃO DA URSS (EM PORCENTAGEM):

Anos	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991
PML	1,6	2,3	1,6	4,4	2,5	-4	-9
Inflação	-	-	-	-	2	14	150

Fonte: Norodnoe Khozyaistvo SSSR apud Segrilo (2000, p. 145).

4.6 UMA VISÃO GERAL DO CRESCIMENTO SOVIÉTICO:

Já fizemos, nas seções anteriores do presente capítulo, uma descrição de como se deu o processo de evolução da economia soviética desde a revolução de outubro de 1917 até a dissolução da URSS. Demos particular atenção às estratégias usadas durante cada período para promover o desenvolvimento e o crescimento econômico. Já a partir das seções anteriores do presente capítulo, podemos, de fato, atestar que a economia soviética cresceu a um ritmo consideravelmente acelerado até a década de 1960, quando a economia começa a desacelerar.

O objetivo da presente seção é, através da apresentação de dados de várias fontes, montar um panorama geral do crescimento econômico soviético para que não reste nenhuma dúvida de que ocorreu, de fato, o que afirmamos acima.

Julgamos que a melhor forma de visualizar o período de crescimento econômico acelerado e a desaceleração do crescimento que o segue é apresentando os diversos dados sob a forma gráfica. As tabelas que deram origem aos vários gráficos apresentados aqui serão dispostas nos anexos para que o leitor possa fazer análises mais pontuais, caso julgue necessário.

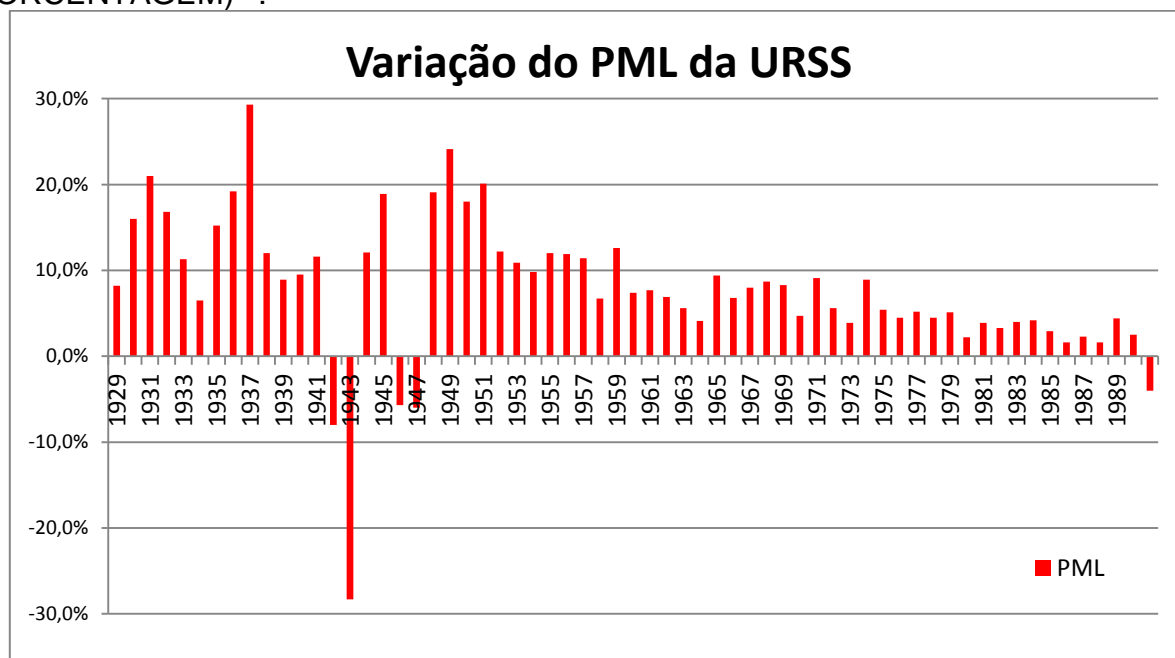
É válido ressaltar que os dados apresentados cobrem apenas o período que vai de 1928 a 1991, pois nenhuma das fontes apresenta dados do crescimento de toda a

economia para períodos anteriores a 1928. Não consideramos, entretanto, que isto venha a prejudicar a nossa análise, uma vez que, como já demonstramos, durante o primeiro período da revolução socialista, a Rússia e, posteriormente, a União Soviética lutava contra a desorganização da economia que havia sido provocada pela Primeira Guerra Mundial, pela guerra civil e pela intervenção de uma frente formada por 14 países capitalistas. A economia soviética, portanto, como também demonstramos, só veio a se recuperar por volta de 1926.

É pertinente também observar que acrescentamos uma linha de tendência linear a todos os gráficos apresentados para deixar claro o movimento dos indicadores.

Iniciaremos nossa análise através da apresentação da variação anual do Produto Material Líquido da União Soviética no período 1928-1990:

FIGURA 5 – VARIAÇÃO ANUAL DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO⁵² DA URSS (EM PORCENTAGEM)⁵³:



Fonte: Segrillo (2000b, p. 254).

⁵² Anos 1928-1938 calculados de BSE, 2 ed. v.29, p. 302; anos 1939 e 1940 calculados de Zaleski, 1980, p. 578-579; anos 1941-1945 calculados de Narkhoz za 70 let, p. 43; anos 1946-1950 calculados de Narkhoz 1964, p. 87; anos 1950-1963 calculados de Narkhoz, 1964, p. 575; anos 1964-1971 calculados de Narkhoz, 1972, p. 531; anos 1972-1976 calculados de Narkhoz za 60 let, p. 485; anos 1977-1984 calculados de Narkhoz za 70 let, p. 58;

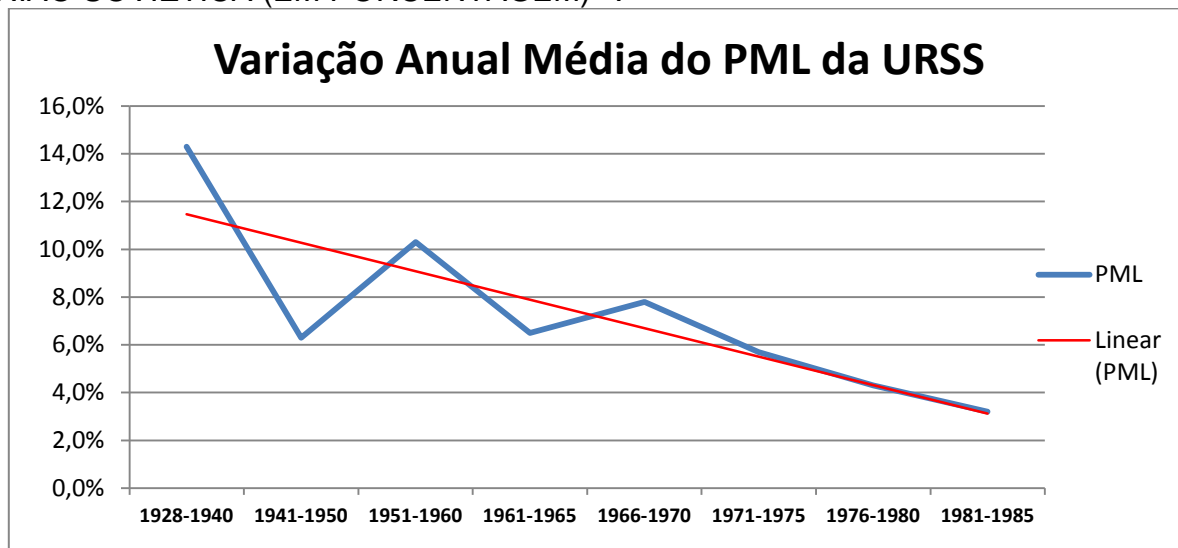
⁵³ Tabela 35 do anexo A;

Aqui, o grande surto inicial de crescimento é visível. 1958, contudo, constitui o último ano a apresentar uma taxa de crescimento de dois dígitos do PML da URSS. Observe que, a partir de 1975, a economia parece passar para um novo patamar de crescimento, mais baixo que os anteriores. Esta queda para este patamar mais baixo, além disso, é consideravelmente mais violenta que a anterior. Na década de 1960, o maior pico de crescimento foi de 9,4%, em 1964. Um retorno para o pico do patamar anterior representaria um aumento de apenas 34,04%. Já um retorno do maior pico (5,2%), a partir de 1974, para o pico do ano anterior, representaria um aumento de 80,76%, ou seja, o valor novo representaria quase o dobro.

É interessante acrescentar que, recordando a exposição do ponto anterior, antes de 1975, observa-se uma desaceleração econômica, mas atesta-se também que a economia ainda respondia aos estímulos governamentais. De lá em diante, a desaceleração parece predominar sobre qualquer outra força.

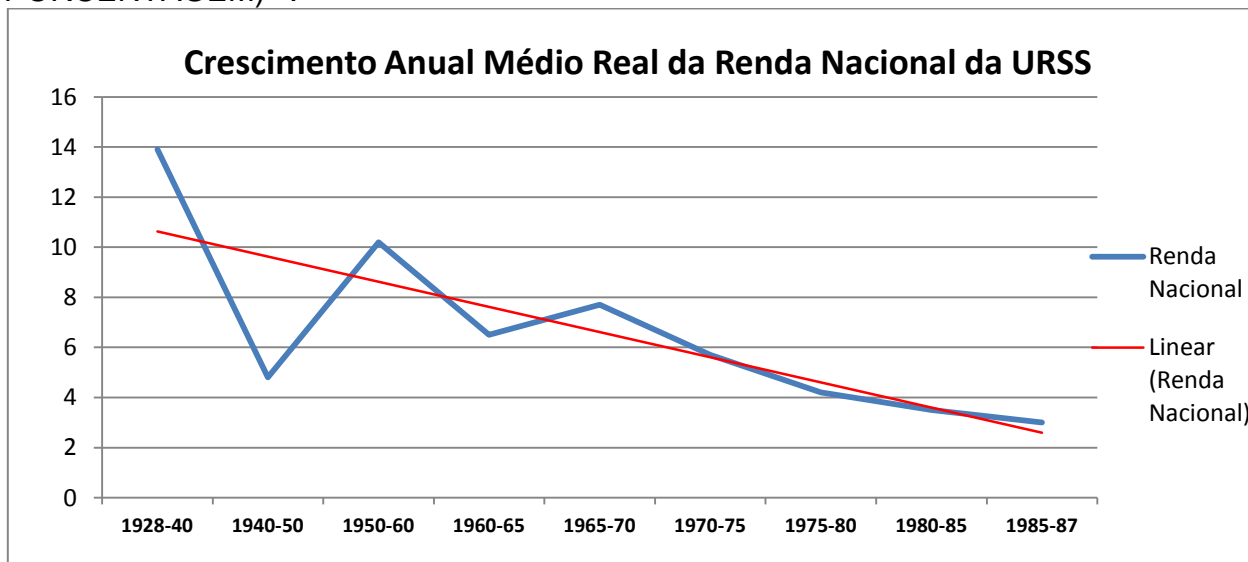
Os dois gráficos que seguem foram elaborados a partir das taxas anuais médias do crescimento do mesmo indicador na União Soviética em determinados períodos apresentados por Segrillo e Castells. O deste último, entretanto, constitui a variação real do indicador.

FIGURA 6 – VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO DA UNIÃO SOVIÉTICA (EM PORCENTAGEM)⁵⁴:



Fonte: Segrilo (2000b, p. 249) Linha PML da URSS (oficial): Narkhoz 1988, p. 8 e Tabela 3.2 do Apêndice 3⁵⁵.

FIGURA 7 – CRESCIMENTO ANUAL MÉDIO REAL DA RENDA NACIONAL DA URSS (VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO DA URSS) (EM PORCENTAGEM)⁵⁶:



Fonte: Castells (1999, p. 31) compilado por Harrison (1993, p. 147) com base na TSsU, Agência Central de Estatísticas (da URSS) apud Paulino (2008, p. 166).

⁵⁴ Tabela 37 do anexo B;

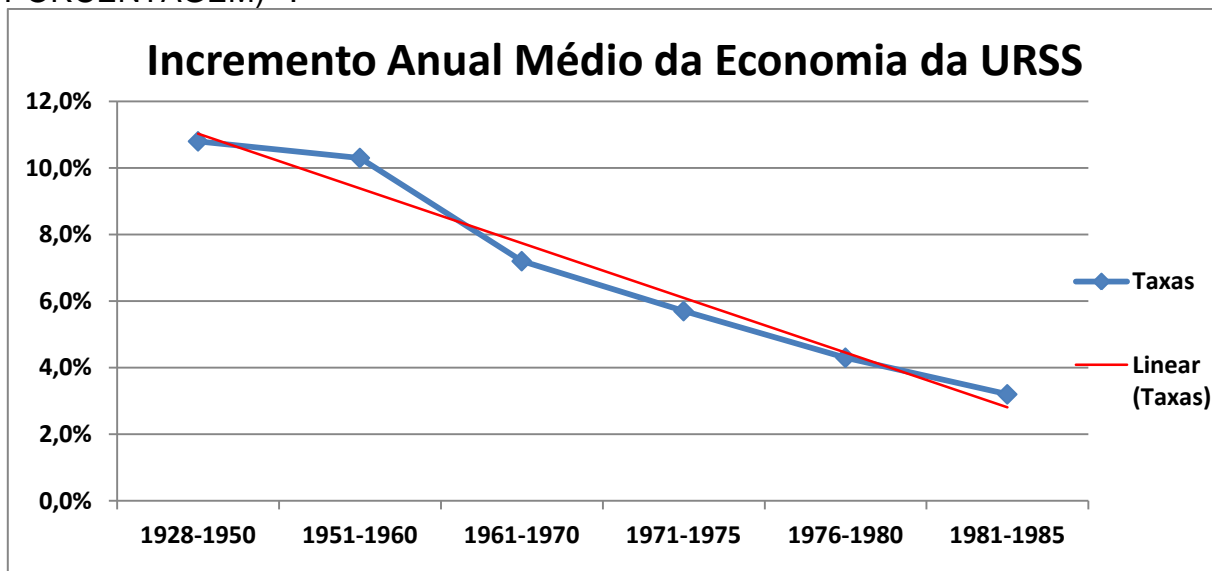
⁵⁵ A preços constantes conforme explicações em Narkhoz 1988, p. 698: anos 1929-1950 a preços de 1926-27; anos 1951-1955, preços de 1951; anos 1956-1958, preço de 1956; anos 1959-1965, preços de 1958; anos 1966-1975, preços de 1965; anos 1976-1985, preços de 1973;

⁵⁶ Tabela 38 do anexo B;

Observamos em ambos, o grande surto do crescimento até o fim dos anos 1930, o qual é interrompido pela destruição da segunda guerra. A desaceleração, da década de 1950 para a de 1960 continua clara, e observa-se que, após uma última resposta da economia em 1966-1970, as taxas de crescimento iniciam uma trajetória clara de queda.

Outra apresentação do mesmo indicador é feita por Segrillo, provavelmente com a intenção de abstrair-se dos efeitos causados pela Segunda Guerra. Esta apresentação, contudo, prejudica a constatação do grande surto dos anos 1930.

FIGURA 8 – INCREMENTO ANUAL MÉDIO DA ECONOMIA DA UNIÃO SOVIÉTICA (VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO) (EM PORCENTAGEM)⁵⁷:

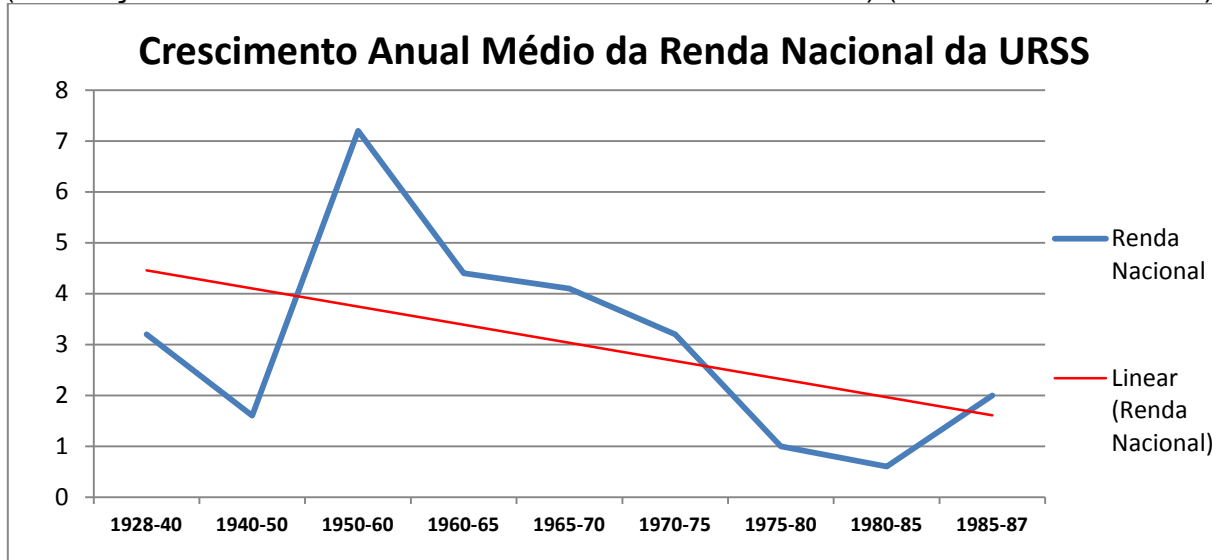


Fonte: Narodnoe Khozyaistvo SSSR, diversos anos, e Bol'shaya Sovetskaya Entsiklopediya, 2 ed., v. 29, p. 302 apud Segrillo (2000a, p. 10).

Apresentamos também o crescimento anual médio calculado por Khain e apresentado por Castells. Não tivemos acesso à metodologia de Khain, contudo, observamos que, apesar de tratar-se do mesmo indicador, os valores, a despeito de também apresentarem uma desaceleração no longo-prazo, contradizem todos os movimentos de curto prazo dos demais dados apresentados.

⁵⁷ Tabela 36 do anexo B;

FIGURA 9 – CRESCIMENTO ANUAL MÉDIO DA RENDA NACIONAL DA URSS (VARIAÇÃO DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO DA URSS) (EM PORCENTAGEM)⁵⁸:



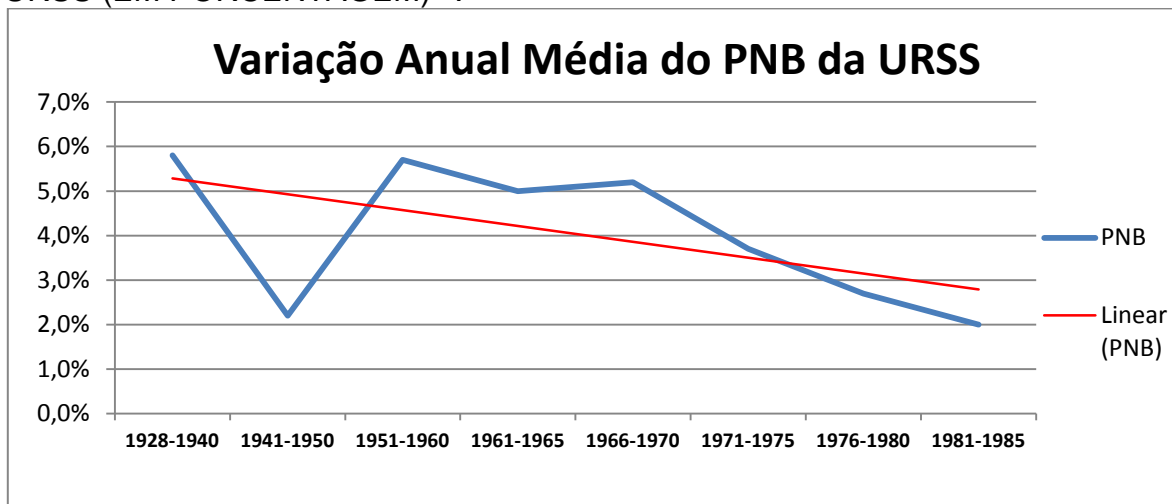
Fonte: Castells (1999, p. 31) compilado por Harrison (1993, p. 147) calculado com base em Khain (1991b) apud Paulino (2008, p. 166).

É necessário tecer aqui alguns comentários sobre os dados elaborados por Khain. Sabe-se da existência de críticas à metodologia de cálculo do PML da URSS da TSsU. A comparação dos dados de Khain com os dados oficiais mostra que ele era claramente um dos críticos a esta metodologia. Como dissemos, não tivemos acesso a sua metodologia de cálculo, mas não podemos deixar de assinalar que estes dados apresentam grandes diferenças em relação a todos os dados apresentados por nós, não só nesta, mas nas seções anteriores. Esta divergência com todas as outras fontes pesquisadas (inclusive ocidentais) para nós é, portanto, um forte motivo para desconsiderar tais dados.

O Produto Material Líquido, no entanto, não constituía a única forma de calcular a riqueza da União Soviética. As agências ocidentais estimavam também o Produto Nacional Bruto da URSS. Eis, a seguir, as taxas anuais médias de crescimento do PNB da URSS apresentadas por Segrillo e calculadas por Ofer:

⁵⁸ Tabela 39 do anexo B;

FIGURA 10 – VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DO PRODUTO NACIONAL BRUTO DA URSS (EM PORCENTAGEM)⁵⁹:



Fonte: Segrilo (2000b, p. 249)⁶⁰.

Exceto pelo nivelamento do crescimento econômico da década de 1950 com o grande surto dos anos 1930, obtemos aqui o mesmo resultado obtido com a análise da evolução do Produto Material Líquido. A diferença aqui se encontra na magnitude das taxas.

Como já afirmamos antes, existe uma extensa discussão acerca da confiabilidade dos indicadores soviéticos produzidos pelas agências governamentais capitalistas e os de elaboração oficial, ou seja, os elaborados pelos órgãos soviéticos. Consideramos que, se as agências governamentais afirmam que os órgãos soviéticos tinham incentivos de superestimar os indicadores, não podemos deixar de assinalar que tais órgãos capitalistas tinham também um incentivo inverso, ou seja, subestimar os indicadores. Embora seja desnecessária a discussão acerca de qual dos indicadores reflete melhor a realidade do desenvolvimento soviético, visto que, de uma forma relativa, ambos os indicadores produziram o mesmo resultado, assinalamos aqui, novamente, que tomaremos sempre os indicadores soviéticos como base para obter um retrato da realidade desta economia, uma vez que estes tinham por base a teoria

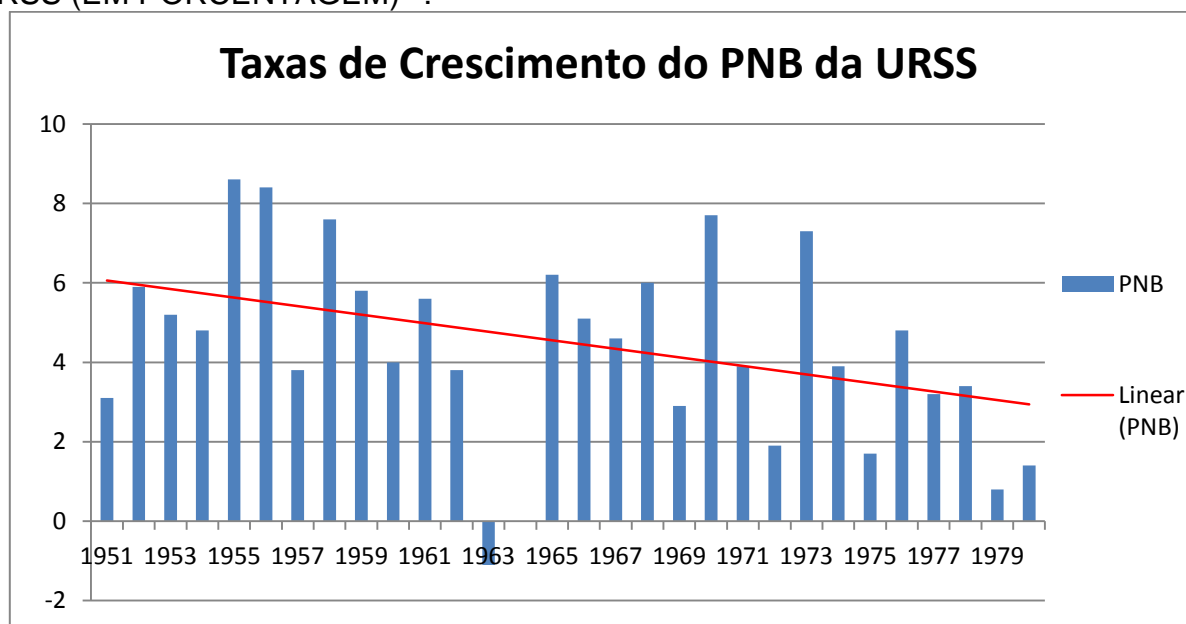
⁵⁹ Tabela 37 do anexo B;

⁶⁰ O período 1928-1950 é calculado por Ofer (baseado em Bergson) e calculado a custo de fatores do rublo de 1937. Já o período de 1951-1985 é calculado também por Ofer, mas baseado em CIA (com 1950-1980 calculado a custo de fatores de 1970 e 1981-1985 calculado a custo de fatores de 1982);

marxista do valor, fundamento teórico do presente trabalho, ao passo que os indicadores “ocidentais” tinham por base a teoria neoclássica do valor, o utilitarismo.

A despeito do que acabamos de expor acima, apresentamos, de qualquer modo, as taxas de crescimento do PNB da URSS no 1951-1980 para a apreciação do leitor. A partir delas, também obtemos um resultado bastante semelhante ao obtido com as taxas anuais de crescimento do PML apresentadas por Segrillo na Figura 5.

FIGURA 11 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PRODUTO NACIONAL BRUTO⁶¹ DA URSS (EM PORCENTAGEM)⁶²:



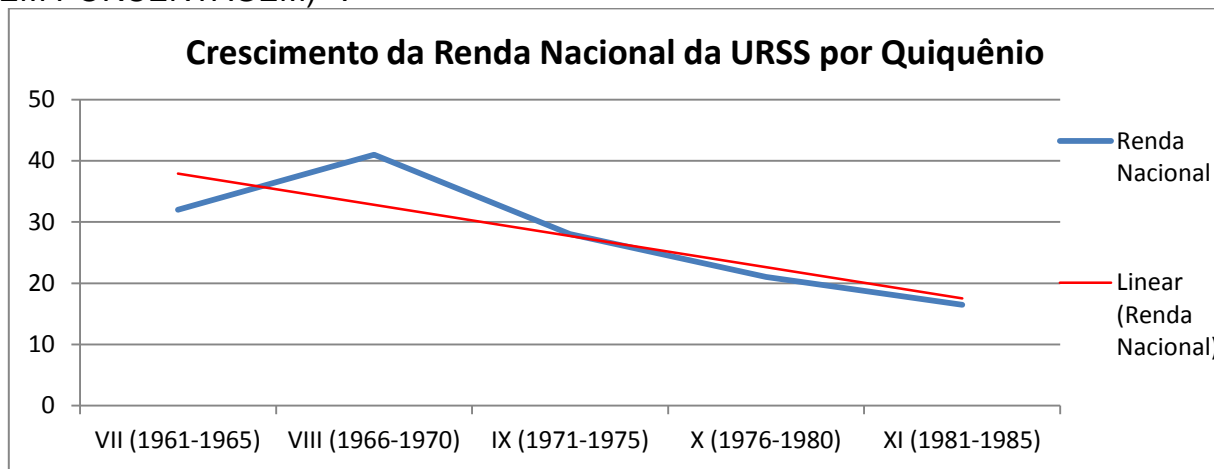
Fonte: Castells (1980, p. 37) apud Robério Paulino (2008, p. 355).

Apresentamos, por fim, o crescimento do PML da URSS em cada um dos planos quinquenais no período 1961-1985, obtidos de Aganbeguian (1988), que se baseou em dados oficiais.

⁶¹ Expresso em rublos de 1970;

⁶² Tabela 24 do anexo B;

FIGURA 12 - CRESCIMENTO DA RENDA NACIONAL DA URSS POR QÜINQUÊNIO (EM PORCENTAGEM)⁶³:



Fonte: Aganbeguian (1988, pp. 78 e 92).

Após a apresentação de todos estes dados, devemos agora resgatar as definições por nós expostas na metodologia deste trabalho, a fim de classificarmos as diferentes etapas do processo de redução do crescimento econômico da União Soviética.

De acordo com dados oficiais soviéticos apresentados por Segrillo (2000b, pp. 249 e 250), as taxas anuais médias de crescimento do PML dos EUA foram de 2,2% em 1971-1975, 3,4% em 1976-1980 e 2,4% em 1981-1985. Já o PML do Japão, que crescia a ritmos mais rápidos do que os EUA tanto porque sua economia recuperava-se da guerra, quanto pelo maior crescimento da sua produtividade do trabalho, cresceu a taxas anuais médias de 6,12%⁶⁴ de 1950 a 1986. Comparando estes ritmos de crescimento com o crescimento experimentado pela URSS a partir de 1975, podemos atestar que, neste ano, instaura-se uma crise estrutural⁶⁵ na União Soviética, visto que esta começa a crescer a ritmos semelhantes aos dos países capitalistas.

Pelos dados e pelas análises que apresentamos anteriormente, a desaceleração que leva a economia para o ponto de crise estrutural deflagra-se em 1960.

Por fim, os dados da tabela 28 apresentados no capítulo seguinte indicam que havia crescimento de rendimentos reais por habitante até pelo menos 1985. Segundo

⁶³ Tabela 28 do capítulo 5;

⁶⁴ Calculado por nós a partir de índices absolutos de crescimento apresentados por Segrillo;

⁶⁵ Suas causas serão discutidas no capítulo seguinte;

os dados apresentados na tabela 18, na seção anterior, no entanto, a partir de 1989, a economia soviética começa a apresentar uma inflação crescente, com a taxa do referendo ano já constituindo uma taxa significativa em relação ao crescimento econômico. O único dado que conseguimos acerca do crescimento populacional nesta época apresenta que, em 1990, a população soviética crescia a uma taxa anual de 0,7%⁶⁶. Supondo que esta taxa fosse igual em 1989, não há crescimento real da renda nacional na URSS neste ano, fazendo deste início da estagnação econômica.

Diante dos dados aqui apresentados por nós, consideramos que está suficientemente provado que, em 1960, iniciou-se uma desaceleração econômica na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e, em 1975, uma crise estrutural instaurou-se nesta nação, levando-a a estagnação econômica em 1989.

No entanto, pela definição dada por nós aos referidos conceitos, é necessária a análise das causas desta redução do ritmo de crescimento para comprovarmos o que afirmamos aqui. Passemos, pois, a análise destas causas.

⁶⁶ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Uni%C3%A3o_Sovi%C3%A9tica;

5 ANALISANDO O CONTEÚDO DO CRESCIMENTO ECONÔMICO SOVIÉTICO:

O presente capítulo tem por intuito, conforme já apontado anteriormente, alcançar o segundo e o terceiro objetivo específico. Analisaremos os motores do desenvolvimento e crescimento econômico soviético durante toda a existência da URSS. Esta análise dividir-se-á em quatro partes. A primeira analisará a maior parte do período de crescimento acelerado (do I Plano Quinquenal até a criação do COCOM). A segunda atestará o desaparecimento do motor do crescimento intensivo do período anterior e os motores do crescimento na década de 1950. Já a terceira analisará os motores do crescimento durante o período restante, para que na última etapa se estabeleça o porque da não geração de um novo motor do crescimento intensivo. Um quinto ponto foi acrescentado no intuito de complementar o cumprimento do objetivo geral. Este ponto faz análise da evolução dos padrões de vida da população soviética.

5.1 OS MECANISMOS DO AUMENTO DA PRODUTIVIDADE E O CONTEÚDO DO CRESCIMENTO ECONÔMICO SOVIÉTICO ATÉ O FINAL DA DÉCADA DE 1940:

Logo após a tomada do poder pelo partido bolchevique, uma das primeiras medidas do novo governo foi o cancelamento da dívida pública da Rússia. Em um decreto no dia 3 de fevereiro de 1918, o Comitê Central Executivo de Toda a Rússia afirma:

1. Todos os empréstimos contraídos pelos governos dos latifundiários russos e da burguesia russa, enumerados na lista especial publicada, estão anulados (cancelados) a partir de dezembro de 1917. Os **cupons** de dezembro não estão sujeitos a pagamento.
2. Da mesma forma, estão anuladas, igualmente, todas as garantias dadas pelos governos acima mencionados aos empréstimos de diferentes instituições e interesses.
3. Estão anulados, irrevogavelmente e sem exceção, todos os empréstimos estrangeiros. (Citado por FERNANDES, 1992, p. 77).

No início de 1917, esta dívida chegava a 10,8 bilhões de rublos-ouro (5,5 bilhões de dólares). Em outubro do referido ano, só a dívida referente à guerra somava

7,788 bilhões de rublos-ouros, dos quais 70,4% haviam sido emprestados pela Inglaterra e os outros 29,6% restavam divididos entre França (19,3%), Estados Unidos (5,6%), Japão (3,7%) e Itália (1,0%) (Fernandes, 1992, p. 77). O fato mais relevante a ser atestado aqui é o caráter político da medida acima referida: com ela, o poder revolucionário excluía-se do fluxo de capitais internacionais.

Quanto às relações comerciais, o novo governo julgava importante que fosse mantido o intercâmbio de mercadorias entre a Rússia e as demais nações capitalistas, contudo afirmava que o país dos soviets não estaria mais sujeito a “estrutura desigual” do comércio internacional. Para tanto, em 22 de abril de 1918, foi decretado, pelo Conselho de Comissários do Povo, o monopólio estatal do comércio externo.

Este conjunto de medidas, entretanto, não só (provavelmente) desencadeou a intervenção armada de uma frente formada por 14 países capitalistas, como também contribuiu para praticamente extinguir o comércio externo russo (conforme dados apresentados na tabela 19 a seguir). Isto porque, além de refletir a política de “comunismo de guerra” do poder revolucionário, que colocava a vitória sobre a contra-revolução acima de tudo, a evolução do comércio externo soviético deveu-se também o “boicote econômico” organizado pelas potências “aliadas”, principalmente a Inglaterra (FERNANDES, 1992, p. 78).

Esta política do estado russo era condizente com a previsão de conjuntura futura que fazia o poder revolucionário: que a revolução russa era o prelúdio da revolução socialista mundial e que, em pouco tempo, esta triunfaria nos países avançados, os quais forneceriam a base técnica (desenvolvimento econômico) necessária para que se caminhasse para o socialismo. Como afirmamos anteriormente, entretanto, isto não aconteceu.

TABELA 19 - EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO SOVIÉTICO (1913-1921, em milhões):

EXPORTAÇÕES		
Ano	Rublos (1936)	Dólares
1913	6.658	792
1914	4.188	492
1915	1.760	207
1916	2.199	296
1917	2.138	239
1918	36	-
1919	0	-
1920	6	-
1921	89	-

IMPORTAÇÕES		
Ano	Rublos (1936)	Dólares
1913	6.323	708
1914	4.809	565
1915	4.987	586
1916	10.899	1.415
1917	10.726	1.012
1918	461	-
1919	14	-
1920	126	-
1921	923	-

Fonte: Compilado de dados oficiais soviéticos por G. A. Smith, *Soviet Foreign Trade: organization, operations, and policy, 1918-1971*, Praeger Publishers: Nova York, 1973, pp. 12-13 apud Fernades (1992, p. 78).

Os bolcheviques se viram numa situação crítica. Primeiramente, o país encontrava-se arrasado, destruído por cerca de nove anos de guerra. Era necessária uma recuperação rápida da economia. Já vimos anteriormente que a NEP foi a resposta a esta situação. O retorno quase que imediato da economia para o patamar de antes da guerra, todavia, não era o único problema soviético.

A este atraso tecnológico da economia soviética, correspondia também um atraso científico. O atraso tecnológico, por sua vez, não seria mais revertido pela ajuda de economias socialistas avançadas. Além disso, a consolidação da revolução dependia da melhoria das condições de vida do proletariado e do campesinato e da capacidade da nação socialista de fazer frente a novos ataques estrangeiros. Assim

sendo, não havia tempo hábil para desenvolver o conhecimento científico dentro da URSS para, a partir disto, fazer evoluírem as técnicas de produção da economia. A evolução da técnica deveria vir de fora, mesmo que se originasse nos países capitalistas.

Já antes da NEP, iniciaram-se os preparativos para a geração do motor do desenvolvimento soviético até a década de 1960. Este motor do desenvolvimento seria a importação, sempre que possível, das técnicas de produção mais avançadas existentes no mundo capitalista. Mesmo que ainda existisse a esperança de um “socorro socialista” até por volta de outubro de 1923 (quando ocorreu a derrota da revolta alemã), o regime soviético já tinha em mente aproveitar-se do desenvolvimento tecnológico gerado pelo capitalismo. O que ocorreu foi que, a partir de 1924, esta se tornou a única estratégia de desenvolvimento. Portanto, os preparativos da geração deste motor do desenvolvimento não foram inconscientes.

Ao término da guerra civil, o governo socialista estava consciente de que era necessário expandir novamente o comércio exterior da Rússia. Entretanto, ao mesmo tempo, isto deveria ser feito sem que o país fosse obrigado a submeter-se a “estrutura desigual” do comércio internacional, ou seja, sem que fosse abolido o monopólio estatal do comércio exterior. Assim, várias empresas, entre bancos, companhias de seguros e escritórios comerciais, foram criadas no exterior com o objetivo de facilitar as operações comerciais com os países capitalistas.

Em 1920, foi criado o escritório comercial All-Russian Cooperative Society na Inglaterra. Em 1922, foi autorizada a criação de empresas mistas de comércio (em associação com capitalistas estrangeiros, como parte das concessões da NEP), contudo o volume de comércio gerado por estas empresas só ultrapassou 5% do volume total em 1925. Em 1923, o All-Russian Cooperative Society desmembrou-se em uma companhia de navegação, a Arcos Steamship Company, uma companhia de seguros, a Black Sea and Baltic Insurance Company Ltd., e um banco, o Arcos Bank Ltd. Em, 1924, foi fundada nos EUA a Amtorg Trading Company e a já formada União Soviética assumiu o controle da filial de Londres do antigo Moscow Narodny Bank. Além disso, após fundado, o Banco do Comércio Externo da URSS passou a controlar o Banco do Extremo Oriente (na China), o Banco Russo-Iraniano (no Irã), Banque

Commerciale pour l'Europe Du Nord, o EUROBANK (em Paris), e outros bancos em Berlin, Copenhague e Estocolmo (FERNANDES, 1992, pp. 90 e 91).

A medida surtiu efeito. Contudo, o impacto não foi o suficiente para recuperar o nível de comércio externo 1913, como demonstram os dados a seguir:

TABELA 20 - EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO SOVIÉTICO (1922-1927, em milhões):

EXPORTAÇÕES		
Ano	Rublos (1936)	Dólares
1922	357	-
1923	955	98
1924	1.476	171
1925	2.664	313
1926	3.174	348
1927	3.267	397

IMPORTAÇÕES		
Ano	Rublos (1936)	Dólares
1922	1.182	-
1923	627	64
1924	1.139	132
1925	3.621	425
1926	3.017	355
1927	3.321	390

Fonte: Compilado de dados oficiais soviéticos por G. A. Smith, *Soviet Foreign Trade: organization, operations, and policy, 1918-1971*, Praeger Publishers: Nova York, 1973, pp. 12-13 apud Fernandes (1992, p. 91).

O fato de o comércio externo soviético ter demorado muito tempo para recuperar o nível de 1913 (que, por sinal, só ocorreu ao final da década de 1940) não era demasiadamente importante. Isto porque o território soviético era rico em recursos naturais. Assim sendo, a importação de matérias-primas no início da industrialização não seria necessária. Além disso, não era do interesse do PCUS manter-se produzindo produtos primários para, através da sua venda no mercado internacional, comprar os produtos manufaturados dos países capitalistas desenvolvidos, tornando-se dependente e ao mesmo tempo perpetuando o atraso tecnológico. O PCUS tinha por interesse industrializar a URSS, desenvolver suas forças produtivas até o limite alcançado pelo capitalismo.

Para tanto, era apenas necessário comprar a tecnologia mais avançada do mundo capitalista e replicá-la no território soviético, adaptando-a as particularidades deste território. E foi exatamente esta a estratégia do PCUS⁶⁷.

Os grandes investimentos que foram feitos para levar a cabo o processo de desenvolvimento das forças produtivas da URSS tiveram duas fontes principais: a estratégia de Preobrajensky e os empréstimos externos.

Já vimos que, segundo a estratégia de Preobrajensky, era necessário, através de um comércio desfavorável entre cidade e campo, drenar recursos deste último para a primeira, a fim de levar a cabo a industrialização. Isto seria feito através da redução dos preços dos produtos de origem rural e da elevação dos preços dos produtos manufaturados. Isto, de fato, foi feito pelo Estado soviético. Esta estratégia, no entanto, não ocasionou uma piora nas condições de vida dos camponeses em relação aos trabalhadores rurais, pois acabou não ocorrendo como planejado, embora tenha sido bem sucedida.

Os rendimentos obtidos pelos camponeses nas vendas compulsórias ao Estado de fato caíram ao longo do período do I Plano Quinquenal, uma vez que os preços na foram reajustados e a inflação era significativa. Contudo, a produção que excedesse a quantidade estabelecida nas vendas compulsórias poderia ser vendida nos mercados coletivos. Os preços nestes mercados, por sua vez, não eram regulados pelo estado. Allen (2003, p. 101), portanto, afirma que, de acordo com o historiador soviético A. A. Barvson, entre 1928 e 1932, os preços nestes mercados elevaram-se em trinta vezes. Fazendo uma média ponderada do movimento destes preços com os preços das vendas compulsórias, chega-se, na verdade, ao resultado de que, enquanto os preços dos manufaturados aumentaram a um fator de 2,4, os preços dos produtos originados do campo aumentaram a um fator de 3,13, o que fez com que a situação dos camponeses melhorasse em relação a dos trabalhadores urbanos (idem).

Se considerarmos o período de 1928 a 1932 o fator de aumento dos preços dos produtos de origem rural e dos manufaturados foram 6,2 e 4,22, respectivamente

⁶⁷ Apenas não podemos afirmar que a tecnologia importada era, de fato, a mais avançada que existia no ocidente;

(ibidem). Ou seja, os termos de troca continuaram favoráveis aos camponeses até o fim do II Plano Quinquenal.

Ora, mas então, como o PCUS pôs em prática a estratégia de Preobrajensky?

Allen explica que:

While the average price received by farmers kept pace with in non food manufactures, it did not kept pace with food prices, which rose eight fold between 1928 and 1937. [...] Instead of letting the peasants reap those rising food prices as higher income, the state imposed a high sales tax (the turnover tax) on consumer goods. This tax drove a wedge between the prices that urban residents paid for food and the prices that farmers received for their crops. These tax collections financed the investment boom (ALLEN, 2003, pp. 101 e 102).

Em 1937, por exemplo, as receitas da venda de roupas, pão, lingüiça e etc. somaram 110 bilhões de rublos. O custo de sua produção era 17 bilhões de rublos. Portanto, a *turnover tax* auferida pelo estado foi equivalente a 93 bilhões de rublos. Neste mesmo ano, todas as agência públicas gastaram 118 bilhões de rublos, o que incluía investimentos na magnitude de 56 bilhões de rublos em capital fixo e circulante. A *turnover tax* financiou, portanto, a maior parte destes investimentos (ALLEN, 2003, p. 176).

Em um livro que conta a história do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS organizado pelo Comitê Central do PCUS, encontramos a razão pela qual os líderes soviéticos acreditavam que deveriam financiar os investimentos por estas vias:

Na generalidade, os países capitalistas montaram a sua indústria pesada com energias obtidas no exterior; espoliando as colônias, impondo tributos aos povos vencidos, contraindo empréstimos externos. Por princípio, o país dos soviets não podia recorrer a este sórdido meio de se abastecer de fundos, que é a pilhagem dos povos coloniais ou vencidos para a sua industrialização. A URSS não podia recorrer aos empréstimos externos pela simples razão de que os países capitalistas recusar-lho-iam. **Era necessário procurar as energias precisas no interior do país** (CC DO PC DA URSS, 1974, apud FERNADES, 1992, p.98).⁶⁸

No entanto, esta não foi a única fonte do investimento, como dissemos. O “país dos soviets” pode sim recorrer aos empréstimos externos.

⁶⁸ Grifo nosso;

No período da NEP, os empréstimos concedidos a URSS eram apenas crédito de curto prazo para operações comerciais e não eram de grande magnitude (Fernandes, 1992, pp. 86 e 87). Durante o I Plano Quinquenal, contudo, a situação se modificou.

Em 1929, o endividamento da União Soviética com bancos de países capitalistas era da magnitude de 415 milhões de rublos-ouro. Apenas dois anos depois, esta soma havia mais do que triplicado e era da magnitude de 1,4 bilhão de rublos-ouro (CONDOICE, 1951, apud FERNANDES, 1992, p. 98). Fernandes afirma que, nesta época, entretanto, “A maior parte destes empréstimos era composta por créditos de curto prazo destinados a financiar a compra de equipamentos para o esforço da industrialização” (FERNANDES, 1992, p. 96). Allen (2003, p. 104), como exemplo, aponta que a construção das duas plantas industriais produtoras de ferro mais famosas da URSS, Kuznetsk e Magnitogorsk⁶⁹, se deu através de uma importação de tecnologia em larga escala. A planta desta última, por exemplo, foi baseada na tecnologia da U.S. Steel Corporation de Gary, Indiana. Robin Blackburn, por sua vez, baseado nos estudos de A. C. Sutton, afirma que era extraordinário que “no início dos anos 30 mais da metade das exportações inglesas e norte-americanas de máquinas tenha sido para a União Soviética. Em certos setores, as cifras vão além de 90%” (BLACKBURN, 2005, p. 143). Não é à toa, portanto, que a razão entre a dívida externa e os investimentos da União Soviética, apesar de a primeira ter mais do que triplicado, subiu apenas, de 8,6% em 1929, para 10,2% em 1931 (FERNANDES, 1992, pp. 98 e 99).

Contudo, precisamente devido ao atraso científico existente na URSS, a simples importação de tecnologia não seria suficiente para fazer deslanchar a produção na economia. Para tanto, a economia soviética precisou fazer contratos de assistência técnica com grandes empresas de países capitalistas. Segundo Fernandes (1992, p. 100), no final de 1929, havia 64 contratos deste tipo em operação. No final de 1931, o referido número havia quase duplicado e alcançava 124. Fernandes (idem) cita como mais conhecidos os acordos com as empresas alemãs AEC, Siemens e Telefunken (produção de geradores e demais equipamentos elétricos e telefônicos), com as

⁶⁹ Estas duas plantas foram responsáveis por um terço do crescimento de ferro e aço na União Soviética no período da rápida industrialização (ALLEN, 2003, p. 104);

empresas americanas Cooper (construção da represa Dinper) e Ford (construção da fábrica de automóveis em Novogorod). Allen (2003, p. 104), por sua vez, cita também acordos de assistência técnica firmados entre os soviéticos, a Freyn Engeeniring de Chicago e a McKee the Cleveland, Ohio.

A liderança da URSS, no entanto, não se apoiou mais tempo do que o necessário nestes acordos de assistência técnica. Ao que tudo indica, as devidas providências foram tomadas para que os cientistas soviéticos estudassem e dominassem o mais rápido possível a tecnologia importada. Isto porque, em 1933, havia apenas 46 contratos de assistência em operação, aproximadamente um terço do número de 1931, e, em meados da década de 1930, praticamente todos foram cancelados (Fernandes, 1992, p. 100), e, mesmo assim, a economia soviética continuou crescendo vigorosamente (ver figura 5 no capítulo anterior).

Uma vez absorvida e devidamente estudada a tecnologia desenvolvida externamente, não havia mais razões para que a União Soviética continuasse a importar as mesmas máquinas: a produção agora poderia se dar dentro dos limites do regime socialista, e foi precisamente o que ocorreu. A dívida soviética, ao final de 1933, caiu para 120 milhões de rublos-ouro (representando apenas 0,5% da média anual de investimentos do II Plano Qüinqüenal) (FERNANDES, 1992, pp. 98 e 99) e as importações da URSS, em virtude disto, voltaram à trajetória de queda.

Como bem apontou Fernandes (1992, p. 102) o encolhimento do comércio exterior da URSS era “Fruto da grave crise econômica que assolou os países capitalistas durante boa parte dos anos 30 e da prioridade dada ao desenvolvimento econômico **interno** pela liderança da URSS”. Com isto não queremos afirmar aqui que ambos os fatores impactaram negativamente tanto nas importações, quanto nas importações soviéticas⁷⁰. Na verdade, cada um dos fatores ofereceu impacto negativo em apenas um “aspecto”, se assim podemos chamar, do comércio externo da URSS.

No que tange a grande crise de 1929, é preciso lembrar que as crises no Modo de Produção Capitalista não são crises de escassez, pelo contrário: tais crises são crises de produção em excesso que ocorrem com certa ciclicidade, sendo, portanto, denominadas pelos marxistas de Crises Cíclicas de Superprodução. A crise, além disto,

⁷⁰ Acreditamos que o próprio Fernandes também raciocinou como nós;

é uma superprodução de capitais sob todas as suas formas (dinheiro, mercadoria e produtivo). Existem, portanto, não só mercadorias em excesso, nos países capitalistas assolados pelas crises, que não podem ser realizadas devido à existência de barreiras econômicas que impedem o consumo, como também meios de produção em excesso que devem continuar produzindo, visto que a forma determina a função, mas não o podem devido ao mercado temporariamente restrito que se configurou. O papel das crises é, portanto, destruir o capital em excesso⁷¹. O excesso de capital em um país, todavia, pode ser drenado pelo comércio internacional caso este consiga aumentar suas exportações durante o período de crise. É ainda do interesse de cada um dos países capitalistas durante períodos de crise a redução das importações, uma vez que isto direciona a demanda interna para a eliminação dos estoques internos.

A crise de superprodução deflagrada em 1929, portanto, certamente contribuiu para a redução das exportações da URSS durante o referido período, pois a medida anteriormente mencionada é tomada por todos os países capitalistas em conjunto. Já no caso das importações, de acordo com o raciocínio elaborado acima, se a crise de 1929 teve algum impacto, este foi positivo e não negativo, pois todos os países capitalistas tinham o interesse de aumentar suas exportações.

A queda nas importações neste período foi, assim, uma consequência da “prioridade dada ao desenvolvimento econômico **interno**” por parte da liderança soviética, peça chave do desenvolvimento industrial da URSS. Ao analisar os dados da tabela 21, percebemos inclusive que, enquanto a queda das exportações ocorre em 1930-1931, a queda nas importações ocorre apenas um ano depois, em 1931-1932, justamente no período no qual se inicia o processo de eliminação das assistências técnicas e, provavelmente, o processo de replicação da tecnologia importada, o que é mais uma prova para o raciocínio acima desenvolvido.

⁷¹ Para mais informações, veja: RIBEIRO, N. R. A Crise Econômica: uma visão marxista. 1ª ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. 2008;

TABELA 21 - EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO SOVIÉTICO (1928-1940, em milhões)⁷²:

EXPORTAÇÕES			
Ano	Rublos (1936)	Rublos (1961)	Dólares
1928	3.519	630	414
1929	4.046	724	476
1930	4.539	813	534
1931	3.553	636	418
1932	2.518	451	296
1933	2.168	389	255
1934	1.832	328	215
1935	1.609	288	189
1936	1.359	243	270
1937	1.729	310	344
1938	1.332	239	265
1939	-	104	114
1940	1.412	244	271

IMPORTAÇÕES			
Ano	Rublos (1936)	Rublos (1961)	Dólares
1928	4.175	748	233
1929	3.857	691	454
1930	4.638	830	545
1931	4.840	867	569
1932	3.084	552	363
1933	1.525	273	179
1934	1.018	182	120
1935	1.057	189	124
1936	1.352	242	269
1937	1.341	240	267
1938	1.423	255	283
1939	-	168	185
1940	1.446	259	288

Fonte: Compilado de dados oficiais soviéticos por G. A. Smith, *Soviet Foreign Trade: organization, operations, and policy, 1918-1971*, Praeger Publishers: Nova York, 1973, pp. 12-13 e de dados do *Yearbook of International Trade Statistics – 1968* da ONU apud Fernandes (1992, p. 103).

Embora não tenhamos dados detalhados acerca das máquinas e equipamentos utilizados na União Soviética na produção agrícola ou manufaturada, ou seja, na

⁷² Como não conseguimos obter os valores das exportações e importações para o ano de 1939 em rublos de 1936, adicionamos a esta tabela uma coluna contendo os valores em rublos de 1961;

produção material em geral, temos razões para acreditar que, excetuando-se a produção bélica: 1) o crescimento econômico do I Plano Qüinqüenal até meados do II Plano deu-se pela importação de máquinas e equipamentos do exterior; 2) de meados do II Plano Qüinqüenal até o início da década de 1950, o crescimento econômico soviético foi em sua imensa maioria baseado na replicação da tecnologia importada do exterior durante o primeiro e parte do segundo plano qüinqüenal e da tecnologia importada, em menor grau, no restante do período.

Talvez a crítica mais imediata a nossa visão seria: a replicação de uma mesma tecnologia seria capaz de sustentar um crescimento econômico por um período tão longo? Vamos, portanto, a resposta da pergunta.

É preciso lembrar que o período que vai do início dos anos 1930 ao início dos anos 1950 não constitui um período de crescimento acelerado ininterrupto. Recordamos aqui que, conforme demonstrado no capítulo anterior, houve uma destruição considerável de forças produtivas na URSS durante o combate no território soviético contra o exército alemão, além de um esforço de guerra considerável por parte da URSS. Para atestar o que estamos dizendo, apresentamos o seguinte cálculo:

Criando um índice, suponha que a produção material na URSS em 1940 seja igual a 100. Se aplicarmos a ela as taxas de crescimento (positivas ou negativas) apresentadas pela União Soviética na década de 1940, obtemos a tabela 22.

Vemos, portanto, que de 1941 a 1947 a produção material na União Soviética está sempre abaixo do nível de 1940, superando este nível apenas em 1948. A isto poderia ser acrescentado que dentro do produto material líquido contabiliza-se também a produção militar que, conforme vimos no capítulo anterior, foi considerável durante a guerra. Contudo, abstraindo-se deste fato, temos que de 1935 (meados do II Plano Qüinqüenal) a 1950, identifica-se efetivamente apenas oito anos de crescimento acelerado. Assim, considerando que, em alguma medida, a importação de tecnologia ainda se manteve durante os anos 40, julgamos possível manter o crescimento com base na replicação da tecnologia.

TABELA 22 – ÍNDICE DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO DA URSS (1940 = 100):

ANOS	ÍNDICE DO PRODUTO MATERIAL LÍQUIDO
1940	100,00
1941	92,00
1942	65,96
1943	73,95
1944	87,92
1945	82,91
1946	77,94
1947	92,82
1948	115,19
1949	135,93
1950	163,25

Fonte: elaboração própria a partir da tabela Segrillo;

Importando tecnologia dos países capitalistas desenvolvidos e replicando-a ininterruptamente no território soviético durante o período analisado (exceto quando da guerra), o PCUS conseguiu dar origem a uma ótima evolução da produtividade do trabalho. Quanto mais a tecnologia era replicada, mais se elevava a produtividade do trabalho no ramo específico de produção e mais se elevava a produtividade do trabalho da economia como um todo.

Ao analisarmos a questão do ponto de vista do paradigma crescimento extensivo e intensivo, no entanto, pode-se concluir que o crescimento, neste período, se deu em sua maior parte por vias extensivas, já que, uma vez obtida uma “tecnologia de ponta”, esta era replicada mantendo a mesma composição técnica e o mesmo método produtivo nas novas empresas.

Apesar de parecer o contrário na exposição de Aganbeguian sobre este período, este fato, contudo, não constitui um problema na época, visto o estoque de recursos naturais e a força de trabalho disponível para a acumulação. Vamos inclusive mais além e dizemos que não podemos imaginar outra forma de crescimento durante o período, visto que inovações tecnológicas não surgem da noite para o dia.

Diante de tudo que foi exposto por nós na presente seção, podemos, portanto, concluir que o crescimento econômico da economia soviética durante o período que vai do I Plano Quinquenal ao final da década de 1940 se deu em sua maioria por fatores extensivos, apresentando, contudo, certo grau de crescimento intensivo. Este último,

contudo, dava-se em saltos (quando da importação de uma nova tecnologia). O motor do crescimento econômico intensivo nesta época foi a importação maciça de tecnologia avançada do mundo capitalista. Isto, por sua vez, juntamente com a disponibilidade de um grande exército industrial de reserva e muitos recursos naturais, criou as bases para o crescimento econômico extensivo neste período.

5.2 A CRIAÇÃO DO COCOM E O DESAPARECIMENTO DO MOTOR DO CRESCIMENTO INTENSIVO:

O final da década de 1940 é marcado pelo desaparecimento do motor do crescimento intensivo e, conseqüentemente, de uma das bases do crescimento extensivo da economia soviética: a importação de tecnologia do mundo capitalista.

Em 1949, por iniciativa dos EUA, é criado o Comitê Coordenador para o Controle das Exportações Multilaterais, o COCOM. Faziam parte deste comitê o Japão e todos os países membros da OTAN⁷³, exceto Islândia e Espanha. A OTAN “se constituiu num órgão multilateral destinado a conter e reduzir o comércio dos países capitalistas centrais com a URSS e demais países socialistas, sob a alegação de ‘razões de segurança’” (FERNANDES, 1992, p. 122). Logo após a criação do órgão, foi estabelecida uma lista de mais de duas mil categorias de produtos e serviços que estavam proibidos de serem comercializados pelos seus membros com os países do campo socialista, o que representava na época quase metade dos artigos disponíveis no mercado mundial (idem).

Neste novo panorama, o PCUS deveria encarregar-se de gerar um novo mecanismo de estímulo ao crescimento intensivo caso quisesse sustentar as altas taxas de crescimento econômico da economia soviética. Esta necessidade, contudo, não era extremamente emergencial. Existia ainda na URSS algum espaço para levar a

⁷³ Organização do Tratado do Atlântico Norte – órgão intergovernamental criado com base no Tratado do Atlântico Norte assinado em 4 de abril de 1949. A OTAN constituía um sistema coletiva dos seus estados membros no qual estes concordam com uma defesa mútua em caso de agressão de um não membro. Foi criado pelos países capitalistas com a função principal de defender-se contra um possível ataque soviético;

cabo um crescimento econômico acelerado com base no crescimento extensivo, e foi exatamente o que ocorreu durante a década de 1950.

Conforme vimos na seção anterior, a União Soviética continuou importando tecnologia do mundo capitalista até o fim da década de 1940. A replicação desta tecnologia, portanto, ainda poderia servir de base ao crescimento acelerado na URSS por um curto período. Além disso, outro fator que pode ser apontado como um dos fatores que mantiveram o crescimento econômico acelerado até a década de 1960 foi a expansão agrícola levada a cabo pela equipe de Krushev.

Nossa opinião é também atestada por alguns autores. Nas palavras de Segrillo:

Uma das características marcantes do modelo soviético, reconhecida igualmente por economistas ocidentais e do antigo Leste europeu, é que o grande crescimento econômico das décadas de 1930 a 60 (e mesmo depois), foi realizado tendo por base, principalmente, um crescimento extensivo da economia (SEGRILLO, 2000b, p. 80).

Fernandes, por sua vez, afirma:

Os dois planos quinquenais do imediato pós-guerra na URSS (o quarto, de 1946 a 1950, e o quinto, de 1951 a 1955) foram marcados pelo gigantesco esforço de reconstrução da economia que havia sido devastada. A média anual de crescimento econômico continuou bastante elevada [...] Este crescimento continuou se baseando no desenvolvimento extensivo da economia (FERNANDES, 1992, p. 125).

Blackburn (2005, p. 143) atesta que “A importação maciça de tecnologia ocidental, nos anos 30 e 40, consistiu a base do crescimento soviético até o final dos anos 50.”

Allen (2003, p. 190), por fim, afirma que “From the 1920s to the 1960s, the essential tasks were mobilizing unemployed farm workers and providing them with capital. Stalin’s were well suited to that purpose.”

Assim, as taxas de crescimento econômico experimentadas pela URSS durante a década de 1950, embora ligeiramente mais baixas que as experimentadas durante o período de importação maciça de tecnologia, foram sustentadas pelo produto do antigo motor do desenvolvimento tecnológico.

5.3 A ECONOMIA SOVIÉTICA EM DESACELERAÇÃO: A AUSÊNCIA DE UM MOTOR DO DESENVOLVIMENTO:

A replicação da tecnologia importada do mundo capitalista propiciou não só um considerável crescimento absoluto da produtividade do trabalho na URSS, como também um considerável crescimento relativo (se comparado aos países capitalistas) durante o período de crescimento acelerado (até o final da década de 1950). Contudo, como vimos, a criação do COCOM em 1949 dificulta sensivelmente a absorção da tecnologia dos países capitalistas centrais por parte da União Soviética e esta fica por “conta própria”. Embora o modelo de crescimento extensivo ainda consiga manter um ritmo de crescimento econômico elevado (década de 1950), logo a necessidade da implementação de inovações tecnológicas na economia se manifesta através da redução das taxas de crescimento econômico. Ao que tudo indica, no entanto, o crescimento intensivo desenvolvido dentro do território soviético ou importado⁷⁴ não foi suficiente para manter as altas taxas de crescimento econômico.

Na segunda metade do século XX, o principal alicerce dos aumentos de produtividade nos países capitalistas centrais era a substituição da base técnica eletromecânica pela base técnica eletrônica, que se tornou possível após a invenção dos computadores. Através do acoplamento de fitas de computadores pré-programadas (Controle Numérico) às Máquinas-ferramentas convencionais, estas máquinas passavam a produzir os produtos sem que precisassem ser manejadas por um operador. Criaram-se, assim, equipamentos como a Máquina-ferramenta de Controle Numérico (MFCN) e a Máquina-ferramenta de Controle Numérico por Computador (MFCNC). O programa contido nas fitas acopladas às máquinas estabelecia detalhadamente os movimentos que deveriam ser feitos por elas, restando ao trabalhador apenas a tarefa de fiscalizar o andamento da produção, para o caso de ocorrerem falhas. Desta forma, um único indivíduo era capaz de operar várias máquinas ao mesmo tempo, visto que sua função era apenas ligá-las e fiscalizá-las. Este tipo de invenção ficou conhecido como “automação com um toque humano” (OHNO, 1997, p. 27) e gerava elevados aumentos de produtividade do trabalho.

⁷⁴ Mesmo após a criação do COCOM, muitas vezes era interessante para alguns países desrespeitarem suas regras e a URSS conseguia importar alguma tecnologia (provavelmente não muito avançada), mas em quantidade bastante reduzida, como demonstram os dados da tabela 23;

Uma amostra do poder de aumento de produtividade que se podia alcançar com este tipo de tecnologia é dada pela chamada Linha Transfert ou Automatização tipo Detroit. Esta era composta por uma séria de máquinas conectadas por uma linha transportadora. Inicialmente implementada nos setores de usinagem automobilística, a linha transportadora levava os blocos de motores de uma máquina a outra, onde eram automaticamente cortados, polidos, e etc., sem uma intervenção humana. Desta forma, o ciclo de operações de trabalho em um bloco de motor caiu, de 9 horas, para 14,6 minutos! (CORIAT, 1990, p. 40 apud SEGRILLO, 200b, p. 42).

Estas, no entanto, não eram as únicas vantagens propiciadas por esta nova base tecnológica. O fato de as máquinas serem operadas por fitas de computadores pré-programadas tornava possível que, através apenas da troca do Controle Numérico, estas máquinas passassem a realizar operações completamente distintas, não requerendo mais o treinamento de cada um dos trabalhadores que fossem operá-las. Isto facilitava em grande medida o aumento do número de modelos diversos de um mesmo tipo de produto, um carro, por exemplo.

Como dissemos anteriormente, entretanto, foi a invenção dos computadores que tornou possível a criação desta base tecnológica. O programa de desenvolvimento de computadores na União Soviética durante muito tempo manteve certa paridade com os projetos desenvolvidos nos países centrais como os EUA. Desde a década de 1940, a URSS mantinha um programa de desenvolvimento de computadores, com vários projetos tendo sido desenvolvidos na Academia de Ciências de Kiev, com o acadêmico S. A. Lebedev à frente. Em 1950, apenas 4 anos depois de os EUA lançarem seu primeiro computador, o UNIAC, a URSS constrói seu próprio modelo, o MESM. Os soviéticos continuaram no desenvolvimento dos mainframes (computadores de grande porte), e a evolução destes projetos atingiu seu auge com a criação do BESM-6, um modelo de mainframe que podia realizar mais de 800 mil operações por minuto. Contudo, a partir daí, os projetos estagnaram, e o BESM-6 permaneceu como base da ciência da computação na URSS até meados da década de 1980 (CASTELLS, loc. cit. apud PAULINO, 2008, p. 180).

O problema, além disso, não estava apenas aí. A URSS acabou apostando no desenvolvimento dos mainframes e deixou de lado desenvolvimento dos

microcomputadores ou computadores pessoais (PC's), que são até hoje parte importante das forças produtivas. Como consequência disto,

[...] ao constatarem [...] que, já na década de 70, estavam perdendo a corrida tecnológica, praticamente abandonaram seu programa de desenvolvimento próprio na área da microeletrônica e da computação e, vendo a fronteira tecnológica afastar-se aceleradamente, embrenharam-se em uma maratona desenfreada por comprar, contrabandear, e copiar a tecnologia das indústrias capitalistas avançadas, principalmente dos Estados Unidos e Japão. Devidos às limitações tecnológicas de sua indústria, à produção interna insuficiente e à limitada capacidade de exportação da RDA, que produzia alguns tipos de computadores, os dirigentes soviéticos procuraram empresas norte-americanas e britânicas com o objetivo de importar em grande escala seus modelos de computadores pessoais; na época, os IBM PC-At ou Apple-Macintosh (PAULINO, 2008, p. 181).

Enquanto nos EUA e no Japão praticamente 100% das empresas de grande porte (acima de 500 trabalhadores) dispunham de computadores, apenas 35% delas os possuíam na URSS (MANDEL, 1989, p. 26 apud PAULINO, 2008, p. 179).

O atraso das forças produtivas da URSS em relação aos demais países capitalistas, em particular em relação aos países capitalistas centrais era evidente na primeira metade do século XX. Esta diferença, no entanto, estava progressivamente sendo eliminada, com a produtividade social do trabalho soviética (PML dividido pelo número de trabalhadores na esfera de produção material) aumentando a uma velocidade muito maior do que a produtividade do trabalho no mundo capitalista. É um fato que, ainda no final da década de 1950, o atraso tecnológico da URSS era grande se comparado aos países capitalistas centrais, o que é denotado pela estrutura do seu comércio internacional e pelo seu nível de produtividade do trabalho (ver tabelas 23 e 24), entretanto, se sua indústria continuasse a desenvolver-se no mesmo ritmo, esta defasagem rapidamente seria superada. Com o fraco desenvolvimento dos projetos de microeletrônica e de computadores na URSS, contudo, não foi estruturada a base necessária para um desenvolvimento acelerado das forças produtivas sociais (agora com a base técnica eletrônica) que culminou numa estagnação das forças produtivas soviéticas em relação às forças produtivas do mundo capitalista (ver tabela 24). O que afirmamos aqui é atestado pelos dados que seguem:

TABELA 23 – COMPOSIÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO DA URSS COM PAÍSES CAPITALISTAS (em milhões de dólares):

Categoria	Anos	Exportação	Importação	Saldo
Alimentos	1958	47,9	51,1	-3,2
	1959	103,3	35,3	68,0
	1960	83,4	43,0	40,4
Gorduras e Óleos	1958	0,2	4,0	-3,8
	1959	0,4	3,3	-2,9
	1960	2,5	4,1	-1,6
Matérias-primas	1958	78,6	31,1	47,5
	1959	102,3	21,7	80,6
	1960	138,2	63,6	74,6
Combustíveis Minerais e Lubrificantes	1958	94,3	0,0	94,3
	1959	133,5	0,2	133,3
	1960	155,0	0,0	155,0
Produção Química	1958	12,6	13,0	-0,4
	1959	12,9	11,1	1,8
	1960	23,8	28,1	-4,3
Maquinaria e Equipamentos de Transporte	1958	18,0	73,9	-55,9
	1959	14,3	98,2	-83,9
	1960	19,6	174,0	-154,4
Outros Produtos Manufaturados	1958	73,4	105,4	-32,0
	1959	59,7	98,3	-38,6
	1960	79,1	175,6	-96,5
Total	1958	325,0	277,5	47,5
	1959	426,5	268,1	158,4
	1960	501,7	488,4	13,3

Fonte: UNITED NATIONS, Commodity Trade Statistics, Statistical Papers, Serie D, January-June 1960 apud UNITED NATIONS – DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, World Economic Survey 1960, New York: 1961, p. 233 e elaboração própria (última coluna).

TABELA 24 – PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NAS ECONOMIAS SOVIÉTICA, ESTADUNIDENSE E JAPONESA (relativamente a média da produtividade do trabalho dos países capitalistas industrializados, com esta média igual a 100)⁷⁵:

	1913	1920	1929	1938	1950	1986
P.C.I. ⁷⁶	100	100	100	100	100	100
URSS (geral)	23	9	19	29	40	41
EUA (geral)	175	185	180	175	240	145
Japão (geral)	35	45	50	50	33	85
URSS (Indústria)	25	7	20	34	36	58
EUA (indústria)	145	170	160	145	180	130
Japão (indústria)	15	25	30	45	20	90
URSS (agricultura)	26	16	27	28	25	20
EUA (agricultura)	175	180	180	200	325	200
Japão (agricultura)	35	37	37	36	35	37

Fonte: BOLOTIN, B. *Sovietskii Soyuz v Mirovoi Ekonomike* (A União Soviética na Economia Mundial). *Mirovaya Ekonomika i Mezhdunarodnye Otnosbeniya*. Moscow: n. 12, pp. 144, 146 e 148 apud Segrillo (2000b) p. 255.

A análise da tabela 24 em conjunto com as tabelas 25 e 26 que seguem, contudo, pode nos dar mais informações. A estagnação da produtividade social do trabalho da URSS em relação ao mundo capitalista se dá por dois fatores. O primeiro deles não diz respeito a URSS em si⁷⁷. Se observarmos a evolução da produtividade do trabalho do Japão e dos EUA, podemos concluir que provavelmente ocorreu uma redução da produtividade do trabalho nos países capitalistas que foram cenário da guerra, uma vez que a produtividade do trabalho dos EUA aumenta consideravelmente em relação a média dos países capitalistas de 1938 a 1950, enquanto que a produtividade da economia japonesa diminui no período. O movimento observado na economia japonesa, provavelmente verificou-se na economia europeia, o que explica a abrupta elevação deste indicador na economia americana. Com a rápida reconstrução da sua economia, a URSS conseguiu, portanto, “ganhar posições” na análise da produtividade do trabalho.

⁷⁵ Note que produtividade geral da URSS constitui o que lá se chamava produtividade social do trabalho (PML dividido pelo número de trabalhadores na esfera produtiva), diferentemente do conceito de produtividade no mundo ocidental (PNB dividido pelo número de trabalhadores da economia);

⁷⁶ Países Capitalistas Industrializados;

⁷⁷ Talvez guarde alguma relação na medida em que esta colaborou com o processo de industrialização de alguns países capitalistas em desenvolvimento;

Continuando a análise dos dados da tabela 24, o período que vai de 1950 a 1986, demonstra dois movimentos: a provável recuperação dos países mais atingidos pela guerra e um maior crescimento da produtividade do trabalho nos demais países centrais capitalistas ou em desenvolvimento, visto que o indicador dos EUA cai bastante no período⁷⁸. Portanto, uma parte da estagnação da produtividade na economia soviética em relação aos países capitalistas se deve a estes fatores.

A análise das tabelas que seguem, no entanto, demonstra que a referida estagnação também se deve a desaceleração do crescimento da produtividade social do trabalho da URSS.

TABELA 25 – CRESCIMENTO ANUAL MÉDIO DA PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NA URSS, NOS EUA E NO JAPÃO (em porcentagem):

ANOS	1921-1929	1930-1938	1939-1950	1951-1986
URSS (geral)	12,98%	6,50%	4,67%	3,53%
EUA (geral)	2,96%	1,22%	4,64%	2,03%
Japão (geral)	4,09%	2,16%	-2,10%	6,46%
URSS (Indústria)	15,30%	5,84%	2,43%	4,17%
EUA (indústria)	3,55%	-1,84%	4,19%	1,82%
Japão (indústria)	5,03%	4,42%	-4,21%	6,93%
URSS (agricultura)	7,05%	2,12%	0,56%	3,58%
EUA (agricultura)	0,89%	3,03%	5,55%	2,87%
Japão (agricultura)	0,93%	1,27%	1,38%	4,39%

Fonte: Elaboração própria a partir de Bolotin, 1987, n. 12, pp. 144, 146 e 148 apud Segrillo, 2000b, p. 256.

⁷⁸ Parte desta queda também é explicada por uma redução da taxa de crescimento da produtividade do trabalho na economia estadunidense;

TABELA 26 – CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NA URSS (em porcentagem)⁷⁹:

Anos	Taxa de Crescimento
1949	13,0%
1950	13,0%
1951	10,0%
1952	7,0%
1953	6,0%
1954	7,0%
1955	-
1956	7,0%
1957	6,5%
1958	6,0%
1959	7,4%
1960	5,0%
1961	-
1962	-
1963	-
1964	-
1965	-
1966	5,8%
1967	
1968	
1969	
1970	
1971	3,3%
1972	
1973	
1974	
1975	
1976	3,2%
1977	
1978	
1979	
1980	
1981	2,6%

⁷⁹ As taxas que representam mais de um ano correspondem a taxas anuais médias de crescimento;

Anos	Taxa de Crescimento
1982	3,2%
1983	3,7%
1984	2,8%
1985	3,4%
1986	2,1%
1987	1,6%
1988	4,8%

Fonte: elaborado pelo autor a partir de UNITED NATIONS – DEPARTAMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, World Economic Survey 1955, New York: 1956, p. 100, UNITED NATIONS – DEPARTAMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, World Economic Survey 1960, New York: 1961, p. 224, UNITED NATIONS – DEPARTAMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, World Economic Survey 1990: current trends and policies in the world economy. New York: 1990, p. 124.

TABELA 27 – CRESCIMENTO ANUAL MÉDIO DA PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NA URSS (em porcentagem):

	1966-1970	1971-1975	1976-1980	1981-1985
Geral	6,8%	4,5%	3,3%	2,7%
Indústria	5,8%	6,0%	3,2%	3,0%
Agricultura	5,4%	4,0%	2,6%	1,5%

Fonte: Narkhoz, 1988, p. 62 apud Segrillo, 2000b, p. 257.

O fato de a criação do COCOM tenha dificultado bastante a importação de tecnologia avançada dos países centrais atesta que, após a ocorrência do fato, em sua grande maioria, o crescimento intensivo na União Soviética era desenvolvido internamente, com base em novas tecnologias criadas dentro dos seus limites. Entretanto, pela análise dos dados, atestamos que as novas tecnologias criadas dentro da URSS não foram suficientes para manter o nível de crescimento da produtividade do trabalho, que começou a diminuir. Concomitantemente, o crescimento econômico propiciado pelo crescimento extensivo da economia era cada vez menor, pois os limites deste tipo de crescimento se impunham cada vez mais. Estes limites, por sua vez, podem ser atestados a partir dos seguintes dados:

TABELA 28 – EVOLUÇÃO DA ECONOMIA SOVIÉTICA (taxas de crescimento dos indicadores no quinquênio em porcentagem):

INDICADORES	QUINQUÊNIOS				
	VII (1961-1965)	VIII (1966-1970)	IX (1971-1975)	X (1976-1980)	XI (1981-1985)
Rendimentos Nacionais Afectos ao Consumo e a actualização	32	41	28	21	16,5
Rendimentos Reais Por Habitante	19	33	24	18	11
Recursos					
Capital Fixo Produtivo	59	48	52	43	37
Investimento Produtivo	-	-	44	23	17
Produção das Indústrias Extractivas	32	28	25	10	8
Emprego nos Ramos Produtivos	6,5	6	6	6	2
Eficácia da Produção Social					
Produtividade do Trabalho Social	24	33	21	14	14

Fonte: Aganbeguian (1988, pp. 78 e 92).

A partir destes dados e de outros que forneceremos a seguir, analisemos a possibilidade de expansão dos recursos produtivos na União Soviética.

O crescimento do emprego nos ramos produtivos, após estacionar durante três quinquênios, acabou diminuindo significativamente no XI quinquênio. Todavia, somente com a taxa de crescimento do emprego nos ramos produtivos não podemos afirmar que o emprego de força de trabalho estava chegando aos seus limites. O crescimento deste número pode estar diminuindo apenas pelo fato de que não estão sendo criados empregos. Todavia, Allen afirma que:

In the 1970s, a Gosplan research director reported that 10-12 percent of the increment in real fixed capital was unutilized due to a shortage of labor (Runner 1989, p. 202), and that proportion could only have increased in the 1980s. The capital stock rose without a corresponding rise in GDP because there was no labor to operate the new capacity (ALLEN, 2003, p. 194).

Aganbeguian (1988, p. 79) afirma que a quantidade de pessoas em idade de trabalhar (homens de 16 a 60 anos e mulheres de 16 a 55 anos), que normalmente aumentava na magnitude de 10 a 11 milhões de pessoas, aumentou em apenas 3,5 milhões de pessoas no XI quinquênio. Além disso, tal aumento deve-se principalmente

ao crescimento da população nas regiões menos desenvolvidas da URSS (Ásia Central e Azerbaijão). Na Rússia, Bielorrússia, Ucrânia e nas regiões bálticas o número não aumentou, chegando inclusive a diminuir em algumas regiões.

A razão para isto nos é apresentada por Aganbeguian:

A partir dos anos 1981-1985, o país sofre as consequências da ruptura demográfica devida à guerra. Nos anos 80 são os filhos de pais nascidos durante a guerra que atingem a idade de trabalhar. Como a natalidade diminui durante a guerra, o número de pais é inferior às outras gerações e, por conseguinte, há menos filhos, o que explica que o número de jovens atingindo a idade de trabalhar seja mais fraco (AGANBEGUIAN, 1988, pp. 98 e 79).

Mesmo sabendo que a diminuição do crescimento do número de pessoas que atingem a idade de trabalhar deveu-se à guerra, não podemos deixar de assinalar que os limites do crescimento da força de trabalho na URSS apenas impuseram-se mais cedo.

Quanto à agricultura, a análise deve ser conduzida de uma forma um pouco diferente. Primeiramente porque sabemos que a demanda por alimentos tem limites óbvios: as necessidades da população, as quais regerão a expansão agrícola. Em segundo lugar, porque a expansão agrícola, além de depender das necessidades da população, dependerá também de um cálculo econômico. Uma vez que a demanda por alimentos não é como a demanda pelos demais tipos de produtos manufaturados, por exemplo, ou seja, ela é mais estável e seu crescimento dependerá do crescimento da população, não é arriscado substituir sua produção interna por importação. Esta estratégia pode ser até mais vantajosa para o país, caso esta importação seja alimentada pela exportação de tecnologia ou manufaturados, visto que os produtos agrícolas agregam pouco valor, enquanto o contrário ocorre com os demais mencionados, o que faz com que seja demandada uma pequena quantidade das receitas de exportação.

A tabela 29 apresentada a seguir contém dados sobre o crescimento da produção agrícola soviética e a evolução do investimento. Em primeiro lugar, devemos atribuir parte das variações na produção a fatores naturais (clima, etc.), sendo a instabilidade na produção típica da agricultura. Apesar dos dados do último período, pode-se perceber uma tendência a desaceleração na produção. Atesta-se também uma

redução do investimento no período. Portanto, estes dados não denotam o esgotamento do crescimento extensivo⁸⁰.

Sabe-se, no entanto, que por volta da década de 1970 a URSS começou a importar cereais de outros países, com os produtos agrícolas constituindo 20% das suas importações. Estas eram financiadas, principalmente pela exportação de petróleo e demais fontes energéticas, que constituíam mais da metade das exportações soviéticas (AGANBEGUIAN, 1988, p. 153). Dado o nível de produtividade das terras soviéticas e a perspectiva de crescimento das receitas de exportação e da necessidade de importação de alimentos, esta poderia ser uma estratégia mais vantajosa para os soviéticos do que insistir na expansão das terras, partindo para o cultivo de terras menos produtivas. Dados apresentados por Allen (2003, p. 190) demonstram que, até 1960, progredia uma certa expansão das áreas cultivadas na URSS. No período de 1928-1940 e 1950-1960 a área cultivada expandiu-se a um ritmo anual de 1,6% e 3,3%, respectivamente. Até que, em 1975, iniciou-se um processo de desaceleração deste ritmo de expansão com as taxas de crescimento anual média da área cultivada sendo 0,2% em 1960-1970 e 1,0% em 1970-1975. A partir daí, inicia-se um processo de diminuição desta área a um ritmo de decrescimento anual de 0,1%. Desta forma, o decrescimento das áreas cultivadas só comprava o que dissemos acerca da estratégia do PCUS quanto à importação de gêneros alimentícios e o esgotamento do crescimento extensivo agrícola não pode ser atestado.

⁸⁰ Nem mesmo um crescimento do investimento acompanhado de uma queda na produção poderia denotar isso com plena certeza, visto que há investimento destinado apenas a substituição de trabalhadores pela máquina na agricultura, investimentos estes que produzem um impacto residual na produção relacionado à diminuição do desperdício;

TABELA 29 – A EVOLUÇÃO DA AGRICULTURA SOVIÉTICA (participação e crescimento em porcentagem e valores brutos em milhões de rublos de 1983):

	1918- 1940	1941- 1955	1956- 1960	1961- 1965	1966- 1970	1971- 1975	1976- 1980	1981- 1985
Renda Nacional Gerada (em bilhões de rublos)	-	-	-	206,5	301,5	348,2	380,9	483,7
Variação da Renda Nacional Gerada	-	-	-	-	46,00%	15,49%	9,39%	26,99%
Participação da Agricultura na Renda Nacional	-	-	-	21,6%	21,8%	18,9%	16,6%	17,9%
Investimento Produtivo Direto	-	-	-	42,3	66,7	111,2	143,2	156,2
Variação do Investimento Produtivo Direto	-	-	-	-	57,68%	66,72%	28,78%	9,08%
Participação do Investimento Produtivo Direto na Renda Nacional	11,3%	-	13,9%	15,2%	16,7%	19,8%	20,0%	18,5%
Investimento Produtivo Direto e Indireto				56,9	96,2	152,8	199,6	227,2
Variação do Investimento Produtivo Direto e Indireto					69,07%	58,84%	30,63%	13,83%
Participação do Investimento Produtivo Direto e Indireto no Investimento Total	-	-	-	20,0%	24,0%	27,0%	28,0%	27,0%

Fonte: Narkhoz za 70 let. Pp. 275 e 328-329; Natsional'nyi Dokbod po Otyaslyam Narodnogo Khozyaistva (Renda Nacional por Setor da Economia) do Narkhoz de cada ano; Bolotin, n. 11, p. 147 apud Segrillo, 2000b, p. 279 e elaboração própria (linha destacada) a partir da fonte citada.

Já os recursos naturais da URSS parecem gradativamente impor limites cada vez maiores ao crescimento extensivo. Voltando a análise dos dados da tabela 28, observamos que o crescimento da produção das indústrias extrativas na URSS desacelera a cada quinquênio. Mesmo com a aceleração do crescimento do investimento em capital fixo produtivo do VIII para o IX quinquênio, ocorre uma desaceleração do crescimento da produção extrativa, que chega a um crescimento anual médio de 1,55% no XI quinquênio. Ao comentar o ritmo de exploração dos recursos naturais na URSS, Aganbeguian indica a razão para esta desaceleração do crescimento da produção extrativa:

A este ritmo, as boas jazidas, as camadas e os terrenos propícios esgotam-se depressa e, para manter os níveis anteriores de produção, é preciso deslocar-se para novas jazidas de acesso difícil e atingir camadas mais profundas e, portanto, com condições de extração mais duras. Isto explica a baixa do caudal de petróleo, da produção de ferro e de minérios ferrosos (AGANBEGUIAN, 1988, pp. 80 e 81).

Allen (2003) apresenta uma série de dados que comprovam as afirmações de Aganbeguian. Segundo estes dados, na extração de minérios, a cada ano, a exploração tornava-se de 5 a 12 metros mais profunda. Entre 1976 e 1980, a parte da produção total de minérios correspondente a minas de menos de 200 metros de profundidade caiu de 74% a 58% e a percentagem de ferro contido no que era extraído da terra caiu de 44,5% para 34,7%. De 1977 a 1982, a quantidade de rochas que precisavam ser removidas para a extração de uma tonelada de minério subiu de 5 para 8 toneladas. Na extração de carvão, entre 1975 e 1985, o estoque de capital aumentou 64%, o emprego 25% enquanto que o carvão extraído aumentou apenas 4%. No mesmo período, a indústria de petróleo aumentou o estoque de capital em 245%, o emprego em 25% e sua produção caiu 21% (ALLEN, 2003, pp. 203 e 204).

No que tange ao investimento em capital fixo, podemos observar, através dos dados da tabela 28, que do VII para o VIII quinquênio, apesar de uma diminuição da taxa de crescimento quinquenal do capital fixo produtivo, há um aumento da renda nacional soviética fruto de um maior crescimento da produtividade social do trabalho. Daí em diante, os dados indicam que diminui cada vez mais o impacto do acréscimo de capital na economia. A partir da tabela 30, observamos que a relação Crescimento da Renda Nacional/Crescimento do Capital Fixo Produtivo, após aumentar do VII para o VIII quinquênio, apenas diminui nos quinquênios seguintes. Além disso, note que apesar da relação entre a renda nacional e investimento produtivo crescer muito no X quinquênio, este crescimento já diminui no quinquênio seguinte.

TABELA 30 – RELAÇÃO ENTRE A RENDA NACIONAL E O INVESTIMENTO EM CAPITAL FIXO E O INVESTIMENTO PRODUTIVO, E CRESCIMENTO DOS ÍNDICES:

	VII (1961-1965)	VIII (1966-1970)	IX (1971-1975)	X (1976-1980)	XI (1981-1985)
RN/CF	0,54	0,85	0,54	0,49	0,45
Variação de RN/CF	-	57,49%	-36,96%	-9,30%	-8,69%
RN/IP	-	-	0,64	0,91	0,97
Variação de RN/IP	-	-	-	43,48%	6,30%

Fonte: elaboração própria a partir da tabela 28.

Com a afirmação que fizemos acerca do investimento em capital fixo produtivo não queremos apontar que o crescimento econômico depende exclusivamente deste e sim precisamente o contrário. É exatamente pelo de que o crescimento econômico depende dos demais fatores que há limites para o acréscimo de capital fixo.

Assim, diante de tudo que foi exposto na presente seção, podemos concluir que a partir da criação do COCOM em 1949, desapareceu o motor do crescimento intensivo da economia soviética até então em funcionamento e não foi originado nenhum outro, o que fez com que este tipo de crescimento desacelerasse, desaceleração esta que se manifestou através da redução do crescimento da produtividade do trabalho na URSS. Concomitantemente, os limites do crescimento extensivo foram se impondo cada vez mais. Foram, portanto, o fraco crescimento intensivo e a redução do impacto do crescimento extensivo que fizeram com que a economia soviética desacelerasse progressivamente durante o restante da sua existência.

É necessário, no entanto, responder a uma questão: que tipo de dificuldades se impunha ao crescimento intensivo na URSS? Responderemos a esta pergunta na próxima seção do presente capítulo.

5.4 OS EMPECILHOS AO CRESCIMENTO INTENSIVO:

A primeira pergunta que provavelmente vem à mente do leitor ao adentrarmos neste tema é: seria impossível para uma nação socialista desenvolver continuamente novas tecnologias? Nossa resposta é não. Para justificá-la, por sua vez, não se torna

necessário discutir teoricamente se é ou não intrínseco ao regime socialista o fraco desenvolvimento de novas tecnologias. Para tanto, apenas uma apreciação da experiência soviética nos fornece uma base para esta resposta.

No capítulo 4 do presente trabalho, mais precisamente no ponto 4.4, demonstramos que foram as armas produzidas dentro da União Soviética que tornaram possível a vitória contra o exército de Hitler. O desenvolvimento das tecnologias militares na URSS é reconhecido por vários estudiosos e não estagnou após a Segunda Guerra mundial. O desenvolvimento das armas atômicas e o alcance da paridade nuclear com os EUA são um exemplo disto.

Além disso, a URSS trabalhava sempre com tecnologia de ponta no que concerne a aviação espacial, o que a fez sair na frente na corrida espacial. Este país não só lançou o primeiro satélite espacial, o Sputnik (1957), como pôs o primeiro ser humano em órbita da Terra, o cosmonauta Iuri Gagarin (1961), e lançou a primeira estação espacial, a Salyut (1971). Mesmo não tendo enviado um ser humano à lua, uma das suas naves da série Lunik orbitou este satélite e fincou a bandeira da URSS neste, além de coletar amostras de rochas lunares e trazê-las à Terra para estudos.

Isto demonstra, portanto, que não só não é impossível desenvolver novas tecnologias sob o regime socialista, como também demonstra que a União Soviética era bastante desenvolvida no campo da ciência. Contudo, o desenvolvimento seguido de aplicação de novas tecnologias na indústria de produção civil, como vimos, não foi suficientemente grande neste país. Surge, portanto, a pergunta: porque a União Soviética conseguiu desenvolver-se tanto na área militar, mas o mesmo não ocorreu na produção civil?

Desde a revolução de outubro de 1917, a Rússia e posteriormente a URSS não só estavam sob constante ameaça de um ataque militar das forças imperialistas, como de fato foi atacada em mais de uma ocasião. Para a liderança soviética, portanto, a sobrevivência do regime socialista dependia em grande medida da sua capacidade de desenvolver-se na área militar para defender-se dos ataques de nações capitalistas. Isto se constituía, portanto, no motor do desenvolvimento da produção militar. Já o caso da produção civil, era bastante diferente.

Sabemos que o desenvolvimento intensivo pode se dar não só através do desenvolvimento de tecnologias que gerem aumentos de produtividade, como também da melhoria da qualidade dos produtos já existentes. Analisemos, pois, as duas questões começando pela última.

Já mencionamos no presente trabalho que o poder soviético tinha consciência da importância do intercâmbio com os países capitalistas desenvolvidos, na medida em que este servisse à modernização da produção socialista. Foi este comportamento que fez com que a União Soviética buscasse inspiração no método de produção capitalista mais desenvolvido para estruturar sua própria produção. De acordo com Lênin:

A tarefa que o governo soviético tem que colocar às pessoas é aprender a trabalhar [eficientemente]. O sistema taylorista, a última palavra do capitalismo a este respeito, como todo progresso capitalista, é uma combinação da brutalidade refinada da exploração burguesa e um grande número de avanços científicos no campo da análise de movimento mecânicos durante o trabalho, a eliminação de movimento supérfluos e desajeitados, e a elaboração de métodos corretos de trabalho, a introdução do melhor sistema de controle, contabilidade etc. A República soviética precisa, a qualquer custo, adotar tudo o que é valioso nos progressos da ciência e tecnologia neste campo. A possibilidade de construirmos o socialismo depende do nosso sucesso em combinar o poder soviético e a administração organizativa soviética com os principais avanços do capitalismo atual. Nos precisamos organizar na Rússia o estudo e o ensino do sistema taylorista e sistematicamente experimentá-lo e adaptá-lo às nossas finalidades (Citado por SEGRILLO, 2000b, p. 86).

Com base nisto, o modelo soviético inspirou-se, não só no taylorismo, como também no método fordista de produção.

Nestes métodos de produção, por sua vez, era inconcebível parar o processo de produção independente do motivo (e só os gerentes tinham a autoridade de parar o processo produtivo), pois a produção continuada e em larga escala era o segredo da redução dos custos de produção dos produtos. Por este motivo, o controle da qualidade dos produtos era feito ao término do processo produtivo, através de inspeções do produto final que eliminavam os produtos defeituosos. A implementação dos métodos taylorista e fordista por parte da União Soviética, portanto, tinha por pressuposto adotar o mesmo estilo de controle de qualidade.

No capitalismo, a existência da contradição entre trabalho privado e trabalho social⁸¹ faz com que os capitalistas, para manterem uma fiel parcela do mercado, sejam rigorosos com o controle da qualidade dos seus produtos, pois caso a qualidades destes não seja equivalente a dos produtos dos seus concorrentes, empresa perderá parcela do mercado e até seus produtos livres de defeitos podem ser considerados, pelos agentes econômicos, trabalho social desperdiçado. Como este raciocínio é generalizado neste modo de produção, o desperdício de uma parte da produção acaba sendo incorporado no preço de produção de mercado do produto.

No regime socialista, as coisas se processam de uma maneira diferente. Neste regime, desaparece a contradição entre trabalho privado e trabalho social, estes passam a formar apenas uma unidade, o que faz com que todo trabalho privado seja imediatamente social, visto que o objetivo da produção não é produzir lucro, mas sim atender às necessidades da sociedade. Como, no regime socialista da URSS, em vários aspectos as necessidades da população ainda não haviam sido completamente atendidas, o controle de qualidade dos produtos era menos rigoroso do que no modo de produção capitalista, visto que mesmo o atendimento parcial das necessidades (com um produto que não funcionasse perfeitamente bem ou que não demorasse a necessitar de reparos) era considerado um avanço.

Foi neste sentido que o planejamento central estabeleceu o Val (*valovaya produktsiya* ou produção bruta) como um dos principais indicadores a serem alcançados pelas empresas durante a maior parte do período soviético.

Segundo Segrillo, no entanto, o problema na utilização do Val era que:

a ênfase no val fazia com que as empresas buscasse a todo custo o aumento da produção bruta. Este 'a todo custo' significava o que muitas vezes ocorria: a qualidade ser colocada em segundo plano em relação a quantidade (produtos com defeitos etc); haver uso excessivo, ou desperdício, de insumos (até a utilização proposital de materiais constitutivos mais pesados ou mais caros nos produtos, o que aumentava os índices da produção bruta na contabilidade do plano) (SEGRILLO, 2000b, p. 64).

No que tange ao aumento da produtividade do trabalho, o problema tinha outras origens.

⁸¹ O trabalho privado no capitalismo, para tornar-se trabalho socialmente aceito, deve passar pelo crivo do mercado. A este processo dá-se o nome de "salto mortal das mercadorias";

Vimos que o motor do aumento da produtividade do trabalho e do desenvolvimento intensivo da economia durante a industrialização da União Soviética, no período de crescimento acelerado, foi a importação de tecnologia do mundo capitalista. Esta prática, no entanto, foi extremamente dificultada após a criação do COCOM. Daí em diante, era necessário que a tecnologia passasse a ser desenvolvida internamente na URSS. Isto foi feito em alguma medida, visto que a produtividade do trabalho continuou a crescer a ritmos médios, contudo dificuldades se impunham ao desenvolvimento interno de novas tecnologias. Estas dificuldades, por sua vez, não foram geradas após o desaparecimento do antigo motor do desenvolvimento da economia soviética, elas já existiam desde o período de crescimento acelerado, apenas não se manifestavam, visto que a tecnologia era em sua grande maioria desenvolvida fora da URSS.

No Modo de Produção Capitalista, a concorrência entre os produtores cria um poderoso mecanismo de modernização no sistema: a procura intencional por novas técnicas. Esta procura ocorre, pois, ao elevar a produtividade de sua empresa, o capitalista passa a produzir produtos a um preço de produção individual menor que o preço de produção de mercado e, deste modo, auferir o que é chamado de superlucro, forma de manifestação da mais-valia extraordinária. Além disso, após a criação de uma nova técnica, conforme as empresas prosseguem adotando-a, aumenta a pressão para que as demais o façam, uma vez que baixa cada vez mais o preço de produção de mercado, reduzindo a lucratividade das empresas que não adotaram a técnica. Assim não só há um incentivo para a busca da modernização (superlucro) como também há um incentivo à adoção da modernização (sobrevivência da empresa).

No regime socialista, no entanto, não só não havia incentivo para a criação de novas tecnologias, como os elos entre os institutos de pesquisa e as empresas dificultavam a aplicação da tecnologia na economia.

Os mecanismos de incentivo do Modo de Produção Capitalista, assim como as demais relações de produção, eram gerados automaticamente no seio da sociedade sem que fosse necessário que um indivíduo determinado os idealizasse. Isto porque estas relações de produção não só correspondiam ao nível de desenvolvimento das forças produtivas como também eram determinadas por ela. Estas relações de

produção, ao final, geram uma superestrutura política, jurídica e ideológica que a elas correspondem.

Contudo, já afirmamos anteriormente que no Regime Socialista, os seres humanos tomam sob o seu controle as condições de livre desenvolvimento. Assim, a medida que evoluem as forças produtivas, estes podem intervir nas relações de produção para que sejam desfeitas quaisquer contradições parciais que se criem entre estas últimas e o nível de desenvolvimento das primeiras. Assim era uma tarefa dos membros do estado soviético, gerar, desenvolver relações socialistas de produção que incentivassem o aumento da produção e o desenvolvimento tecnológico.

Na pesquisa que realizamos, obtivemos relatos, na experiência soviética, de mecanismos que tinham por intenção aumentar a produção e incentivar a adoção de novas técnicas. Contudo, não encontramos nenhum mecanismo que incentivasse inovações, passíveis ou não de aplicabilidade produtiva. O emprego dos cientistas ou sua remuneração, por exemplo, até onde sabemos, não dependia nem da quantidade de invenções concebidas por eles, muito menos da quantidade destas invenções que eram passíveis de aplicação econômica.

Quanto aos mecanismos de aumento da produção e da implementação de novas técnicas, estes não se mostraram eficazes. Um dos primeiros mecanismos era uma premiação para os operários e dirigentes caso a empresa conseguisse ultrapassar a meta do plano para ela estabelecido. Dos vários indicadores calculados pelos planejadores, dois eram os principais: um índice de produção global e um índice de custos. Os prêmios dos operários dependiam do primeiro (se ultrapassado o índice de produção global do plano, eles eram premiados) e os dos dirigentes das empresas do último (se o seu índice de custos fosse menor que o do plano, eles eram premiados). Este mecanismo, no entanto, não surtiu efeito, pois na medida em que as empresas cumpriam os planos ou os ultrapassava, metas cada vez maiores e mais difíceis de alcançar eram elaboradas pelo GOSPLAN, visto que para a simplificação do sistema de planejamento, adotava-se a estratégia do “planejamento a partir do último patamar alcançado (*iskhodya iz dostignutogo urovnya*)” (SEGRILLO, 2000b, p. 67). Como resultado, para ultrapassarem os planos e ganharem os prêmios com maior facilidade, os dirigentes das empresas passaram a subestimar a capacidade de produção delas

nos relatórios enviados ao GOSPLAN, o que fazia com que as metas elaboradas fossem baixas.

Allen (2003) não só aponta exatamente o mesmo que foi apontado por Segrillo, como também aponta outros problemas com o mecanismo de planejamento. Ele afirma que:

So far as production is concerned, output quotas did give managers an incentive to expand production subject to two caveats. First, product quality was difficult to monitor so quality was sacrificed for quantity, and, second, managers had an incentive to hold back production in one year, so they would not reveal a great ability to produce that might lead to a higher output quota in the following year. The second adverse effect was reduced by shifting managers among enterprises. While output quotas could be self-defeating, they did tend to increase production. [...]

The impact of output quotas on input use, however, was counter-productive. [...] there was only an incentive to expand output and none to economize on costs. As a result, managers tried to hoard inputs (disguising their productive capacity), so they could easily meet future output targets and earn high bonuses. [...] Furthermore, there was no reason to economize on inputs that became more expensive (ALLEN, 2003, p. 206).

No que tange a questão da implementação de novas técnicas, com a produção da URSS organizada através de planos econômicos, a cada uma das empresas era fornecido um plano detalhado que dizia não só quanto, mas como produzir, que tipo de insumos utilizar, a quantidade a ser utilizada, que máquinas usar e etc. Assim:

Já era uma tarefa gigantesca planejar o funcionamento equilibrado de uma economia estática, funcionando no mesmo nível tecnológico. Mas, no meio do processo, ocorre o aparecimento de processos tecnológicos mais avançados que, se utilizados, necessitam de procedimentos diferentes, com outros insumos e processos sendo usados etc. Ficava difícil aos planejadores, centralizados em Moscou, longe da maioria das empresas produtoras, sem conhecer detalhes de seus processos produtivos, poderem controlar ou 'prever' estes desdobramentos. Isto levava a complicações burocráticas para a tomada de decisões rápidas sobre inovação tecnológica (SEGRILLO, 2000b, p. 68).

Além disso, conforme a economia soviética desenvolvia-se, aumentava o número de empresas participantes dos planos, a quantidade de tipos de processos produtivos e a complexidade destes processos. Assim, mesmo fossem desenvolvidas e testadas novas tecnologias na academia de ciências da União Soviética ou em institutos de pesquisa, a implantação destas era lenta, visto que demandavam ajustes

cada vez mais complexos nos planos das empresas nas quais seria adotada a nova tecnologia, nas empresas produtoras de meios de produção e na rede de distribuição dos meios de produção. Até mesmo o teste das novas tecnologias era difícil de ser realizado, uma vez que muitos institutos de pesquisa não tinham uma base de produção para fabricar alguns equipamentos para serem testados. Para tanto, era preciso fazer encomendas a fábricas produtoras de meios de produção, que já estavam operando em plena capacidade e deveriam ajustar-se para a produção de uns poucos exemplares de máquinas.

Em meados da década de 1950, portanto, a União Soviética encontrava-se numa situação onde não possuía incentivos eficazes ao aumento da produção, à implementação de novas tecnologias ou ao desenvolvimento delas. Todavia, foi na tentativa de resolver o problema que a situação agravou-se. Da análise que fizemos acerca das reformas estruturais feitas na URSS, se desprende o seguinte.

As primeiras reformas estruturais ocorridas na URSS foram levadas a cabo por Krushev e sua equipe. Em resumo, elas eram uma tentativa de tornar mais horizontal o planejamento econômico soviético..

Após isto, as reformas de Kosseguin tentaram descentralizar as decisões relacionadas à produção por outras vias: aumentando os poderes dos dirigentes das empresas. Em paralelo, adicionaram mecanismos semelhantes aos mecanismos de mercado capitalistas para incentivar o melhoramento do desempenho nas fábricas e a implementação de inovações.

A *Perestroika* continuou seguindo a mesma linha de pensamento das reformas de Kosseguin, aprofundando ainda mais a descentralização das decisões através do aumento dos poderes dos dirigentes e os incentivos pró-mercado.

Por trás destas reformas, no entanto, existe uma série de erros que ocasionaram uma série de conseqüências negativas ao desenvolvimento soviético.

O primeiro destes erros é um erro de análise cometido pelo PCUS. Do estudo que desenvolvemos no presente capítulo se desprende a conclusão de que o problema mais emergencial a ser resolvido era o desaparecimento da principal fonte de geração de novas tecnologias, a qual, até 1949, era a importação de tecnologia. Como não se podia mais “importar o desenvolvimento”, este precisava ser produzido internamente.

Havia chegado a hora, portanto, de por em prática todo o conhecimento científico desenvolvido na União Soviética até então e transformar os institutos de pesquisa soviéticos na nova fonte de desenvolvimento. Para tanto, havia alguns problemas que deveriam ser resolvidos.

Allen (2003, pp. 207 e 208) expõe uma crítica de Joe Berliner acerca da ligação entre os institutos de pesquisa da União Soviética e as fábricas desta. Apesar de apresentar algumas destas serem inócuas, uma das críticas apresentadas por ele fazia bastante sentido. Berliner aponta que não existia nenhum mecanismo que direcionasse as pesquisas dos institutos de pesquisa soviéticos em favor das necessidades produtivas. Isto, por sua vez, fazia com que uma boa parte das inovações que eram produzidas não pudesse ser aplicada por não atender, de forma completa, certas necessidades específicas das fábricas ou até mesmo não possuir qualquer aplicabilidade produtiva.

A crítica feita por Allen (2003, pp. 208 e 209) a este argumento se resume a um contra-argumento e à utilização de uns poucos exemplos isolados que devem ser desconsiderados, já que nada indica que representam a totalidade dos casos da economia. Quanto ao seu contra-argumento, Allen apenas afirma que existe um problema temporal na crítica de Berliner, uma vez que a estrutura de pesquisa tecnológica na URSS era a mesma desde os anos 1930. Assim sendo, se ela não mudou, não poderia ser a causa da desaceleração. Como, no entanto, não era a estrutura de pesquisa tecnológica que alimentava o crescimento nos anos de crescimento acelerado, o contra-argumento de Allen perde seu sentido.

Recuperando nossa linha de raciocínio, se o principal problema da URSS era gerar uma nova fonte de tecnologia para o desenvolvimento industrial, o principal foco das reformas na verdade deveria ser, primeiramente, o aumento da eficiência das inovações tecnológicas (através da busca de um meio de direcionar as pesquisas de forma que tivessem aplicabilidade produtiva) e, após isto, a busca de um mecanismo de estímulo à inovação. Ao invés disto, o PCUS concentrou seus esforços em estimular a implementação de inovações, que de nada adiantava sem a existência destas últimas.

O segundo e o terceiro erro consistiram no ato de levar a cabo a descentralização econômica e em uma análise errônea de desenvolvimento econômico

com base no paradigma do crescimento baseado em fatores extensivos e intensivos. O primeiro deles apenas agravou o problema do desenvolvimento, pois deixou de lado uma poderosa arma utilizada pela economia socialista: a planificação econômica, dificultando a coordenação dos produtores entre si e destes com os institutos de pesquisa. Além disso, o terceiro erro, combinado com o segundo, acabou gerando grandes desperdícios de recursos de investimento.

Para Gorbachev e sua equipe, Aganbeguian incluso, o crescimento intensivo ideal se dava através da modernização das empresas já existentes. A questão era assim posta por Aganbeguian:

Importa renunciar aos estereótipos econômicos do passado, que consistiam em considerar que o principal método para aumentar a produção era fazer coisas novas, enquanto muitas empresas em funcionamento há longos anos não eram reequipadas tecnicamente (AGANBEGUIAN, 1988, p. 112).

Este pensamento advinha do fato de que, segundo Aganbeguian (1988, p. 113), o gasto com reparos nas empresas havia “hipertrofiado”. Assim, ao invés de construir novas empresas e manter as antigas em operação, dever-se-ia reformar estas últimas.

Para alguns casos, este pensamento poderia ser verídico. Estes eram os casos onde a modernização da maquinaria não demandava muitas modificações na planta original da empresa, mas não era o que ocorria na maioria das vezes.

Allen afirma que:

Retrofitting new equipment was a much more expensive way to increase capacity than ‘green field’ investment. The problems are familiar to anyone who has renovated a bathroom: new equipment is intended for new installations and does not conform to the connections, power requirements, or placement of the old models. Space is often an important constraint. New equipment may operate at a higher volume of production, thus requiring a great flow of raw materials and finished product. This flow cannot be economically handled in the cramped confines of old facilities. For the same reason, the economies attainable from the integration of successive stages of production cannot be achieved when equipment is retrofitted. [...] These problems are all alleviated when new equipment is installed in new facilities. The economies are often enough to cover the cost of additional new structures: Gosplan, for instance, found that it cost 55 percent to increase capacity in old works than in green field projects (ALLEN, 2003, p. 201).

Diante disto, o crescimento da produtividade na URSS ou o seu crescimento com base em fatores intensivos acabou diminuindo, pois muitas das operações de modernização constituíam um desperdício de recursos. O planejamento centralizado destas ações certamente teria sido capaz de identificar quando a modernização uma fábrica antiga iria propiciar uma economia de recursos e quando isto não ocorreria. Caso não fosse vantajoso modernizar a fábrica antiga, a melhor estratégia seria desativá-las após a construção de novas fábricas, visto que o gasto com reparos havia hipertrofiado. No entanto, a desorganização tomou conta da economia soviética com as empresas sob o comando de seus dirigentes, e o planejamento econômico deixou de ser uma ferramenta de desenvolvimento da economia soviética.

O quarto e último erro consistiu em utilizar, como incentivos ao aumento da produção, da eficiência ou da implementação de inovações, mecanismos concorrenciais capitalistas. O problema com esta estratégia era que os mecanismos econômicos de incentivo a inovação, aumento da eficiência, etc., da economia capitalista estão todos interligados com várias outras relações de produção capitalistas. Esta interligação dá-se em tal grau que o funcionamento destes mecanismos está condicionado a existência de tais relações. Desta forma, para tentar fazer com que tais mecanismos funcionassem, o PCUS introduziu progressivamente relações de produção características do capitalismo, o que fez com que o conjunto das Relações de Produção soviéticas se distanciasse cada vez mais das comunistas. A instabilidade da forma de manifestação transitória, que parecia tender ao desaparecimento até os anos 1950, estava de volta. Estes mecanismos entravam em conflito com as relações de produção socialista ao passo que atraíam cada vez mais relações de produção capitalistas e geravam certa contradição entre as Relações de Produção em geral e as Forças Produtivas Sociais, que certamente dificultou a progressão do desenvolvimento destas últimas.

O conjunto destes erros do PCUS, desorganizando a produção socialista, não só não conseguiu fazer com que a produção de novas tecnologias internamente mantivesse a economia em desenvolvimento acelerado, como enfraqueceu esta produção.

Segundo Allen,

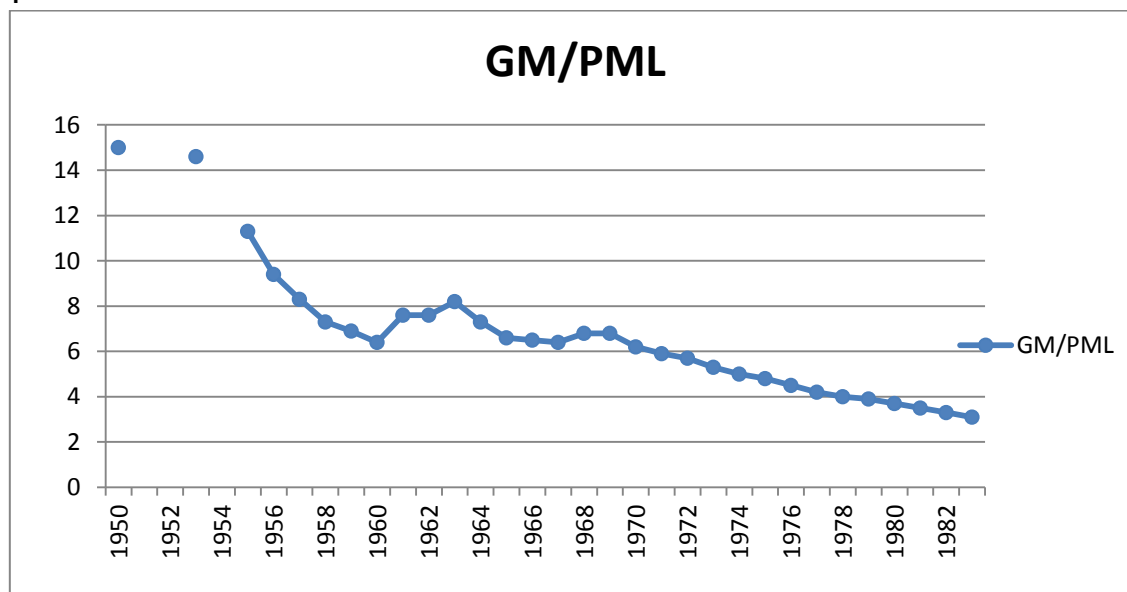
The Soviets did publish considerable statistics on the number of new prototypes brought into use. While such numbers are always hard to interpret, Kontorovich (1986, 1990) has argued that they indicate the volume of newly available technologies, and Amann (1986) has pressed them into service. They show a decline of absolute number of new inventions brought into use each year from the 1960s to 1985 (ALLEN, 2003, p. 209).

Ou seja, desde o início das reformas até a *Perestroika*, a quantidade de invenções realmente aplicadas na URSS diminuiu continuamente. Isto faz com que a queda continua na produtividade do trabalho soviética seja não só uma consequência da criação do COCOM, mas também do impacto provocado pelo desperdício de recursos em investimentos desnecessários e pela redução ininterrupta da inovação na URSS.

Por fim, devemos apontar a existência de um fator exógeno que agravou ainda mais esta situação: a corrida dos armamentos do período da Guerra Fria.

Vejamos os dados oficiais para os gastos militares soviéticos:

FIGURA 13 – GASTOS MILITARES SOVIÉTICOS EM PORCENTAGEM DO PML (em %)⁸²:



Fonte: Narkhoz de cada ano apud Paulino (2008, p. 356).

Se apreciarmos os dados acerca dos gastos militares soviéticos, atestaremos que, durante o período no qual ocorre a desaceleração da economia soviética, a

⁸² Sem contabilizar o item "defesa" do orçamento soviético;

proporção destes gastos no Produto Material Líquido cai continuamente. Isto poderia nos fazer pensar, portanto, que a corrida dos armamentos não ocasionou impacto algum no que tange ao desenvolvimento de novas tecnologias na URSS. Contudo, estes dados parecem apenas mistificar o que realmente ocorreu.

Allen afirma que Kontorovich dividiu as invenções aplicadas na economia em duas categorias: civil e militar. Ao analisar a queda no número de invenções aplicadas na produção, ele chega a conclusão de que “the fall was largely confined to the civilian sector.” (ALLEN, 2003, p. 209).

Allen afirma ainda que

These shifts in the output of the R&D sector reflect a reallocation of inputs to the military. According to Campbell (1990, pp. 141-42), the defense “ministries were absorbing the lion’s share of the resource increment in R&D” – in particular, technical employees – “in the decade preceding 1985, starving the civilian R&D function.” (ALLEN, 2003, p. 209).

Em resumo, desde os anos 1930, o planejamento econômico soviético possuía certas falhas que não estimulavam a produção de novas tecnologias e dificultavam a aplicação das produzidas. Estas falhas não eram evidentes, pois não eram as novas tecnologias produzidas internamente que sustentavam o crescimento acelerado e sim as importadas dos países capitalistas desenvolvidos. Uma vez desaparecida a possibilidade de manter esta importação, tais problemas começam a se manifestar sob a forma de uma desaceleração econômica e de uma queda no ritmo de crescimento da produtividade do trabalho. O PCUS não só não se focou no problema principal do planejamento, a falta de estímulo a inovação, como, devido à forma pela qual tentou resolver os demais, acabou reduzindo a inovação tecnológica da economia e agravando mais ainda a situação.

5.5 A SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO SOVIÉTICA:

Acreditamos que com o que desenvolvemos até agora, conseguimos cumprir com os objetivos do presente trabalho. Todavia, afirmamos anteriormente que temos

também a intenção de contribuir, de forma indireta, para o debate acerca das causas do colapso ou desmoronamento da União Soviética. Isto porque acreditamos que, mesmo não sendo nosso objetivo apontar as causas deste colapso, as informações por nós fornecidas acerca das causas da desaceleração na URSS serão úteis aos pesquisadores que discutirem o assunto.

Durante o nosso trabalho, mostramos um quadro econômico da URSS que, se não for analisado com atenção, pode gerar uma idéia distinta da realidade, a saber: que a desaceleração econômica ocasionou uma piora nas condições de vida da população soviética. Diante disto, decidimos, na presente seção, fazer uma análise destas, não só para eliminar qualquer confusão que possa ter sido gerada, mas também para contribuir ainda mais para o debate acerca do desmoronamento da URSS.

Em primeiro lugar, devemos mencionar que, embora o crescimento econômico da URSS estivesse desacelerando, de acordo com nossa exposição, os rendimentos reais por habitante continuavam crescendo até pelo menos 1989.

Este crescimento, por sua vez, também se traduzia no melhoramento das condições de vida da população, uma vez que, segundo dados (Narkhoz za 70 let. pp. 431 e 441) fornecidos por Segrilo (2000b, p. 261), os salários reais (descontando a inflação) na União Soviética cresceram 110% de 1960 a 1986, o que representa um crescimento anual médio de 2,89%.

Vimos que, durante o período de crescimento acelerado, apesar do que tentam provar alguns pesquisadores, o consumo per capita aumentou na URSS. Os dados da tabela 31 apresentada a seguir, por sua vez, dão mais consistência a tal afirmação:

Já durante o período da desaceleração, podemos ver, através dos dados da tabela 32, que o consumo alimentar da população continuou crescendo, a despeito de qualquer desaceleração ocorrida na agricultura soviética.

TABELA 31 – PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR HABITANTE:

	1913	1940	1957
Tecidos de todos os tipos (em m)	20	23	35
Calçados de couro (pares)	0,4	1,1	1,5
Relógios de todos os tipos (em unidades por 1000 habitantes)	5	15	115
Bicicletas (unid. Por 1000 habitantes)	0,04	1,3	16,3
Açúcar Moído (em Kg)	9,7	11,3	22
Artigos de Confeitaria (em Kg)	0,8	4,1	7,7
Azeite Vegetal (em Kg)	3,4	4,2	8,3
Concervas (em latas convencionais)	0,7	5,8	18,6

Fonte: Pravda, 10 de setembro de 1958 apud Dragulev (1961, p. 192).

TABELA 32 – CONSUMO ALIMENTAR ANUAL POR HABITANTE NA URSS:

Alimento (em kg)	1950	1960	1970	1975	1985	1986
Carne	26	40	48	54	61,7	62,5
Leite e Produtos Lácteos (em kg)	172	-	-	316	325	332
Ovos (em unidades)	60	-	-	216	260	265
Peixe e Produtos da Pesca (em kg)	7	-	-	17	18	18,4
Manteiga (em kg)	3	-	-	8	-	-
Açúcar (em kg)	12	-	-	41	-	44
Legumes (em kg)	51	-	-	89	-	103
Batatas (em kg)	241	-	-	120	-	108
Produtos Panificados (calculados em conteúdo de farinha, em kg)	172	-	-	141	-	133

Fonte: Aganbegian, 1988, pp. 190, 192 e 206.

Na tabela 33, apresentamos a construção, em milhões de metros quadrados, de moradias na URSS.

TABELA 33 – CONSTRUÇÃO DE HABITAÇÕES NA URSS (em milhões de m²)

Quinquênios	Área Construída
VIII (1966-1970)	519
IX (1971-1975)	545
X (1976-1980)	527
XI (1981-1985)	553

Fonte: Aganbegian, 1988, p. 196.

Pelos dados, vemos que a construção de habitações na URSS, ao contrário dos outros indicadores que apresentamos até agora, parece estagnar durante o período de

desaceleração. A quantidade de metros quadrados por habitante, que correspondia a 15m^2 em 1987, só aumentava de $0,1\text{m}^2$ a $0,2\text{m}^2$ por ano nesta época (AGANBEGUIAN, 1988, p. 197). Este movimento reflete a redução da participação deste tipo de construção no investimento soviético, conforme dados apresentados na tabela 34.

34 – PARTE DO INVESTIMENTO CONSAGRADA A CONSTRUÇÃO DE ALOJAMENTOS NA URSS, INCLUINDO ALOJAMENTOS PESSOAIS (em porcentagem do investimento total):

Quinquênios	Investimento
VI (1956-1960)	23,5%
VII (1961-1965)	18,6%
VIII (1966-1970)	17,2%
IX (1971-1975)	15,3%
X (1976-1980)	13,6%
XI (1981-1985)	14,0%

Fonte: Aganbeguian, 1988, p. 197.

É possível, portanto, que a desaceleração econômica, especialmente nos anos finais da URSS, tenha diminuído o ritmo de melhoria das condições de vida da população soviética. Contudo, tais condições continuaram a melhorar durante o período de desaceleração econômica, apenas estagnando em 1989.

6 CONCLUSÕES:

Dentro dos limites da análise acerca da evolução e da estrutura da economia soviética que desenvolvemos aqui, chegamos às seguintes conclusões.

Está confirmado que a economia soviética, a partir do início da década de 1960 entra em um processo de desaceleração. Este processo evolui gradativamente até que, em 1975, a economia soviética encontra-se em uma crise estrutural de crescimento. Esta crise estrutural, também de forma gradativa, evolui até que leva a economia soviética a uma situação de estagnação em 1989.

O processo de desaceleração foi desencadeado por uma combinação de fatores. O primeiro deles e mais importante foi o desaparecimento do motor do crescimento intensivo na economia soviética, que era a importação de tecnologia advinda dos países capitalistas centrais. O segundo fator constitui o não estímulo do desenvolvimento interno de tecnologias novas e mais produtivas, para que estas se transformassem na nova fonte do crescimento intensivo ou dos aumentos de produtividade na economia soviética e fossem capazes de reverter os impactos causados no crescimento econômico pelo terceiro fator. Este constitui a redução progressiva do impacto econômico do crescimento extensivo da economia soviética, o qual se baseava na replicação da tecnologia existente. O último fator foi a forma errada como o PCUS tentou solucionar problemas relativos à morosidade da implantação de novas técnicas.

A ausência de um incentivo direto a criação de novas técnicas e tecnologias aplicáveis produtivamente foi o responsável por não desenvolver a base da evolução tecnológica mundial a partir da segunda metade do século XX: a substituição da base técnica eletromecânica pela base técnica eletrônica.

Além da inexistência de um mecanismo de incentivo direto de desenvolvimento tecnológico na URSS, constatou-se a existência de mais entraves ao desenvolvimento intensivo da economia. A saber:

- Um entrave ao melhoramento da qualidade dos produtos soviéticos que se originou da adoção dos métodos de produção taylorista e fordista na estrutura

produtiva socialista soviética, onde inexistia a contradição entre trabalho privado e trabalho social;

- A morosidade para a adoção de novas técnicas na estrutura produtiva soviética que era uma consequência da combinação entre um aumento da burocracia no mecanismo de planificação gerado pela complexificação da estrutura produtiva e a própria forma de elaboração e execução dos planos econômicos.

Na tentativa de eliminar os entraves ao crescimento intensivo acima referidos, o PCUS cometeu quatro erros significativos.

1. A não identificação do principal problema a ser resolvido: a substituição da fonte de obtenção de novas tecnologias, o que fez com que este não fosse combatido e, conseqüentemente, não resolvido;
2. A descentralização da tomada de decisões, que inutilizou uma poderosa arma da economia socialista: o planejamento econômico central;
3. Má utilização dos conceitos crescimento extensivo e intensivo, que, combinada ao segundo erro, provocou desperdício de recursos de investimento;
4. Introdução de mecanismos de incentivo capitalistas ao aumento da produção, da eficiência e da implementação de novas técnicas, que acabou gerando maiores dificuldades à evolução da economia soviética, visto que introduzia mecanismos que tinham seu funcionamento condicionado a outras relações de produção capitalistas e que não só eram estranhos às relações de produção do regime socialista como entravam em contradição com suas forças produtivas.

O conjunto destes erros acabou impactando negativamente na quantidade de inovações aplicadas produtivamente na economia soviética, que caiu continuamente dos anos 1960 a 1985.

Por fim, nos resta dizer que as conclusões do presente trabalho nos levam a aceitação da hipótese por nós estabelecida, ou seja, a desaceleração econômica da URSS deveu-se ao esgotamento dos fatores extensivos e a dificuldade de fazer do crescimento intensivo a principal fonte do crescimento.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGANBEGUIAN, Abel G. A Revolução na Economia Soviética: a perestroïka. 2 ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1988;

ALLEN, Robert C. Farm to Factory: a reinterpretation of the soviet industrial revolution. 1 ed. Princeton: Princeton University Press, 2003;

BROUÉ, Pierre. União Soviética: da revolução ao colapso. 1 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996;

DRAGUÍLEV, M. S. A Crise Geral do Capitalismo. Editora Alba, 1961;

FERNANDES, Luís. URSS: ascensão e queda. 2 ed. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1992;

GERMER, Claus Magno. Marx e o Papel Determinante das Forças Produtivas na Evolução Social in Crítica Marxista. n 29. Campinas: IFCH Unicamp, 2009. pp. 75-95;

GÚROV, P.; GONCHAROV, A. La Política Agraria Leninista. 1 ed. Moscow: Editorial Progreso, 1977;

LENIN, V. O Imperialismo: fase final do capitalismo. João Pessoa: Editora Mandacarú, 1990;

MARX, Karl.; FRIEDRICH, Engels A Ideologia Alemã. São Paulo: Martin Claret, 2004;

MARX, Karl. Contribuição para a Crítica da Economia Política. 2 ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1973;

MARX, Karl. O Capital. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985;

OHNO, Taiichi, O Sistema Toyota de Produção: além da produção em larga escala. Porto Alegre: Bookman, 1997;

PAULINO, Robério. Socialismo no Século XX: o que deu errado? Goiânia: Kelps, 2008;

ROSENTAL, M. M.; STRAKS, G. M. Categorias del Materialismo Dialectico. 1 ed. México, D. F.: Editorial Grijalbo, S.A., 1958;

SEGRILLO, Ângelo. O Declínio da URSS: um estudo das causas. 1 ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2000;

SEGRILLO, Ângelo. O Fim da URSS e a Nova Rússia: de Gorbachev ao pós-Yeltsin. Petrópolis: Editora Vozes, 2000;

UNITED NATIONS – DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, World Economic Survey 1955, New York: 1956;

UNITED NATIONS – DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, World Economic Survey 1960, New York: 1961;

UNITED NATIONS – DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, World Economic Survey 1990: current trends and policies in the world economy. New York: 1990.

ANEXOS

ANEXO A: VARIAÇÃO DO PML DA URSS: 1929-1990 (EM PORCENTAGEM):

TABELA 35 - VARIAÇÃO DO PML DA URSS: 1929-1990 (EM PORCENTAGEM):

ANOS	VARIAÇÃO DO PML	ANOS	VARIAÇÃO DO PML	ANOS	VARIAÇÃO DO PML
1928	8,2%	1949	18,0%	1970	9,1%
1929	16,0%	1950	20,1%	1971	5,6%
1930	21,0%	1951	12,2%	1972	3,9%
1931	16,8%	1952	10,9%	1973	8,9%
1932	11,3%	1953	9,8%	1974	5,4%
1933	6,5%	1954	12,0%	1975	4,5%
1934	15,2%	1955	11,9%	1976	5,2%
1935	19,2%	1956	11,4%	1977	4,5%
1936	29,3%	1957	6,7%	1978	5,1%
1937	12,0%	1958	12,6%	1979	2,2%
1938	8,9%	1959	7,4%	1980	3,9%
1939	9,5%	1960	7,7%	1981	3,3%
1940	11,6%	1961	6,9%	1982	4,0%
1941	-8,0%	1962	5,6%	1983	4,2%
1942	-28,3%	1963	4,1%	1984	2,9%
1943	12,1%	1964	9,4%	1985	1,6%
1944	18,9%	1965	6,8%	1986	2,3%
1945	-5,7%	1966	8,0%	1987	1,6%
1946	-6,0%	1967	8,7%	1988	4,4%
1947	19,1%	1968	8,3%	1989	2,5%
1948	24,1%	1969	4,7%	1990	-4,0%

Fonte: Anos 1928-1938 calculados de BSE. 2 ed. v 29. p. 302; anos 1939 e 1940 calculados de Zaleski. 1980, pp. 578 e 579; anos 1941-1945 calculados de Narkhoz za 70 let. p. 43; 1946-1963 calculado de Narkhoz 1964. pp. 87 e 575; 1964-1971 calculado por Narkhoz 1972. p. 531; 1972-1976 a partir de Narkhoz za 60 let. p. 485; anos 1977-1984 a partir de Narkhoz za 70 let. p. 58 e 1986-1990 calculados de Narkhoz 1990. p. 7 apud Segrillo 2000b. p. 254.

ANEXO B: INCREMENTO ANUAL MÉDIO DA ECONOMIA DA UNIÃO SOVIÉTICA (EM PORCENTAGEM) – DIVERSAS FONTES:

TABELA 36 – INCREMENTO ANUAL MÉDIO DA ECONOMIA SOVIÉTICA (VARIAÇÃO MÉDIA DO PML) (EM PORCENTAGEM):

	1928-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1975	1976-1980	1981-1985
Taxas	10,8%	10,3%	7,2%	5,7%	4,3%	3,2%

Fonte: Segrillo (2000a, p. 10).

TABELA 37 – TXAS DE CRESCIMENTO DA ECONOMIA SOVIÉTICA (VARIAÇÃO DO PML E PNB) (% MÉDIA ANUAL):

ANOS	PML (NORODNOE KASYAISTVO-OFICIAL)	PNB (OFER e CIA)
1928-1940	14,3%	5,8%
1941-1950	6,3%	2,2%
1951-1960	10,3%	5,7%
1961-1965	6,5%	5,0%
1966-1970	7,8%	5,2%
1971-1975	5,7%	3,7%
1976-1980	4,3%	2,7%
1981-1985	3,2%	2,0%
1928-1985	8,4%	4,2%

Fonte: Segrillo (2000b, p. 249) Coluna PML da URSS (oficial): Narkhoz 1988, p. 8 e Tabela 3.2 do Apêndice 3; coluna PNB calculado por Ofer (baseado em Bergson e CIA).

TABELA 38 – CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO E ÍNDICES DE INFLAÇÃO DA URSS SEGUNTO TSsU (EM PORCENTAGEM ANUAL):

TSsU					
ANOS	CRESCIMENTO REAL DA PRODUÇÃO			INFLAÇÃO DOS PREÇOS POR ATACADO	
	INDÚSTRIA	CONSTRUÇÃO	RENDIA NACIONAL	REAL	OCULTA
1928-40	17	-	13,9	8,8	-
1940-50	-	-	4,8	2,6	-
1950-60	11,7	12,3b	10,2	-0,5	-
1960-65	8,6	7,7	6,5	0,6	-
1965-70	8,5	7	7,7	1,9	-
1970-75	7,4	7	5,7	0	-
1975-80	4,4	-	4,2	-0,2	-
1980-85	-	-	3,5	-	-
1985-87	-	-	3	-	-
1928-87	-	-	7,9	-	-

Fonte: CASTELLS (1999, p. 31) compilado por Harrison (1993, p. 147) com base na TSsU, Agência Central de Estatísticas (da URSS) apud Robério Paulino (2008, p. 166).

TABELA 39 – CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO E ÍNDICES DE INFLAÇÃO DA URSS SEGUNDO KHAIN (EM PORCENTAGEM ANUAL):

Khanin					
ANOS	CRESCIMENTO REAL DA PRODUÇÃO			INFLAÇÃO DOS PREÇOS POR ATACADO	
	INDÚSTRIA	CONSTRUÇÃO	RENDIA NACIONAL	REAL	OCULTA
1928-40	10,9	-	3,2	18,5	8,9
1940-50	-	-	1,6	5,9	3,2
1950-60	8,5	8,4	7,2	1,2	1,8
1960-65	7	5,1	4,4	2,2	1,6
1965-70	4,5	3,2	4,1	4,6	2,6
1970-75	4,5	3,7	3,2	2,3	2,3
1975-80	3	-	1	2,7	2,9
1980-85	-	-	0,6	-	-
1985-87	-	-	2	-	-
1928-87	-	-	3,3	-	-

Fonte: CASTELLS (1999, p. 31) compilado por Harrison (1993, p. 147) calculado com base em Khain (1991b) apud Robério Paulino (2008, p. 166).

TABELA 40 – TAXAS DE CRESCIMENTO DO PNB, CAPITAL E FORÇA DE TRABALHO SOVIÉTICOS⁸³:

ANOS	PNB	FORÇA DE TRABALHO (HOMEM/HORA)	CAPITAL (%)	PRODUÇÃO/CAPITAL (MÉDIO)
1951	3,1	-0,1	7,7	0,8
1952	5,9	0,5	7,5	0,8
1953	5,2	2,1	8,6	0,8
1954	4,8	5,1	10,5	0,7
1955	8,6	1,6	10,6	0,7
1956	8,4	1,9	10,3	0,7
1957	3,8	0,6	9,9	0,7
1958	7,6	2	10	0,7
1959	5,8	-1	9,7	0,6
1960	4	-0,3	9,2	0,6
1961	5,6	-0,7	8,9	0,6
1962	3,8	-1,4	8,8	0,6
1963	-1,1	0,7	8,8	0,5
1964		2,9	8,6	0,5
1965	6,2	3,5	8,2	0,5
1966	5,1	2,5	7,7	0,5
1967	4,6	2	7,2	0,5
1968	6	1,9	7,1	0,5
1969	2,9	1,7	7,2	0,5
1970	7,7	2	7,8	0,5
1971	3,9	2,1	8,1	0,5
1972	1,9	1,8	8,2	0,4
1973	7,3	1,5	8	0,4
1974	3,9	2	7,2	0,4
1975	1,7	1,2	7,6	0,4
1976	4,8	0,8	7,2	0,4
1977	3,2	1,5	7	0,4
1978	3,4	1,5	6,9	0,4
1979	0,8	1,1	6,7	0,3
1980	1,4	1,1	6,5	0,3

Fonte: Castells (1980, p. 37) apud Robério Paulino (2008, p. 355).

⁸³ Investimentos são expressos em rublos de 1970 e os dados sobre capital em rublo de 1973. O indicador produção/capital é calculado pela média, dividindo o valor absoluto da produção e do capital em um determinado ano, sendo o valor do capital a média do valor de dois anos consecutivos;